

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
Núcleo de Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Psicologia

**À SOMBRA DA MALDADE:
RELATOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

LUCILENE ZANOL

Porto Velho/RO
2015

LUCILENE ZANOL

**À SOMBRA DA MALDADE:
RELATOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra.

Linha de pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais

Orientador: Dr. José Juliano Cedaro

**Porto Velho/RO
2015**

**À SOMBRA DA MALDADE:
RELATOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

LUCILENE ZANOL

BANCA EXAMINADORA



Profa. Livre Docente Ana Maria Loffredo
Instituição Universidade de São Paulo – USP
Programa: Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento



Dra. Melissa Andrea Vieira de Medeiros
Instituição: Fundação Universidade Federal de RO
Programa: MAPSI



Dr. José Juliano Cedaro (Orientador)
Instituição: Fundação Universidade Federal de RO
Programa: MAPSI

Dissertação defendida e aprovada em 06/10/2015

Dedico esse trabalho às vítimas de violência sexual. É para elas que, no fim, as pesquisas dessa natureza e as aplicações de seus resultados devem se voltar, mesmo quando tenham o agressor como sujeito.

Dedico a minha família – pais, irmãos e esposo – que, cada um ao seu tempo, me oportunizaram a chance de estudar, mesmo quando as condições financeiras se fizeram extremamente precárias. Todo fruto colhido é nosso, sempre. Sou privilegiada por tê-los em minha vida. Obrigada!

AGRADECIMENTO

Ao meu amor *Rivalter*, pelo carinho, compreensão e companheirismo. Com você, tudo se torna mais fácil.

Ao *Gustavo e Eduardo*, meus filhotes, que suportaram minha ausência quando necessário. Amo muito vocês.

Ao *Juliano Cedaro*, pela parceria tão frutífera. Querido professor, obrigada pela sua orientação. Senti-me guiada pelos seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, imensamente respeitada, pois me permitiu liberdade para encontrar meu próprio caminho.

À *Ana Loffredo*, pelas contribuições imprescindíveis durante o exame de qualificação e disciplina ministrada no programa.

À querida *Melissa Medeiros*, não apenas pelas contribuições neste trabalho, mas pela orientação e exemplo profissional desde os anos iniciais de minha formação acadêmica.

Aos colegas de trabalho mais que especiais, *Ana Paula Baldez*, *Maurício Castro*, *Pricila Fernandes*, *Jéssica Diniz* e *Giuseppe Moura*, que me ajudaram a conciliar o estudo com os afazeres da Vepema, muitas vezes assumindo parcelas do que eu deixei de fazer.

Ao *Sérgio William D. Teixeira*, pelo incentivo e permissão de flexibilidade nos horários de trabalho.

À querida *Iracema Tada*, que mesmo não participando diretamente neste trabalho, sempre me incentivou e oportunizou crescimento profissional e pessoal.

Aos demais professores pela dedicação em fazerem do Mapsi um programa tão promissor.

Aos colegas da Turma V do Mapsi. Constituímos juntos um *espaço de diálogo* tão necessário para que eu me sentisse acolhida e amparada nas dificuldades. Tudo se tornou mais leve com nossas constantes risadas.

Aos *Jujuzinhos André e Regis*, parceiros de orientação. Novas amizades que ficarão para sempre.

Às amigas-irmãs *Patrícia Marcele*, *Luanna Freitas* e *Valdênia Guimarães*, que me apoiaram tão de perto na realização do sonho do mestrado.

Ao *Wesley Germiniano*, pela acolhida e disponibilidade durante a produção de dados.

À Secretaria de Estado da Justiça de Rondônia e à Vara de Execuções Penais, pela autorização para realização da pesquisa.

Por fim, agradeço imensamente aos sujeitos que se disponibilizaram de tão bom grado a colaborar com essa pesquisa.

Que faríamos se não pudéssemos apontar como bodes expiatórios – isto é, perversos – aqueles que aceitam traduzir em estranhas atitudes as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos?

Elisabeth Roudinesco

RESUMO

ZANOL, Lucilene. *À sombra da maldade: relatos de homens autores de violência sexual*. s.n. 2015 113p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia, 2015.

Trata-se de uma pesquisa que teve como principal objetivo procurar entender o comportamento sexual considerado como um ato criminoso sob o olhar jurídico. Procurou-se entender como o sujeito autor dessa transgressão se define dentro de tal contexto, como se refere à vítima e como descreve a formação da própria sexualidade. Compreende-se que a importância deste trabalho está na necessidade de se entender as concepções que o autor de violência sexual tem sobre si e seus próprios atos, de forma que isso possa ajudar ações de profissionais que atuam a partir dessas questões. Utilizou-se para tanto o método psicanalítico, baseado principalmente nas contribuições de Herrmann (2001) no que diz respeito à clínica extensa e à pesquisa em psicanálise. Participaram dessa pesquisa cinco sujeitos do sexo masculino, sendo todos maiores que vinte e um anos, os quais já tinham sido condenados e estavam em cumprimento de pena no regime fechado. Não se fez distinção entre os subtipos de condenações para escolha dos sujeitos e, portanto, a violência impetrada por eles teve características variadas. Destaca-se que o referencial psicanalítico freudiano constituiu-se como suporte e como operador de leitura desde as escutas feitas nos atendimentos, bem como no processo de análise. Constatou-se que os sujeitos da pesquisa alternam entre um discurso que reconhece a presença da perversidade em suas ações e de obtenção de prazer na realização de atos cruéis, com falas em que denotavam não conceberem os atos que levaram à prisão como sendo destrutivos ou passíveis de condenação. Em ambas as manifestações, declaravam ou se queixavam de estarem *presos* a um padrão compulsivo, do qual não conseguem escapar, mesmo quando lutam contra.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Perversão. Violência sexual. Agressor, Direito.

ABSTRACT

ZANOL, Lucilene. *In the shadow of evil: narratives of men who committed sexual violence*. 113p. Dissertation (Master`s Degree in Psychology). Health Care Center. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia, 2015.

The main objective of this research was to try to understand the sexual behavior considered as a criminal act under the legal look. We aimed to understand how the author of this transgression defines him/herself in this context, how he/she refers to the victim and how he/she describes his/her own sexuality formation. We understand that the importance of this work lies in the necessity of understanding the conceptions the author of sexual violence has of him/herself and of his/her own acts, so that it can help professionals that deal with those matters. We used the psychoanalytic method, based mainly on contributions of Herrmann (2001) regarding the extensive clinic and research on psychoanalysis. Five male subjects took part in this research, all above twenty years old, which had already been convicted and were serving a sentence in an enclosed regime. We did not distinct among subtypes of convictions to choose the subjects and, therefore, the violence filed by them was of many types. We highlight that the Freudian psychoanalytic referential was construed as a support and reading tool not only of the listening sessions, but also in the process of analysis. We noticed that the research subjects alternate between a discourse that recognizes the presence of evil in themselves, feeling pleasure in the perpetration of cruel acts, and discourses that indicated there was no perception that their acts were (or are) destructive. In these cases, they claimed they were prisoners of a compulsive behavioral pattern from which they cannot escape.

KEY WORDS: Psychoanalysis; Perversion. Sexual violence. Aggressor. Law.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MÉTODO	18
2.1 Procedimentos para a pesquisa e os sujeitos contatados	18
2.2 A pesquisa em Psicanálise.....	19
3 - AS CENAS.....	24
3.1 - Cena Um: O holograma	24
3.2 - Cena Dois: “Se uma mãe tiver que chorar, que seja a sua”	31
3.3 Cena Três: “Eu não consigo resistir”.....	36
3.4 Cena Quatro: “É meu deleite te ver sofrendo”	41
3.5 Cena Cinco: “Eu sabia que não deveria ir, mas não resisti”	45
4 SUPORTE TEÓRICO	50
4.1 Perversão em psicanálise: a construção do conceito	51
4.2 Pulsão de morte	64
5 ANÁLISE	74
5.1 Transgressão e crueldade.....	74
5.2 A pulsão é indomável, avessa à educação e às normas	84
5.3 O sujeito e a lei	90
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	101
7 REFERÊNCIAS	106
8 APÊNDICE - Parecer Consubstanciado do CEP	112

1 INTRODUÇÃO

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública informam que no ano de 2013 foram registradas 50.320 ocorrências policiais para crime de estupro no Brasil, perfazendo uma incidência de 25 casos por 100 mil habitantes. Levando em consideração, segundo a mesma fonte de dados, que, aproximadamente, apenas 35% das vítimas relatam à polícia a violência sofrida, a estimativa sobe para 143 mil possíveis casos. Quando traça o perfil por estado da federação, o relatório do referido Fórum conclui que Rondônia é o terceiro estado brasileiro com maior número percentual de estupros, com 48,1 casos por 100 mil habitantes, muito superior à média nacional. Em números absolutos, registrou-se aqui 833 atos criminosos dessa natureza em 2013.

Mesmo que nem todas as ocorrências policiais culminem em condenações¹, os dados compilados pelo Fórum de Segurança Pública nos oferecem a dimensão desse problema contrastante com leis e discursos em nome do bem-estar e proteção à pessoa.

Vale ressaltar aqui uma pesquisa realizada por Vargas (2008) a respeito do sistema jurídico de proteção em casos de violência sexual. Ela utilizou dados registrados na delegacia de defesa da mulher, no Ministério Público e nas Varas Criminais do município de Campinas/SP no período de 1988 a 1992. Concluiu que no fluxo de atendimento às demandas advindas dos crimes sexuais existe uma significativa filtragem na qual 71% das queixas são arquivadas, não havendo andamento do processo. Isso acontece principalmente quando se trata de agressores jovens, entre 18 e 24 anos, e vítimas também jovens, dos 14 aos 19 anos. A justificativa para tais fatos se baseia em dois pontos: 1) o acusado, geralmente, é estranho à vítima e não é localizado ou; 2) a vítima desiste da queixa devido ao medo ou vergonha do agressor, ou, ainda, por querer preservar sua família. Ao fim, constatou também que haveria um comportamento desestimulador advindo dos próprios policiais, que antecipariam um veredicto negativo sobre a possibilidade de condenação. Os resultados trazem relevante contribuição ao passo que a autora nos alerta para as falhas que existem nesse sistema de proteção à vítima.

Ao iniciar o exercício profissional de psicóloga forense no Poder Judiciário de Rondônia, foi-me inevitável questionar alguns pontos relacionados à agressividade humana. De tal forma, passei a focalizar aspectos idiossincráticos presentes no discurso dos acusados ou condenados,

¹ Dados do Ministério da Justiça informam que 21.504 pessoas cumpriam pena por estupro, atentado violento ao pudor e corrupção de menores no Brasil em 2012.

sobretudo em relação a crimes sexuais e as razões atribuídas por eles para justificar suas ações. Assim, com meu ingresso no mestrado em Psicologia, surgiu oportunidade de sistematizar as informações desse meu trabalho em formato acadêmico, aprofundando entendimento na temática escolhida. Ao olhar o fenômeno da violência sexual com foco no seu autor, levantei alguns questionamentos.

O que leva uma pessoa a não querer ou não conseguir cumprir as regras de convívio social e de civilidade? Como as pessoas agressoras sexuais veem sua própria sexualidade e como pensam a construção dela ao longo de suas histórias de vida? Como essas pessoas se autoimplicam em relação à(s) sua(s) vítima(s) e ao grupo comunitário e/ou familiar do qual os dois faziam parte no momento da violação? E, por fim, como estas pessoas se definem em relação à sociedade e às leis gerais de regulação sexual perante as quais é considerado transgressor?

São frequentes os argumentos que a falta de ação pública em serviços básicos como Educação, por exemplo, leva à degradação social e favorece a entrada de muitos jovens para a vida de contravenções e crimes. Contudo, é pertinente também considerar outras questões de ordem subjetiva que contribuem substancialmente para levar uma pessoa a adotar comportamentos sexuais transgressivos.

Pensar a sexualidade na tentativa de compreender algumas de suas características é desafiador e muito complexo, pois se trata de algo que perpassa toda a vida do ser humano. Além dos condicionantes individuais, as expressões da sexualidade precisam ser compreendidas também a partir das condições sócio históricas de cada época. Estudá-la requer, necessariamente, ampliar o olhar para essas questões, pois há uma miríade de fatores a serem considerados acerca das regras que institucionalizam a relação das pessoas com a sexualidade.

Sem negar a vasta possibilidade e a necessidade de estudos variados na área, o recorte feito neste trabalho foi no intuito de procurar entender a sexualidade enquanto ato desviante da normativa legal atual, regida pelo código penal brasileiro. Ou seja, interessa aqui o comportamento sexual que se traduz em ato criminoso diante do que determina o Direito e como o sujeito autor dessa transgressão se define dentro de tal contexto.

O código penal brasileiro, no que tange às normas de regulamentação das condutas sexuais socialmente reprováveis, sofreu profunda alteração ao ser promulgada a lei 12.015, em agosto de 2009. A principal novidade aparece no título: “Dos crimes contra a dignidade sexual” e

não mais “Dos crimes contra os costumes”. Isso deixou evidente que o novo código ordenador passaria a considerar a sexualidade de cada pessoa como um bem maior, compondo um dos aspectos da dignidade humana e não mais como um simples costume.

A referida lei dividiu o conjunto de artigos pertinentes ao tema dos crimes sexuais em oito capítulos, sendo os dois primeiros os que mais interessam nesse estudo. No Capítulo I, Artigo 213, está descrito o crime de estupro delimitado como “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. A pena mínima é de seis anos, podendo chegar a trinta se a conduta resultar em morte da vítima.

A inovação neste artigo, a partir da reformulação, é que nele se adotou o termo genérico “alguém” e não “mulher” como anteriormente se adotava, ampliando a abrangência do determinante penal para os homens que porventura forem violentados. Destaca-se também o fato de que não só a conjunção carnal, mas qualquer ato libidinoso, até um beijo lascivo, é considerado estupro se efetuado contra a vontade do outro.

O Capítulo II trata dos crimes contra vulneráveis. Aos olhos da lei, além dos menores de 14 anos, são vulneráveis também as pessoas que por enfermidade ou deficiência mental não têm o necessário discernimento para a prática do ato sexual ou ainda aquelas que, por qualquer outra causa, não podem oferecer resistência. Descreve-se no Artigo 217-A que ter conjunção carnal ou praticar qualquer outro ato libidinoso com alguma pessoa nesse perfil, incorre-se em crime de estupro de vulnerável. A pena mínima nesses casos é mais alta, mínima de oito anos, podendo chegar a 30 se a vítima vier a falecer em decorrência do ato.

A proteção ao público infantil, estendido aos demais considerados vulneráveis, foi fortalecida pelo fato de que, após a nova redação, a efetivação da punição legal prescinde do ato ter ocorrido com violência. Esta se faz implícita pela diferença nos desenvolvimentos físico e mental dos envolvidos. Outro ponto de destaque é que a denúncia se tornou uma ação penal pública incondicionada, ou seja, prescinde da condição da vítima querer mover a ação penal, como nos crimes sexuais contra adultos. Para esse público, compete ao Ministério Público oferecer a denúncia, independente da vontade da vítima ou de sua família. Este detalhe legal é muito importante, pois com ele o Estado reconhece seu dever em assegurar o direito das pessoas vulneráveis à dignidade sexual.

Os sujeitos que têm os comportamentos estudados nessa pesquisa são homens adultos que transgrediram as normativas legais em relação às regras sexuais estabelecidas na sociedade brasileira atual e se encontram, por isso, em cumprimento de pena de restrição de liberdade. Não se fez distinção em relação aos artigos legais infringidos e foram convidados a participar homens condenados pelos mais variados tipos de crimes sexuais. Mesmo ciente de que as subcategorias de crimes sexuais – contra criança, adultos, homens ou mulheres, intra ou extrafamiliar – tem suas especificidades e merecem estudo à parte; nesta pesquisa o mote principal é pensar a transgressão sexual criminosa de uma forma geral e pela ótica de seu autor.

A Psicanálise Freudiana foi escolhida tanto como método, quanto como aporte teórico para análise das falas produzidas pelos sujeitos pesquisados. Há que salientar, todavia, o caráter interdisciplinar dessa pesquisa. A Psicanálise é ponto central como orientação para a investigação, mas há também interfaces com a Psicologia, o Direito e, por vezes, com a Psiquiatria, áreas das quais se lança mão no intuito de entender e melhor discutir a temática proposta. A necessidade de interdisciplinaridade foi sentida logo no início da pesquisa quando se intentou conhecer o cenário acadêmico no qual se inseria a proposta de estudo. Com referencial teórico psicanalítico foram encontrados apenas dois estudos.

Em buscas feitas sobre esse assunto nos portais de periódicos da Capes² focalizando produções dos últimos dez anos verificou-se que os estudos são bastante escassos no que tange tratar do assunto a partir da perspectiva do autor da violência sexual. É fácil constatar também que os estudos que o fazem apresentam fortes características demográficas ou trazem análises calcadas em vertentes moralizantes.

Após filtragem, elegi alguns estudos que tratam da temática enfocando o autor do ato sexual criminoso e lanço mão dos seus resultados numa tentativa de trazer alguns pontos que se aproximam dos questionamentos por mim levantados.

Em panorama geral, constatei que a maioria das pesquisas que tem o agressor como foco se dá em relação ao abuso sexual infantil (HABIGZANG et al., 2005; PECHORRO; POIARES; VIEIRA, 2008; SERAFIM et al., 2009; MORAIS et al., 2007; SANFELICE; De ANTONI, 2010; JESUS, 2006; MARQUES, 2005; CORTELLETE; PINTO; MILANI, 2013). Apenas em uma pesquisa encontrada as vítimas eram exclusivamente mulheres adultas (SUDÁRIO; ALMEIDA; JORGE, 2005). Em três delas a intenção era investigar também a presença, ou não, de outros

² Foram acessadas as bases de dados da Scielo e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

transtornos comportamentais como psicopatia, agressividade e alcoolismo (SERAFIM et al., 2009; COSTA; MELLO, 2012; SANFELICE; De ANTONI, 2010). Em outras quatro, o principal objetivo foi investigar como os agressores se autodefiniam em relação aos seus comportamentos (MORAIS et al., 2007; SANFELICE; De ANTONI, 2010; JESUS, 2006; MARQUES, 2005) e apenas uma (VARGAS, 2008) se propôs a investigar como se dava a condução, no sistema de justiça, de casos de crimes sexuais.

Quando os pesquisadores investigaram a associação entre crimes sexuais e outros transtornos comportamentais (SERAFIM et al., 2009; COSTA; MELLO, 2012; e SANFELICE; De ANTONI, 2010), a conclusão foi pela possibilidade de associação entre um quadro e outro. Ou seja, na presença da psicopatia, por exemplo, o agressor tende à insensibilidade afetiva e diminuição da empatia no momento do ato. Para Serafim et al. (2009) existiria também um caráter comportamental compulsivo obsessivo que começa provavelmente antes da iniciação sexual delituosa em casos de abusadores infantis. Costa e Mello (2012), num estudo feito com 100 presidiários do estado de São Paulo, identificaram diferenças comportamentais entre um grupo de homens condenados por crime sexual e outro grupo condenado por crime sexual seguido de homicídio, concluindo que estes últimos geralmente agiam sob o efeito de álcool e outras drogas. Destacaram também que tinham maior tendência ao suicídio, foram iniciados em ações delituosas ainda muito jovens e se mostravam mais impulsivos em comparação com os primeiros.

Verificou-se nos dados trazidos pelas pesquisas voltadas ao abuso sexual infanto-juvenil (SERAFIM et al., 2009; PECHORRO, POIARES; VIEIRA, 2008; CORTELLETE; PINTO; MILANI, 2013; MARQUES, 2005) que existe uma multiplicidade de perfis psicológicos em relação ao agressor, não tendo nenhum perfil que sobressaia e que possa ser apontado numa relação direta de causa e efeito. As motivações para tal crime são as mais variadas, podendo ser desde uma maior excitação e prazer em relações sexuais com mulheres jovens, advinda, segundo os autores, da naturalização do machismo (MORAIS et al., 2007); o agressor ter sofrido violações de direito e/ou violência sexual na infância (SANFELICE; De ANTONI, 2010; JESUS, 2006); presença de doença mental, imaturidade emocional, ausência de valores morais arraigados, sadismo ou ainda simplesmente uma situação favorável de acesso a uma criança (SERAFIM et al., 2009).

Em revisões de literatura (SERAFIM et al., 2009; CORTELLETE; PINTO; MILANI, 2013), os pesquisadores concluem que a terminologia utilizada para nomeação do autor do ato sexual criminoso contra crianças/adolescentes não é tomada em consenso. Abusadores, molestadores, agressores e pedófilos são termos usados indistintamente nos estudos e não raro podem receber definições contraditórias quando se compara um estudo com outro. Atenta-se aqui para a diferenciação que deveria existir principalmente para o último termo, pois pedofilia é uma definição clínica e não necessariamente constitui um crime.

Como observam Castro e Bulawski (2011) e Hisgail (2007), considerar a pedofilia um crime é um erro comumente encontrado em matérias midiáticas e na população em geral, porém a comunidade acadêmica necessita estar mais atenta à diferenciação entre os dois. Para Serafim et al. (2009), transtornos sexuais puros, como a pedofilia, seriam raros entre os condenados por crimes sexuais contra crianças/adolescentes. Essa população seria composta, em sua maioria, por abusadores e molestadores situacionais, ou seja, por pessoas ditas normais, sem nenhuma psicopatologia que aproveitam uma situação favorável ao cometimento de tal ato.

Quando as vítimas são mulheres adultas, as pesquisas apontam igualmente para a não existência de padrão único em relação ao agressor (VARGAS, 2008; SUDÁRIO; ALMEIDA; JORGE, 2005). Sudário, Almeida e Jorge (2005) ressaltaram ainda que pode haver grande variação comportamental num mesmo agressor. Durante um ato de violência ele pode, no início, proferir ameaças de morte à vítima e chorar emocionado, ao final.

Vargas (2008), seguindo parâmetro de outros pesquisadores, concluiu que o estupro é um crime para o qual não existe uma categoria homogênea e bem delimitada, tendo inúmeras variáveis, tanto para vítimas, quanto para agressores. Porém, esta pesquisadora identificou alguns padrões para este tipo de crime que se fizeram equivalentes aos encontrados em estudos internacionais. Homens de idade até 29 anos são os principais agressores enquanto crianças e mulheres muito jovens, na faixa de 10 a 19 anos de idade, são as vítimas preferenciais. Vítima e agressor, na maioria das vezes, advêm do mesmo meio social e a maioria dos atos delituosos desta natureza acontece dentro de casa. As vítimas de até 13 anos são violentadas principalmente por parentes ou pessoas muito próximas e a mesma relação ocorre para as mulheres na faixa de 30 a 39 anos quando o companheiro conjugal se destaca como principal agressor. As mulheres na faixa etária de entremeio às duas citadas anteriormente, ou seja, as adolescentes e adultas jovens são, em sua maioria, violentadas por homens que lhes são desconhecidos.

Sudário, Almeida e Jorge (2005), pesquisando o tema com vítimas mulheres e adultas, corroboram os resultados descritos acima chegando à conclusão que, para esse público específico, mulheres adultas, o agressor geralmente é estranho à mulher, faz a abordagem de forma discreta, sem assustá-la. Depois da aproximação efetivada, deixa claro seu objetivo, lançando mão de ameaças e intimidações. Durante o ato sexual, geralmente é frio e cruel, não se importando com as súplicas da vítima e age numa escala ascendente de intimidação e violência, colocando-a em risco de morte. Após o ato consumado o comportamento do agressor apresenta variação, podendo ser de agressividade e ameaças ante a possibilidade de denúncia como também pode ser de labilidade emocional com pedido de perdão ou proposta de encontros futuros.

Para os casos de abuso sexual infantil Habigzang et al. (2005) concluíram existir, por parte do acusado, uma tendência a negar o ato criminoso e entre aqueles que o confirmam há propensão em atribuir culpa do acontecimento à vítima ou a outra pessoa, como cônjuge, vizinhos ou familiares.

Pechorro, Poiares e Vieira (2008), atentando-se à grande variedade de possíveis causas e perfis comportamentais, colocam em xeque a validação da avaliação psicológica enquanto prova jurídica nesses casos.

Passando aos estudos que trazem a Psicanálise como norte, temos a revisão bibliográfica que Alves e Sousa (2004) realizaram com intuito de caracterizar o tema da perversão sob a ótica da Medicina legal e da Psicanálise. Os autores concluem que a Medicina legal, mais precisamente a Psiquiatria Forense, ao longo do tempo, categoriza os atos sexuais desviantes dentro do que conceitua como parafilias. Circunscreve-os tão somente à esfera sexual e não ampliou o uso do termo perversão, como o fez Freud, para uma conjuntura estrutural do ser humano.

Para Alves e Sousa (2004), a psicanálise, apesar de não ser a mais indicada para fins de laudos periciais na fase de julgamento de um processo criminal por violência sexual, ela poderia trazer imensa colaboração no que tange a um diagnóstico diferencial e indicação de psicoterapias mais adequadas a cada caso. Com esse pensamento, os autores concluem que ao descartar a Psicanálise como auxílio teórico, a Psiquiatria Forense acaba por perder a oportunidade de sair de um posicionamento reducionista e ampliar seu campo de discussão.

Marques (2005), por sua vez, utilizou a Psicanálise para investigar aspectos psicológicos e psicodinâmicos de três homens condenados por abuso sexual contra suas filhas/enteadas. Sua intenção com a pesquisa foi trazer à discussão a importância do diagnóstico diferencial em cada

caso de abuso sexual intrafamiliar. Isso se faz necessário para que não se coloque todos os criminosos sexuais incestuosos numa mesma categoria, genérica e sem especificidades. Além de entrevistas individuais com os sujeitos, a pesquisadora aplicou o teste de *Rorschach* e acessou seus prontuários na unidade prisional. A Análise de Conteúdo e o referencial da Psicanálise lhes serviram como base para compreensão dos dados colhidos.

A pesquisadora chegou à conclusão que a atitude dos sujeitos diante do incesto tende à negação e desculpabilização de si mesmos. As mulheres são vistas por eles de forma desqualificada e sem valor. Em todos havia fragilização da representação da lei e também da ética e da moral e o narcisismo era traço marcante nas personalidades de dois dos sujeitos. Marques (2005) concluiu ainda que o protagonista do ato incestuoso pode ser considerado portador de psicopatologia ou transtorno de personalidade, porém ressalta necessidade de se investigar outros fatores. Há que se atentar, segundo ela, para as particularidades de cada caso, mesmo quando as estruturas mentais se fizerem similares, pois só o diagnóstico diferencial permitiria a elaboração de parecer mais sólido não levando a generalizações baseadas em simples suposições.

Diante do cenário acadêmico sobre a temática posto acima, acredito que esta pesquisa se justifica a partir do momento em que enseja contribuir com a ampliação da compreensão do que seja tratar o fenômeno da violência sexual pela ótica do agressor.

2 MÉTODO

2.1 Procedimentos para a pesquisa e os sujeitos contatados

Os sujeitos desta pesquisa estavam encarcerados. Por isso, a intenção de pesquisa foi apresentada à Secretaria de Estado da Justiça (SEJUS) e à Vara de Execuções Penais de Porto Velho (VEP) órgão e setor que cuidam, respectivamente, da execução de penas restritivas de liberdade e do monitoramento/correição dessa execução. Após os consentimentos institucionais, submeti o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia (CEP/UNIR) e ele foi devidamente aprovado, conforme Parecer Consubstanciado em anexo.

Seguido aos trâmites de aprovação busquei a direção da unidade prisional onde se concentrava o maior número de homens condenados por crimes sexuais na comarca. Na época havia um total de 44 deles naquele local, obedecendo a acertos logísticos definidos pela gestão.

Concordou-se que eu ficaria à disposição para atendimento de todos que estivessem cumprindo pena por este tipo de crime e durante os encontros eu colocaria junto aos atendidos minha intenção de pesquisa e o convite para sua colaboração, ressaltando-se que a recusa não implicaria em término da assistência ora destinada.

Os atendimentos passaram a ser realizados nas dependências da própria unidade. Todas as semanas, por um período de nove meses, fiquei à disposição, oferecendo escuta segundo o método de orientação psicanalítica. A unidade não conta com consultórios psicológicos ou ambientes similares; por isso, foi utilizado o espaço da biblioteca para os atendimentos. Ali tinha ar refrigerado e cadeiras com assentos estofados, o que permitiu um mínimo de conforto. Para garantir a privacidade e o sigilo, a equipe de segurança se posicionava do lado externo da sala e combinou-se também que todo material que porventura fosse produzido não passaria por manuseio dos agentes. Como os sujeitos não se sentiram à vontade e não autorizaram as gravações, esse material consistiu, na maioria das vezes, de anotações pontuais que me serviam como elemento para construção de uma versão escrita dos atendimentos. Para tanto, lancei mão de paráfrases, sempre que não me recordava das falas literais.

O primeiro atendimento foi feito com pessoa indicada pela direção da unidade. Após o primeiro, as demandas me chegavam a partir de indicações dos próprios atendidos, no estilo bola de neve; e também por demanda espontânea após tomarem conhecimento de que o serviço estava

sendo ofertado. Durante o período de atendimento tive contato com 18 pessoas, dentre as quais foram eleitos cinco sujeitos que preenchiam os critérios de inclusão, que são os seguintes: 1) disponibilidade para falar sobre o crime sexual; e 2) interesse de colaborar com a pesquisa. A eles foi apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual constava o objetivo e princípios norteadores da pesquisa, conforme determina o Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012.

De tal maneira, realizei de três a sete atendimentos com cada sujeito que passaram a fazer parte da pesquisa, totalizando de 25 encontros, os quais duraram, em média, de aproximadamente cinquenta minutos cada um.

Os atendimentos foram conduzidos pelo viés da Psicanálise, primando-se pela técnica de atenção flutuante e permitindo ao interlocutor espaço para associar livremente. Procurei, dentro da necessária flexibilidade a este tipo de pesquisa, fazer perguntas ou algum comentário, permitindo que o sujeito se sentisse livre para falar o que quisesse ou não abordar assuntos que o incomodasse. Não se delimitou número máximo de encontros, ficando como critério de término a manifestação deles. Contudo, com quatro sujeitos o encerramento ocorreu à revelia deles, pois houve mudanças estruturais no sistema prisional e eles foram transferidos para uma unidade carcerária que não oferecia condições para continuar os atendimentos.

2.2 A pesquisa em Psicanálise

A Psicanálise é uma modalidade de conhecimento *sui generis*, pois foi definida desde sua concepção como possuidora de três vertentes: uma técnica para tratamento de distúrbios neuróticos, uma teoria a respeito da psique humana e também um método para investigação dos processos psíquicos (FREUD, 1923a/2011). Diferente da Psicologia existente à época, ela firmou-se tendo como objeto de investigação o inconsciente. Isso veio lhe conferir uma nova lógica de pensamento, pois estaria lidando com um objeto não mensurável e somente observável em suas expressões: os sonhos, atos falhos e os sintomas.

A ética que permeia a Psicanálise também é diferenciada. Fala-se aqui de uma ética do sujeito. É a singularidade, os sentidos e os significados atribuídos pelos sujeitos às suas inquietações que interessa à investigação psicanalítica. Seu desafio é fazer emergir o sujeito do inconsciente, as realidades subjetivas, como o lugar da verdade. Assim, enquanto arcabouço

teórico, a Psicanálise é marcada pela possibilidade de introduzir novas indagações e problematizar seus conceitos, sendo uma das ferramentas a serviço da ciência para pensar as diversas questões humanas.

Nascida dentro do consultório, com seu desenvolvimento a Psicanálise foi cada vez mais adentrando outros espaços, sendo a universidade um deles. Neste, apesar de não se adequar aos métodos tradicionais de fazer ciência, vem, cada vez mais, demarcando seu espaço. Como afirma MEZAN (1993, p.56):

A universidade não se limita a um veículo de divulgação dos conhecimentos obtidos fora dela, mas é também um lugar de descoberta e de invenção. Pressupõe-se que a psicanálise possa nela ser tema de reflexão conforme as regras de todo pensamento, isto é, que possa ser objeto de enunciados coerentes e passíveis de debate, consignados em aulas, artigos, livros, e não apenas domínio privado do psicanalista, que se escudaria atrás de sua prática para se dispensar de expor os resultados e questões a que essa prática o conduz.

Fábio Herrmann (2002), no Brasil, foi um dos psicanalistas que mais incentivou a ampliação do uso da psicanálise para além da clínica clássica e denominou essa prática de clínica extensa. Defendendo a investigação fora do *setting* tradicional, Herrmann (2004) afirma que o método interpretativo pertinente à psicanálise, pode perfeitamente ser estendido ao *mundo real*, às ocorrências do cotidiano, e pode fomentar o crescimento da psicanálise enquanto teoria da cultura e dos costumes contemporâneos.

Por conta de posicionamentos como esses, a Psicanálise vem se consolidando também como um método de pesquisa acadêmica, com destaque para produções de trabalhos fora da clínica clássica de consultório. Como ressalta Herrmann (2004), trata-se de trabalhos que extrapolam os muros que os psicanalistas foram criando em torno da Psicanálise e passaram a por “a mão na massa de que é feito o mundo”.

Em consonância com esses posicionamentos, Rosa (2004) também defende uma prática de pesquisa psicanalítica extramuros, ou em extensão, na qual se aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico.

Desde o início de sua obra, Freud validou essa forma de investigação da psique humana. Pois, por muitas vezes escreveu sobre uma *psicopatologia da vida cotidiana* mostrando a presença do inconsciente nos acontecimentos corriqueiros como os chistes, esquecimentos ou em algumas manifestações culturais. Como afirma Hermann (1993, 2001, 2004), muitos dos principais textos psicanalíticos freudianos foram construídos com material extraído fora do

setting clínico.

Ao pensar a psicanálise como prática de pesquisa, nos ajuda muito a noção de Campo trazida por Herrmann (2001). Para este autor, campo é aquilo que delimita qualquer relação humana. Campos são regras de organização, são ordens produtoras de sentido. Porém, ele só fica visível quando não está mais em vigência, quando é rompido. É o rompimento do campo, que se dá pela quebra de rotina, pela emergência do absurdo, que permite a captação de seus constituintes.

Na situação psicanalítica, o que torna possível o rompimento do campo é a transferência. Essa relação emocional forte dá segurança ao paciente para adentrar ao campo interpretativo proporcionado pelo psicanalista e sair do campo do simples relato.

Por não se revelar quando em vigência, o campo esconde-se no avesso da relação sustentada. Pelo ato psicanalítico interpretativo o paciente pode apropriar-se, aos poucos, da estrutura determinante de sua consciência e captar os elementos constituintes dos campos relacionais rotineiros de sua vida, destinando-lhes uma produção de sentidos. Nesse ponto surge o inconsciente relativo:

Campo é o inconsciente em sua ação concreta. Não necessariamente o Complexo de Édipo, ou qualquer das formações psicanalíticas conhecidas, mas o inconsciente de uma relação humana. A decifração de qualquer relação mostra os determinantes da consciência nela empenhada, ou seja, seu *inconsciente relativo*, o inconsciente da relação (HERRMANN, 2001, p.107, grifo do autor).

A noção de campo psicanalítico é o que organiza a terapia analítica e também as outras práticas derivadas do método da Psicanálise, como a pesquisa em psicanálise, por exemplo. O campo psicanalítico é o reverso perfeito do campo da rotina, pois traz em si a obrigatoriedade da ruptura dos campos apresentados pelo discurso do sujeito. Na análise, e na pesquisa psicanalítica, constroem-se juntos os sentidos (das vivências) e os dados (da pesquisa). Como ressalta Tanis (2004, p.86):

Há algo no método psicanalítico que quando opera, traz à luz, revela; ele possui um efeito disruptor no campo do sentido comum, possibilitando novas significações, resgatando a polissemia da linguagem e das experiências emocionais. A pesquisa em psicanálise pode colocar em evidência esse modo de produção do conhecimento na nossa disciplina. E, nesse sentido, ela carrega a força do ato criador que funda nossa prática. Um conhecimento que não é estático nem definitivo, mas que estando aberto a ressignificações, obedece as regras do campo que o produz.

Rosa (2004), Costa e Poli (2006) e Rosa e Domingues (2010), defendem que o sujeito do inconsciente é resultante de um laço discursivo que vai ser reproduzido na transferência. Logo, o campo de observação do pesquisador em psicanálise é construído na interação entre ele e seu interlocutor, num processo de realimentação mútua. Não há um dado a ser simplesmente observado, buscado ou revelado. São demandas e questões que surgem e vão sendo construídas na relação, no campo relacional estabelecido.

Costa e Poli (2006) defendem que deve ser assim porque na pesquisa psicanalítica opera-se com o inconsciente, com um saber que é apenas *suposto* e, portanto, as condições de produção de conhecimento sobre esse “insabido” são internas ao campo relacional que o constitui. As implicações do pesquisador nesse caso, nem seria preciso ressaltar, são nítidas.

Falando especificamente sobre as entrevistas para uma produção de pesquisa psicanalítica, Herrmann (1993, p.152) afirma que ela se caracteriza essencialmente por descobrir na ação a sua própria estratégia:

É uma entrevista onde alguma coisa vai acontecer entre entrevistador e entrevistado a partir de, por exemplo, um “como vão as coisas?” e objetiva saber o que é mais premente dentro dessa pessoa, para se comunicar. Deixar que isso fale e ir seguindo a linha do que está sendo falado.

Não é isenta de direcionamento, pois o pesquisador pode conduzir a entrevista no sentido de saber que dados de entrevistas anteriores podem ser tocados, mas sempre pelo ângulo do entrevistado, e não pelo do entrevistador. As intervenções não são feitas no sentido comum que se faz em consultório, mas para que se produza mais sentido em torno da questão levantada. Trata-se de, sutilmente, ir rompendo os campos limitadores para que surjam outras coisas (HERRMANN, 1993, p.153). Para Costa e Poli (2006), pode-se situar essas entrevistas do lado do que se costuma denominar de testemunho, uma enunciação daquilo que permaneceu numa condição de mutismo.

Diante dessas especificidades, as hipóteses, para o pesquisador em psicanálise, precisam ser pensadas de forma ampla e indefinida, em um primeiro tempo, para que possibilitem ao entrevistado formular sua própria questão e responder a ela, na transferência, de forma singular, sem prescrições prévias. Como defendem Costa e Poli (2006), a formulação das hipóteses se faz acompanhar das respostas que foram possíveis construir naquele contexto.

Segundo CAON (1994), a partir dos dados produzidos podem ser utilizadas duas técnicas

de análise: a leitura dirigida pela escuta e a *transferência* do pesquisador ao texto. Na leitura dirigida pela escuta, o pesquisador procura identificar, de modo semelhante à clínica, as falhas e tropeços de um discurso realizado, porém, neste caso, intermediado pela escrita.

Para Iribarry (2003, p.129), uma leitura interpretativa, dirigida pela escuta psicanalítica, é o dispositivo com o qual o pesquisador identifica contribuições singulares e diferenciadas daquelas que a literatura fornece e procura identificar significantes que assumem o caráter de contribuição para o problema norteador da pesquisa. Já a *transferência* instrumentalizada, segundo esse mesmo autor, possibilita que o pesquisador se dirija ao texto escrito a partir dos discursos dos sujeitos, relacionando seus achados à literatura trabalhada, procurando também, levar em consideração suas expectativas diante do problema e as impressões dos sujeitos que forneceram suas contribuições.

Com o texto trabalhado, pode surgir um ensaio a respeito da questão pesquisada. Desse ensaio viria o produto a ser comunicado pelo pesquisador como se fosse uma ficção teórica, não se confundindo, necessariamente, com a história relatada (CAON 1994).

Como afirma Iribarry (2003), não há pretensão de objetividade. Há uma vaga plausibilidade, sem interesse de uma verificação ou comprovação pela via da repetição do experimento. Interessa, tão somente, a experiência individual e sua potência de vivência criadora de aprendizagem. Para este autor, a não pretensão de realizar inferências generalizadoras e não trabalhar com os signos, mas com os significantes, que são circunscritos numa cadeia falada, num contexto, no qual o sujeito atribui valor e significado ao signo escolhido para definir suas vivências, é o que demarca a diferença da pesquisa psicanalítica em relação às demais abordagens.

3 - AS CENAS

Todos os sujeitos que colaboraram com esta pesquisa relataram sobre os fatos que os levaram à prisão. Eles vinham seguindo em atividades transgressivas e por vezes criminosas até que a interdição, na forma de regulação penal, se fez presente em suas vidas. Falam disso como se fosse um divisor de águas. Passou a ter um *antes* e um *depois* da prisão.

Um dos objetivos deste trabalho é discorrer sobre a intersecção entre os constituintes individuais que os moviam no caminho da transgressão e a representação que tem o Direito Penal em suas vidas. Por isso, elegi esse momento como crucial na vida de cada sujeito e passei a trabalhá-lo em forma de cena.

Dei às cenas uma linguagem literária, com narrativa em primeira pessoa pelo protagonista do ato de violência sexual. Em cada uma busquei enfocar o que houve de mais marcante em seus relatos de forma a mostrar o pensar e o sentir no momento em que efetuavam os atos criminosos.

Seguindo as cenas, há um tópico sobre o protagonista. Intento aí trazer as suas histórias de vida, com destaque ao que eles próprios consideraram como fatos mais marcantes. Suas falas literais se intercalam ao texto e se destacam em *italico*.

3.1 - Cena Um: O holograma

Era cedo da noite e eu estava sozinho em casa com a minha enteada porque minha esposa e filho tinham saído. Desde que ela nasceu, quase cinco anos antes desse dia, eu procurava ficar longe dela. Evitava muito contato, pois sua presença me incomodava. Ela era a filha de outro homem e eu me via obrigado a cuidar, pois quando soube da sua existência já era muito tarde para tirá-la do ventre da mãe.

Até hoje não sei por que minha esposa me deixou sozinho com ela, sabendo de tudo o que se passava. Ela deveria ter protegido mais a filha e, por isso, penso que ela também foi um pouco culpada por tudo que aconteceu.

A ideia de tirar essa criança da minha vida foi ficando cada vez mais forte. “Mata! Mata! Ela se voltará contra você, pois não é sua filha”, esses pensamentos perturbadores e frequentes me vinham sempre que estava drogado. “Traga ela para oferenda. Você já trouxe tantos”, diziam as vozes desafiando levá-la para os rituais satânicos dos quais eu fazia parte.

Resistia doutora, juro que resistia! Mas a voz sempre vinha e me alertava que a criança estava no limite da idade, ia completar cinco anos e não seria mais pura. Ou era naquele momento, ou não seria nunca mais! Eu não enxergava mais nada direito. Percebo isso agora. A cocaína e o álcool que eu estava usando há três dias me turvaram os olhos e quebraram as forças que ainda tinha para não fazer aquilo.

Improvissei um altar, desenhei um círculo no chão e acendi velas. Tudo conforme orientava o manual de magia negra. Deitei a menina no altar. Ela chorava assustada, não entendendo o que se passava. Seus gritos e choro não eram ouvidos, pois nossa casa era num sítio e os vizinhos ficavam distantes. Nada se interpunha entre sua fragilidade e minha vontade insana e homicida.

Naquele momento eu acho que tive um surto. Me considero normal, mas parece que naquela hora eu não tinha controle do que estava fazendo. Na minha insanidade virei bicho. Torturei minha enteada e dilacerei seus genitais. Se eu tivesse continuado, provavelmente a teria esquartejado, assim como fizemos no terreiro com as outras três crianças que levei para oferenda. Mas alguma coisa aconteceu dentro de mim. Parece que tive um estalo sabe? Olhei o sangue dela no chão. Olhei para ela machucada e vi que tinha feito tudo com minhas próprias mãos. Não usei arma nenhuma... No quê eu tinha me transformado?

Aquilo foi meu limite. Percebi o quão longe havia ido. Minha vida passou à frente de meus olhos e vi com clareza todo o mal que eu estava fazendo para ela e todo mal que havia feito para outras pessoas. Eu que matei a primeira vez aos nove anos e já somava uns 16 homicídios sem sentir remorso nenhum. Naquele momento me arrependi. Só com ela senti culpa.

Recuperei minha lucidez, parei com tudo, corri com ela para um hospital na tentativa de salvar sua vida. Logo depois me entreguei para a polícia. Ainda não sei direito o que aconteceu comigo, mas a morte dela é o que uso hoje para o meu controle. Quando fico com raiva e me vem a vontade de matar, lembro do que fiz com ela e que não posso repetir. Penso muito, mas não encontro justificativas para o que fiz. Não foi por dinheiro, nem troca de favores, como tinha sido com os outros... Ter matado ela sem motivo é algo que me corrói.

Gilberto

Gilberto havia sido detido quatro outras vezes, tendo sido acusado por furtos e roubos, mas em apenas uma dessas situações tenha sido condenado e acabou cumprindo uma pena alternativa, prestando serviço comunitário. Na quinta vez, que se refere à situação de encarceramento que fiz contato com ele, decorreu do ato descrito parágrafos atrás e ele procurou voluntariamente uma delegacia, assumindo o estupro e o homicídio da enteada. Foi condenado a 61 anos de pena.

Não se lembra do estupro, mas diz haver um laudo técnico em seu processo atestando presença de esperma na criança. *Não sei de onde eles tiraram aquele laudo, mas eu aceitei a condenação e a pena, acho que foi até pequena para tudo que fiz.*

Gilberto tem apenas 30 anos, mas sua história de vida é tão densa que ele próprio afirma se sentir mais velho. Nascido numa família de poucos recursos financeiros passou a infância num bairro de periferia. Ali, aos nove anos, durante uma pelada com os amigos, assassinou um deles. *A gente se desentendeu por lá e eu furei a barriga de um deles. Vi as tripas dele caindo [...] Eu andava sempre com uma faca. Aprendi a andar armado com meu pai. Nosso bairro era muito perigoso e a gente precisava impor respeito.*

Seu pai, que é figura central em sua história, também teria cometido dois homicídios. Segundo Gilberto, o pai dele cometeu os crimes para se defender.

A relação com o pai não era boa, pois seu genitor começou a constituir uma segunda família e havia trazido os filhos do primeiro casamento para viverem juntos. Nesse contexto Gilberto se sentia preterido, pois a cor da sua pele era morena, diferente dos outros irmãos que seriam claros. *Ele espancava a mim e aos meus dois irmãos mais moreninhos. Os outros filhos que tinham olho azul, igual ao dele, não apanhavam.*

Num ambiente familiar no qual aparentemente as relações eram pautadas pela agressividade, Gilberto tentava se destacar.

Eu sou o mais novo lá de casa e sempre fui o mais terrível. Eu matava os gatos, os cachorros, as galinhas. Meus irmãos tinham raiva porque minha mãe achava que eram eles que tinham feito. Eu aprontava e todo mundo pagava comigo. Um dia, meu irmão com raiva por eu ser tão traquina, me deixou preso no quarto escuro do início da noite até o meio dia. Eu fiquei apavorado.

O pai, de carrasco durante sua infância, passou a ser seu protetor quando iniciou execução de crimes de forma reiterada. *Ele sempre me ajudava a escapar da prisão. Arrumava testemunhas, pagava e eu saía.* Os crimes de Gilberto perfazem uma lista extensa, indo de furtos,

roubos a homicídios. *Ganhou o mundo* muito jovem. Aos doze anos passou a ficar longos períodos em fazendas, pois não mais aguentava a supervisão da justiça desde que cometeu seu primeiro homicídio aos nove anos. Em seu novo ambiente, no qual leis e normas não tinham vez, passou a dar vazão às suas habilidades homicidas fazendo disso seu ofício, o qual executava por dinheiro, por troca de favores ou simplesmente por prazer. *Eu matava por motivo fútil, sabe? Eu preferia matar do que brigar ou bater. Era sempre minha primeira opção. Já matei só para testar arma, eu falei: “Deixa eu ver se funciona e ‘pou’, matei”.*

Outro motivo que encontrava para matar eram os rituais satânicos dos quais participava. Conheceu a Umbanda por intermédio de seu pai, mas ele seria do lado bom da Umbanda, como afirma Gilberto. Ele, por outro lado, sempre gostou da magia negra, segundo enfatizava.

No grupo onde atuava e executava os rituais desta seita, ocupava lugar importante. *Era eu quem levava as oferendas.* Descreve recorrentes sacrifícios humanos para os quais ele era o responsável por capturar e conduzir as vítimas, dentre as quais recorda com ênfase de quatro crianças. Uma dessas crianças foi sua enteada, com a qual diz ter realizado o sacrifício em casa, numa cerimônia individual. Refere que já se encontrava num limite extremo com a prática de sua seita. *Naquela época eu já estava no nível de beber sangue humano nos rituais.*

Reconhece em si um mal inexplicável. *Naquela época eu era muito maluco. Eu gostava de fazer mal para as pessoas. O dia que eu não fazia, me sentia mal.* Uma deficiência nos valores morais. *Pra mim, naquela época, não tinha diferença entre ser criança, adulto, estar de frente pra mim ou de costas. Eu matava e pronto.* E também uma incapacidade de confiar. *Naquela época eu tinha muita dificuldade de confiar nas pessoas. Até com a mulher que eu estava, dormia com ela na cama, mas com o revólver carregado do lado.*

Aos seus olhos, a lei é falha. *Deixavam eu escapar tão fácil.* Assim, foi criando seus próprios códigos: *Eu fazia minha própria lei. Por exemplo, eu te roubava e pensava: ‘se ela quiser que venha aqui tomar de volta’.* A lei não dava conta de me acompanhar. *Eu era acelerado; eu vivia acelerado.*

Substâncias psicoativas eram suas perenes companheiras. *Eu usava muito drogas. Álcool, cocaína, tudo. Menos essa pedra, porque na época não tinha. E eu usava por muitos dias seguidos. Muitas vezes minha esposa ia me buscar na rua e trazia para casa. Eu ficava ligado por dias seguidos.* As drogas davam a ele a coragem necessária para o exercício de seu ofício. *Era mais fácil matar drogado. Eu me drogava para matar, para roubar [...] De cara limpa a*

gente treme mais. Quando fiz isso, a cena ficou passando na minha mente como fotografias e eu ficava vendo. Foi ruim.

Sobre emoções e principalmente sobre o amor, Gilberto tem pouco a falar, pois se define como incapacitado para tal sentimento, principalmente se está fazendo referência à sua história pregressa. Quando falava sobre sua companheira, a mãe da enteada assassinada, aparentava descrever um contrato que haviam firmado, uma espécie de pacto, e não uma união matrimonial.

Ela era ótima. Eu gostava muito dela. A gente se dava bem porque cada um respeitava a liberdade do outro e também porque a gente se entendia nessa questão de dinheiro. Eu ganhava e ela administrava bem. Eu nunca fui bom administrador de dinheiro e ela me ajudava nisso. Mas amar, eu não amava não.

Estende essa sua incapacidade para todas as pessoas. *Na verdade eu não amava ninguém. Eu não conseguia. E nem me importava com isso. Achava que as pessoas ficavam juntas só por interesse mesmo. Eu não amava as mulheres que eu tinha, pra mim eram objetos.*

Tanto Gilberto quanto a companheira exerciam a liberdade sexual fora do casamento, porém ela engravidar de outro homem era uma das únicas coisas que ele não aceitava. Já havia lhe imposto que abortasse noutra vez, mas na segunda situação a gestação estava avançada quando descobriu. A criança fruto “desse deslize” seria aquela a ser imolada na cena descrita.

A sexualidade lhe fora apresentada de maneira bastante brusca e precoce.

A primeira experiência que lembro foi quando eu tinha uns sete ou oito anos. Uma moça, que tinha aproximadamente 18 anos, mexeu no meu pênis uma vez e até ficou ferido [...] Depois fui ter relação de verdade com 11 anos. Aí eu já estava experiente, dois anos no trecho (referia-se ao fato de já fazer uso de drogas nessa época e ter cometido o primeiro homicídio). Foi com uma menina de 13 anos, ela era muito experiente sexualmente. Me ensinou um monte de coisa.

Fora essa companheira, mãe da menina que assassinou, teve apenas mais dois relacionamentos duradouros, sendo um deles iniciado quando estava preso e encerrado no decorrer dos atendimentos para esta pesquisa. Durou aproximadamente sete anos.

Desse último relacionamento, destaca-se que a mulher tem três filhas adolescentes e Gilberto tatuou o nome dela e dessas moças em seu corpo, os quais foram feitos no decorrer da pesquisa. *Elas pediram isso pra mim, por carta. Queriam uma prova do meu amor porque eu tenho o nome da mãe delas tatuado na costa. Então elas queriam também.*

Gilberto iniciou o cumprimento de sua extensa pena aos 22 anos. Durante oito anos de prisão afirma que conseguiu repensar sua vida. Foi beneficiário por dois anos de serviço de psicoterapia e projetos para ressocialização. Foi alfabetizado e hoje cursa o quarto ano da educação para jovens e adultos. Afirma que não faz uso de substâncias psicoativas além do tabaco e diz ter encontrado Deus. *Acredito que tudo isso aconteceu pra que eu conhecesse Deus. Hoje conheço Deus e estou bem melhor. O que eu fazia antes não era religião. Aquilo era coisa ruim, do demônio. Hoje eu leio a bíblia e oro todo dia.*

Além da religião, Gilberto teve oportunidade de rever também outros conceitos, como o do amor, por exemplo. *Aprendi amar alguém já aqui na cadeia e saber que isso era importante. E também reconstruiu a relação com a mãe. Não amava minha mãe, colocava o revólver direto na frente dela e ameaçava. Eu já pedi perdão e ela diz que hoje sou o melhor filho dela.*

Emociona-se ao lembrar de que não estava ainda preparado para perdoar o pai, a quem atribui parte da culpa por ser como é. *Antes de morrer ele me pediu perdão, mas eu não consegui perdoar. Sei que sou assim principalmente pela maneira que ele me tratou. Me espancava e dizia que fazia isso para colocar limite, mas quando precisei de limite mesmo, ele não colocou.*

Na maioria das vezes, traz para si a responsabilidade de seus atos. *Já pensei em muitas coisas. Achava que era o demônio ou que era efeito das drogas, mas hoje eu sei que era eu mesmo. Eu fiz. Eu sou culpado.*

Hoje, considera-se mais controlado que antes. *Eu não uso mais drogas, isso ajuda a manter a consciência.* Mesmo assim, admite que pode vir a ser tomado pelos seus impulsos novamente. *Quando eu sinto muita raiva, fica difícil não pensar em matar. Isso ainda é a primeira coisa que penso. Daí lembro o que fiz com minha enteada e tento me controlar. Mas, não sei como vai ser quando eu sair daqui.*

Gilberto demonstra gosto especial em falar de si. Os seis encontros que tivemos para esta pesquisa duraram mais de uma hora cada um. À menor interlocução, ele desenvolvia um longo relato e em sua fala sempre voltava a repetir suas histórias relacionadas ao crime, mesmo que o assunto pudesse ser encaminhado para vias distintas. Aparentemente se vê como um personagem especial. “Naquela época...” “Naquela época...” inicia sempre assim seus relatos falando de si no passado e criando histórias fantásticas. Ao mesmo tempo em que sente prazer em descrever repetidamente seus atos homicidas, faz isso como se estivesse retratando algo corriqueiro, sem

importância. Trouxe emoção à sua fala apenas duas vezes durante os atendimentos, uma quando falou da enteada e outra quando falou do pai. Aparentemente pouca coisa lhe *afeta*.

Por outro lado, demonstra saber, exatamente, como afeta seus interlocutores e vai mudando as versões dos fatos e de si mesmo, dando a impressão de estar criando infinitos hologramas que o representam. As situações, ao serem relatadas pela segunda vez, são enxertadas de detalhes antes não mencionados ou são alteradas radicalmente. Exemplo disso é quando se refere ao início da sua estada no presídio. Em seu primeiro relato disse: *Eu trabalhava para pessoas importantes e fui - de certa forma - beneficiado no meu julgamento, e também nunca fui estuprado na cadeia, nunca apanhei de preso, só de agentes*. Em outra oportunidade afirmou: *Hoje eu tenho certa moral dentro do presídio, mas no começo foi difícil. Sofri violência sexual nos primeiros quatro anos de cadeia, cheguei a ser violentado por quatorze pessoas num único dia*.

Ao ser confrontado em suas contradições diz: *A senhora sabe que a gente fala conforme a necessidade, né?* Ao contar sua história para mim, especificamente, sua fala parecia ter intenção bem nítida e se fazia traduzida em suas perguntas:

A senhora vai escrever um livro sobre mim? - questionou no primeiro atendimento.

A senhora vai escrever sobre tudo isso? - repetiu nos atendimentos seguintes.

Na passagem do tempo entre os atendimentos fui me acostumando com o seu discurso e o choque sentido inicialmente foi abrandando. Com isso foi inevitável traçar alguns questionamentos: seria ele, de fato, o autor de tantos e tão cruéis crimes, como por exemplo, os dezesseis assassinatos, dentre eles três esquartejamentos de crianças para os quais não há condenação jurídica ou qualquer outra prova? Ou teria apenas feito de sua vida um enredo no qual se entremearia delírios e lembranças factuais?

Necessidade de proteção não lhe faltou para precisar criar essa possível realidade alternativa. Estar preso por crime sexual contra criança é fazer parte de um grupo excluído e subjugado no ambiente prisional: *Eu me impus aqui dentro. Ninguém vem pra cima de mim porque sabem que eu sou louco; sou capaz de fazer qualquer coisa. E a galera tem medo de preso assim*.

Minha impressão é que muitos delírios se intercalam com fatos reais vividos por ele. Nitidamente há uma necessidade de querer ter uma história digna de compor um livro, de ser alguém especial, diferenciando-se de tantos outros colegas do presídio onde está. É notório o

quanto quer contar sua história para poder ser visto e admirado, mesmo que seja por meio de histórias ignominiosas.

3.2 - Cena Dois: “Se uma mãe tiver que chorar, que seja a sua”

Eu sou muito jovem e me considero bonito. Tenho um papo bom; sou inteligente. Por isso, nunca tive dificuldades para conquistar mulheres. Frequentava muitas festas onde bebia cerveja, usava cocaína e namorava muito. Sempre tive todas as mulheres que quis. Minha preferência é pelas que são difíceis. Tipo uma mulher casada ou rica, sabe? Parece que assim o desafio é maior. Perco logo o interesse quando a mulher é fácil demais.

Naquela noite eu estava com alguns amigos, como de costume, bebendo, “cheirando” e dançando. Uma das mulheres do grupo, a quem eu via pela terceira vez, se interessou por mim, veio e me deu um beijo. Eu correspondei. Minha namorada tinha terminado comigo e eu queria dar o troco. No fim da noite eu e essa mulher fomos para minha casa. Eu queria transar, claro. Estava acostumado a terminar sempre bem minhas noites. Mas ela achou de dormir! Capotou! Fiquei muito puto. Imagina, andei com ela a noite toda, paguei todas as bebidas que ela quis e ela achou que podia dormir assim? Não! Sabia que ela estava bêbada assim como eu, mas não aceitei a ideia de não transarmos. Deitei do lado dela, fui acariciando, mas ela se virava pro outro lado. Puxei o cós da sua calça e ela se virou com a mão erguida querendo bater no meu rosto. Segurei a mão dela, mas ela me bateu com a outra. Ah... naquela hora eu fiquei muito bravo. Eu ia mostrar pra ela que em cara de homem não se bate! Então começamos a brigar e ela me ameaçou dizendo que seu namorado ia me matar. Foi nessa hora que decidi que iria matar ela. Já que era para alguma mãe chorar, melhor que fosse a dela.

Puxei ela para outro cômodo da casa, amarrei suas mãos com um fio. O pedaço era pequeno, então, fui até outro cômodo buscar mais. Nisso, ela que lutava por sua vida, conseguiu se soltar e veio atrás de mim com uma faca e gritou: “Desgraçado!”.

Foi minha sorte, pois com o barulho me virei e a faca pegou de raspão na minha mão.

Amarrei ela de novo, mas conseguiu se soltar novamente e pulou da minha varanda para o quintal. Eu saltei atrás dela. Imobilizei e levei ela para o lugar onde ela iria morrer – um matagal. Nesse momento ela já estava sem forças. Sabia que ia morrer, sabia que nunca iria conseguir escapar de mim. Então olhou nos meus olhos e disse: “não faça isso, eu sei que você é um homem bom”. Aquilo me amoleceu um pouco, me fez querer recuar, mas eu não podia. Na

minha emoção eu queria parar, mas não podia “pagar de comédia”, sabe? Se eu não tivesse coragem de terminar o que tinha começado, eu iria ficar sem moral, seria chamado de covarde. Então eu encostei a faca no seu pescoço e distraí ela com uma pergunta. Quando ela ficou parada para responder, apertei a faca e a matei.

Estava cansado da luta, mas precisava entrar na minha casa e lavar tudo. Tentei tirar todo o sangue e a sujeira. Dei uma arrumada. Depois de um tempo, fui pra varanda e olhei para o quintal onde ela continuava jogada e me veio à mente um desejo que havia tido aos dez anos de idade: matar uma mulher e depois fazer sexo com ela. Por que não? Pensei. Já estava tudo ali, a mulher morta e tudo mais... Estava tudo pronto, só faltava eu ter coragem para experimentar. Então eu fui lá e fiz pra ver como é que era. Eu não senti tesão pelo corpo morto sabe? Mas me esforcei e consegui me excitar. Foi assim que aconteceu.

Como muitas pessoas tinham me visto com ela e eu poderia ser incriminado precisei esconder o corpo. Como já tinha amanhecido, esperei a noite cair novamente e levei ela de moto para um lugar distante. Fiz uma cova e enterrei. Eu ia fugir da cidade, mas me pegaram antes.

Hoje eu vejo que fiz besteira, mas naquele momento eu estava com o raciocínio curto, não consegui pensar direito. Matei ela por não querer transar comigo e por ela ter me agredido, mas o principal motivo foi ela ter me ameaçado de morte. Isso eu não suportei. Quando ela me ameaçou eu decidi que iria matar ela e não voltei atrás. Nossa luta demorou um tempão e eu não desisti da ideia. Eu não podia desistir porque o namorado dela ia me matar. Eu não escaparia. Acho que eu fiquei com medo de morrer e reagi matando.

Júlio

Na época dos fatos Júlio tinha apenas 19 anos. Pelo estupro, homicídio e ocultação do cadáver foi condenado a 23 anos de pena. Após ser detido em sua casa, levou os policiais ao local onde enterrara sua vítima e ele próprio a tirou da cova rasa. O crime alcançou grandes proporções na sociedade local e isso lhe trouxe certo orgulho. *Todo mundo queria filmar e me entrevistar.* O júri popular no qual recebeu a condenação também contou com grande repercussão.

Meu julgamento foi um grande teatro. A promotora pintou uma cena como se aquilo fosse uma coisa muito absurda. Isso aconteceu porque o jurado e a maioria das pessoas vive uma vida normalzinha demais. Então, o que eu fiz ou a vida que eu levava fica parecendo muito diferente; algo de outro mundo.

Em suas expressões corporais e também no seu discurso durante os primeiros atendimentos foi possível perceber um ar de superioridade no qual se colocava sempre em vantagem perante outras pessoas. Em relação a mim enquanto pesquisadora, afirmou que eu deveria me sentir privilegiada, pois eu seria uma das únicas pessoas a ter o relato da versão real dos fatos que o levaram à prisão. No decorrer do tempo, ele foi se desarmando e se mostrando mais revelador, por assim dizer, deixando transparecer suas fragilidades frente a tudo que recordava da sua história de vida. Ao final do sétimo e último atendimento aceitava completamente a minha aproximação e demonstrava me destinar confiança. *Tem coisas que só conto pra poucas pessoas, como pra você, por exemplo.*

A mãe é figura central em sua vida. Ela tem uma história peculiar. Sofreu exclusão por parte da família por ter sido usuária abusiva de substâncias psicoativas e tentou suicídio duas vezes.

Primogênito, Júlio seria, dentre os cinco irmãos, o ponto de referência da mãe.

Minha mãe acredita que tem uma ligação especial comigo. Ela diz que sente quando eu faço coisa errada e me coloco em perigo. Esses dias ela fez confusão para entrar aqui num dia que não era permitido visitas só para me dizer que me considerava um ser superior, maior que ela, e que precisava muito de mim.

Ele acolhe um comportamento materno que, em seu relato, chega perto do que parece ser permeado por delírios.

Eu não gosto, sei que muita coisa é da cabeça dela. Ela exagera nessa coisa de sobrenatural e de religião, mas eu não fico negando ou brigando porque me sinto responsável por ela. Tenho que proteger ela e se algo ruim acontecer; não vou me perdoar. Minha mãe é tudo pra mim.

Seu pai biológico não foi presente em sua vida. Nascido de uma relação amorosa fortuita tem, como referência masculina, um companheiro com quem a mãe conviveu por sete anos e com o qual teve mais dois filhos. Da família paterna, relata um episódio no qual houve uma disputa judicial por sua guarda.

Minha mãe me deixou com meu pai para ir atrás de um namoradinho em São Paulo. Ele me deu para meus avós e eu fiquei por lá um ano. Quando minha mãe voltou, eles não queriam me devolver. Para ganhar o processo de guarda, em dois meses, ela montou uma casa pra gente morar com dinheiro que ganhava em programas sexuais. Mesmo assim estava difícil e por isso ela teve que me roubar. Fugiu de lá comigo e me trouxe para Rondônia. Ela lutou por mim. Amo ela demais por isso!

O ambiente que a mãe o criou favoreceu o contato precoce com drogas ilícitas e já aos 12 anos era usuário de maconha. Aos 15 abusava do uso de *crack*. *Eu parei de usar porque vi uma cena que não me esqueço. Estava sentado num banco, feio, drogado e vi um casal jovem passar de mãos dadas. Percebi o quanto eu sentia falta de carinho, de ser amado. Como eu sabia que seria difícil alguém amar um drogado eu resolvi parar e parei.* A partir disso, manteve uso apenas de maconha e cocaína. Esta ele refere que usava em momentos de diversão com os amigos e quanto à maconha, assim como o tabaco, ainda faz uso constante, mas não abusivo.

Não descreve problemas na área da sexualidade, segundo suas próprias palavras, e considera suas práticas sexuais bastante comuns.

Quando era criança eu sofri violência sexual muitas vezes pelos meus primos. Hoje eu sei que foi violência deles, mas na época estava tranquilo pra mim, não me lembro de sofrer muito não. É porque eu era o menorzinho, daí eles se aproveitavam. Eu fui estimulado muito cedo para essas coisas de sexo. É tudo normal pra mim, desde cedo convivi com tudo.

Quanto às suas preferências nessa área refere gostar do que chama de sexo *normal*: *homem com mulher, sem violência ou qualquer outra tara específica*. Diz que também faz sexo com outros homens.

Parece que tenho um chama para os gays, mas prefiro mesmo é com mulheres, já adultas e mais experientes. As virgens me chamam atenção pelo corpo bonito, tudo ainda no lugar, mas na hora da transa são desestimulantes, não sabem fazer nada, ficam parecendo cadáver.

Sua vida sexual é intensa. Relata que mesmo estando preso, tem muitas oportunidades de se relacionar sexualmente, mas nem sempre quer, pois as mulheres que frequentam o presídio não lhe chamam atenção. Apenas por uma se enamorou. Conheceu-a há dois anos quando veio visitar o pai que estava cumprindo pena na mesma cela de Júlio, também por crime sexual. O pai dela já saiu do regime fechado, mas se falam frequentemente por telefone e o relacionamento parece estar bastante firme.

Ela tem sido minha companheira, já demonstrou que está do meu lado. Passa muitas dificuldades por mim. Está enfrentando a família e tal. É uma pessoa em quem estou apostando. Falei tudo sobre mim e mesmo assim ela quer ficar comigo. Ela quer se casar comigo. Eu também penso nisso, em termos uma vida juntos.

Sua namorada não lhe visita no presídio, pois tem 17 anos. Crianças e adolescentes só podem visitar parentes. Viram-se apenas três vezes mas, apesar disso, desenvolveram forte laço afetivo e ela é pessoa de confiança de Júlio, a quem parece corresponder.

Ela parece gostar de mim como ninguém jamais gostou. Esses dias eu fiz uma pergunta só para ver o que ela sente por mim e me surpreendi com a resposta. Perguntei até onde ela iria por mim e ela me respondeu que iria até a morte. Caramba, isso é muito louco, ir até a morte por alguém.

Nesse momento do atendimento coloquei minha opinião de que considerava esse um sentimento extremamente arriscado e nem sempre salutar, afinal ela poderia estar se referindo à morte dele em vez da dela, já que morrer e matar por amor são ações que podem estar bem próximas uma da outra. *Então, ela fala que vai comigo até as últimas consequências, nem consigo explicar direito o que é isso.* Porém, mesmo sem saber explicar, Júlio sabia perfeitamente que a morte rondava seus relacionamentos amorosos. Antes do homicídio pelo qual foi preso, já havia sido esfaqueado por uma namorada numa briga que tiveram. Júlio sabia, ou pelo menos vivia a realidade, de ir às últimas consequências numa relação.

Ao relatar sua vida, Júlio nunca se coloca como vítima, isso não parece ser do seu feitio. Preferiu adotar a arrogância e o pedantismo como norte para suas relações e para a maneira de enxergar o mundo. Como filho mais velho, e com os padrastos que iam e viam, viu-se desde cedo na necessidade de tomar as decisões no âmbito familiar e de ter uma posição de domínio, de controle, até mesmo sobre a mãe.

Por outro lado, essa aparente segurança parece ter sido erigida para esconder feridas que ainda não consegue encarar de frente. *Às vezes a gente cansa de sofrer* – falou deixando escapar algumas lágrimas, numa das primeiras vezes em que mostrou que estava confiando em mim.

Quando perguntei se a prática de sadomasoquismo poderia estar entre suas preferências sexuais, ficou muito incomodado e disse: *não gosto de bater, muito menos de apanhar. É muito difícil apanhar, me dá uma coisa, sei lá, não consigo explicar, eu fico doido. Quando apanha, a pessoa fica submissa, indefesa.* E levou essa reflexão para além do campo sexual, relatando ter tido essa sensação aos 18 anos quando a mãe lhe bateu no rosto. Reagiu com violência, machucando o braço da mãe. Nesse atendimento Júlio solicitou ficar mais cinco minutos e usou esse tempo para continuar seu desabafo sobre o quanto era ruim apanhar. Conjecturei e expus a

ele que talvez esse sentimento fosse uma lembrança afetiva da situação que vivera enquanto vítima sexual dos primos quando criança, ao que Júlio ficou reflexivo.

Esses pensamentos lhe acompanharam pelos 15 dias de intervalo entre um atendimento e outro e reiniciou sua fala no ponto exato em que a tinha deixado somente para negar minha interpretação e dizer que esse incômodo não tinha relação com memórias emocionais, pois ele se considerava *extremamente racional*. Não insisti e compreendi que a vida, de fato, talvez tenha imposto a Júlio a necessidade de uma cisão com a realidade para lidar com seus sofrimentos. No momento em que o pai se fez ausente; que os padrastos se fizeram indiferentes e quando a mãe se fez tão emocionalmente frágil, via-se subjugado, com sua infância vilipendiada, sentindo-se intensamente desamparado. O afastamento afetivo pode, então, ter vindo como estratégia de sobrevivência.

3.3 Cena Três: “Eu não consigo resistir”

Era noite, já umas onze horas da noite. Eu estava perto de um colégio e vi uma moça muito bonita, de uniforme. Ela devia ter uns 17 anos, mais ou menos. Me aproximei e comecei uma conversa. Ofereci pagar um lanche e ela aceitou. Conversamos sobre a vida dela, família e de coisas passadas. Uma conversa normal, daquelas que vai deixando a gente cada vez mais íntimo da outra pessoa. Quando eu percebi a chance, pedi que ela fosse comigo até minha casa. Inventei que precisava deixar minha bicicleta. Ela foi e chegando lá nós fizemos sexo. Ela não queria, pelo menos não naquela hora e nem daquele jeito, mas eu forcei. Porque eu queria.

Não senti raiva dela, não lhe bati nem nada. Imagina, eu nunca faria isso. Na verdade, eu até queria levá-la para casa dela depois; dar carona, mas ela não quis. Preferiu ir embora sozinha.

Não era a primeira vez que eu fazia isso. Eu não consigo resistir. Com a outra moça, que tinha uns 15 anos mais ou menos, foi quase igual. Ela também saía do colégio à noite, cheguei perto dela e comecei a conversar. Me aproximei dela porque nós já estávamos paquerando. Ela passava em frente ao meu trabalho durante o dia e me olhava. Eu olhava pra ela... era linda.

Numa noite conversamos e levei ela para um prédio abandonado ali perto. Ela deve ter achado que nós só íamos dar uns amassos, sabe? Mas não foi assim. Chegando lá eu forcei a fazer sexo comigo. Ela resistiu, gritava. Dessa vez eu precisei ser mais duro. Gritei e ameacei. “Fica quieta sua vagabunda!!” Mas ela só se acalmou mesmo quando eu peguei uma barra de

ferro que estava por ali. Claro que eu não ia bater nela, mas deixei pensar que poderia. Só assim consegui o que queria.

Depois deixei ir embora. Eu sabia que ela podia me denunciar, mas deixei ir assim mesmo. Nunca passou pela minha cabeça matar qualquer uma delas. Eu não sou assim, violento. Eu não mato ninguém. Essas moças... Eu acho que elas namorariam comigo, sabe? Se eu tivesse paciência para esperar. Mas eu não conseguia controlar minha lascívia, como diz lá no meu processo. Não sei bem o que isso quer dizer, mas o promotor deve ter razão. Não consigo explicar porque eu faço isso, apenas não consigo controlar.

Paulo

Paulo seduzia as moças. Observava sua rotina e no momento certo, quando elas já estavam aceitando seu flerte, aproximava e oferecia coisas que aparentemente elas queriam, como dinheiro, lanches ou uma simples carona de bicicleta. Ele era muito gentil. Agradava e conquistava. Depois demonstrava querer continuar próximo. Porém, durante o ato sexual se portava cruel e ameaçador. Mesmo que as adolescentes quisessem se libertar, a compleição física de uma jovem não era suficiente para fazê-lo parar. O sexo acontecia na hora e da forma que ele queria. E assim se repetia, uma após a outra.

Responde por quatro processos judiciais dessa natureza. Três contra adolescentes e um contra uma mulher já adulta. Neste foi inocentado, pois a mulher prescindiu de continuar com os depoimentos. Foi condenado em dois processos com vítimas menores de dezoito anos. Há um terceiro que ainda está em tramitação. Sua pena já soma 18 anos e, se ocorrer a terceira condenação, aumentará para quase 30.

O ato pelo qual foi preso em flagrante não teria ocorrido, segundo seu relato, com violência. *Ela parecia ser garota de programa. Eu via ela levando uns caras lá pro apartamento. Então eu ofereci duzentos reais pra ficar comigo e ela aceitou.* Na verdade Paulo não tinha esse dinheiro caso ela quisesse mesmo recebê-lo. Estava apenas se utilizando da mentira como estratégia de conquista. Diz ter feito com ela *sexo normal*, sem violência. *A gente conversou muito depois que tinha terminado. Ela ficou comigo numa boa no apartamento até o irmão dela chegar chutando minha porta.*

Esse seu primeiro processo tramitou rapidamente e ele recebeu a condenação. *Fui condenado a nove anos de pena por isso. Aceitei porque mesmo que com ela não tenha sido com violência, com as outras duas foi. Então eu mereci a condenação.*

Paulo tem hoje 38 anos e se considera casado com uma mulher de 50 anos. Ela vem visitá-lo regularmente no presídio. Conheceram-se antes da prisão. Nunca firmaram compromisso porque, no princípio ela não era totalmente de seu agrado. Porém no momento atual de sua vida, Paulo a toma como uma boa, e talvez única, opção. *Saindo daqui quero viver com minha mulher. Se eu tiver com ela não vou querer mais fazer isso, né?*

Os cinco atendimentos feitos com Paulo foram muito difíceis de conduzir. Nos três primeiros discorria sua história utilizando vocabulário muito limitado, dificultando nossa comunicação. Além disso, demonstrava extrema dificuldade em descrever seus sentimentos. Sempre que se referia à culpa e ao arrependimento por ter feito os atos criminosos, por exemplo, ele chorava de maneira tão copiosa que por vezes era difícil entender o que dizia.

Surpreendentemente, após receber a segunda condenação³, veio para o atendimento aparentando tranquilidade. Não chorava, não demonstrava tristeza ou outra emoção. Tinha postura corporal relaxada, mascarou chiclete durante todo o tempo e relatou de forma nítida e inteligível o que lhe era perguntado. Poderia dizer também que apresentou alguma frieza e sarcasmo durante o relato. Nesse encontro demonstrou interesse em interromper os atendimentos e como essa vontade se manteve na semana seguinte, acatei. O motivo da interrupção não foi nitidamente verbalizado por Paulo, mas talvez tenha percebido que, de fato, meus atendimentos não poderiam auxiliá-lo numa possível diminuição de pena.

Desde a primeira sessão afirmou, sem que houvesse qualquer pergunta nesse sentido, que os atos de violência praticados eram resultado da violência sexual que seu pai havia lhe impingido aos quatro anos de idade. Contudo, seus relatos sobre isso eram vagos e confusos, não transmitindo certeza se havia ocorrido ou não. Não conseguia responder minhas indagações a respeito de maiores detalhes, nem mesmo da repercussão disso na família. Numa entrevista que deu à televisão no período da pesquisa referiu o possível abuso também de forma um tanto quanto mecânica. A impressão que transmite é de talvez use essas falas no intuito de dar justificativa a seus atos e de diminuir sua responsabilidade perante a Justiça, já que ainda se

³ Ele recebeu a segunda condenação no período em colaborava com essa pesquisa.

encontra em julgamento em um processo. *Meu pai bebia muito e batia na minha mãe. Ela quis separar, mas ele não aceitou. Eles brigavam muito. Ele ficava incomodando direto [...] Acho que fez isso comigo por causa das brigas com minha mãe. Sei lá.*

Traz sua história de vida também de maneira muito confusa, não permitindo entender a cronologia dos fatos. Mesmo assim, foi possível constatar pela sua fala que durante a infância sofreu reiterados maus tratos físicos e abandono. *Uma vez eu fiquei num lugar, tipo abrigo, eu sofria muito ali. Eu fazia xixi na cama e todo mundo que fazia xixi na cama era colocado para dormir no banheiro ou na calçada mesmo. Minha irmã ia lá e levava lençol pra mim.*

Demonstra ter mantido, ao longo dos anos, relação conturbada com a mãe.

Ela tinha me abandonado ali, com minha tia numa cidade estranha. Por isso quando quis voltar pedi ajuda para meu pai [...] Eu culpava ela por tudo o que tinha acontecido, agora eu sei que não era culpa dela. Ela me dava conselhos, mas eu não seguia. A culpa é minha [...] Hoje ela está velhinha.

As privações durante a infância deixaram marcas aparentes no seu desenvolvimento. Iniciou os estudos somente após a prisão. Sua capacidade de verbalização e reflexão se mostrou empobrecida. Quando falava de si e dos seus sentimentos foi sempre de maneira repetitiva e com frases curtas, sem desenvolver um pensamento mais complexo e reflexivo.

Atribui ao aprisionamento um momento especial em sua vida. Está usando o tempo que precisa ficar encarcerado para tentar recuperar a afetividade positiva na relação com sua mãe. *Ela e uma irmã são as únicas que me visitam [...] Já pedi perdão pra ela por tudo que fiz.* E também para refletir sobre suas ações. *Eu tinha que ser preso para parar e pensar. Aqui estou conseguindo pensar em tudo. Estou encontrando força em Deus. Se eu estivesse lá fora ainda estaria fazendo maldade.*

Trouxe o relato de um sonho para um dos atendimentos mostrando dificuldade em controlar seus impulsos.

No sonho eu estava com uma banana da terra na mão, num lugar onde tinha um corredor. Eu passava a banana numa das paredes para abençoar, agradecer. Quando fui passar na outra parede alguém disse que não adiantava porque as pessoas ali não queriam ser abençoadas. Então eu entrei na casa para tentar convencer eles. Tinha um rapaz usando drogas e outras pessoas, mas uma chamou atenção. Era uma moça bonita de olhos verdes e eu fiquei encantado. Foi nesse momento que eu ouvi a voz de Deus gritando comigo: ‘Você vai querer o quê?!’ Eu acordei e cai de joelhos agradecendo a Deus o monitoramento dele e renovei meus votos. Tenho orado muito.

Em sua interpretação, a droga e a mulher seriam tentações às quais precisa resistir e desabafa: *Ainda bem que Deus tá me vigiando.*

3.4 Cena Quatro: “É meu deleite te ver sofrendo”

Olhando para como você está agora garota, eu não sinto pena nenhuma. Sinto prazer! É meu deleite te ver sofrendo. Sodomizada. O que importa se tem um ou cinco homens te violentando? Para mim, não importa. Sofra! Pois nós nos alimentamos dos seus gritos que ninguém mais ouve; do seu olhar angustiado e suplicante por piedade.

Que eles façam com seu corpo o que quiserem. Eu só te exijo felação. Violo sua boca e deixo nela meu líquido maldito.

Agora vejo que você está sucumbindo. Seu corpo não aguenta mais e você implora para que tudo acabe. Mas nós, pequena horda ensandecida, ainda não estamos satisfeitos. Brincamos com seu corpo a nosso bel prazer até conseguirmos tirar-lhe a vida. Poderíamos fazê-lo num só golpe, apenas um de nós poderia fazê-lo em um só golpe. Mas que graça teria matá-la sem ver suas lágrimas e seu medo?

Sua vida finalmente se esvai depois de horas de uma luta que você sabia inútil, mas que continuou lutando. Seu corpo morto continua a ser nosso brinquedo. Lâminas brilham prateadas sob a luz da lua e servem não mais para lhe fazer parar o coração, mas para que saciemos nossa sede perversa.

Vamos embora sem olhar para trás e te deixamos ali, agora não mais que um corpo inerte. Juventude imolada em nome de nossa crueldade.

Luís

Com Luís tive somente três encontros. Ele chegou, sem um convite direto, já no final do meu tempo de coleta de depoimentos. A cada encontro falou por mais de uma hora. A ansiedade explícita o levava a falar *tudo misturado*. Tinha urgência de contar sobre os 26 anos de barbárie, sobre sua vida doméstica, sobre seu desejo incontrolável por mulheres e um assunto ia se intercalando ao outro num ritmo bastante acelerado.

Veio para o atendimento com ânsia de que eu tivesse a cura para sua *doença* que é o descontrole sobre seus impulsos agressivos e sexuais. Não conseguia viver a sexualidade sem permeá-la pela agressividade, porém este tipo de comportamento se estendia em várias situações de sua vida. *Eu tô pagando por crime sexual, mas tenho uma vida inteira na bandidagem. Considero que tenho alguma doença na parte sexual, mas sou mesmo é violento.*

O uso constante de substâncias psicoativas fazia despertar uma vontade incontrolável de agredir, destruir. Declarou:

Principalmente quando bebo e uso drogas, não tenho controle sobre minha sexualidade. Eu fico doido e tenho que ter relação sexual com alguma mulher. Se tenho dinheiro, contrato alguma profissional. Se não tenho, procuro alguém com quem eu já fiquei. Se a mulher fala não, não aceito.

As mulheres iam até ele consensualmente (incluindo quando pagava) ou por força. Cada uma delas se tornava parte de uma coleção. *Se me agradava eu dava um jeito de ter. Mesmo casado, tinha várias outras mulheres. Sempre tive dinheiro e, por isso, mesmo com toda minha feiura sempre tive toda mulher que quis.*

Tal comportamento, segundo acredita, começou a ser estimulado pelo pai.

Ele tinha medo de eu virar gay, sei lá. Ele incentivava muito pra eu ficar com mulher logo. Quando eu tinha 10 anos ele já falava disso, que eu precisava ser macho. Mas ele não ensinava nada direito, não explicava. Só falava que eu tinha que pegar um monte de mulher logo. Acho que segui os conselhos dele porque com 16 anos já era pai.

Tem muitos filhos, mas só criou um deles, o mais novo, em quem se vê espelhado. *Tenho medo do meu filho ter herdado isso de mim. Ele é minha cara, parece demais comigo.* Mesmo amando esse filho, como enfatiza, promove um ambiente doméstico cheio de conflitos. *Sou casado há 15 anos e respondo por dezesseis Maria da Penha⁴ [...] Já coloquei todo mundo pra fora, mulher e filho, porque queria dormir sozinho.*

Está se referindo aqui à terceira companheira, com quem convivia até ser preso.

Com as duas primeiras teve relacionamentos curtos, porém como algumas semelhanças entre si, segundo avalia.

A minha esposa, acho que moldei. Ela era virgem quando a conheci. Acho que até a agressividade dela é apenas reflexo da minha. A mãe do meu primeiro filho também era virgem, fiquei com ela um tempo. E essa outra esposa que eu te falei também era assim. Parece que eu gosto né? De casar com virgens.

Luís aparenta se esforçar para entender a maneira como conduzia seus relacionamentos. *Convivi com três mulheres e bati nas três [...] Como entender a cabeça de um homem assim? Por que eu fazia isso?*

⁴ Lei 11.340 de 07/08/2006.

Sem notar, parece repetir o comportamento paterno. *Meu pai era alcoólatra, bebia muito mesmo. Ele não batia nos filhos, mas eu cresci vendo brigar com minha mãe. Acho até que batia nela.*

O ambiente de sua infância estimulava para a violência e para o interesse sexual. Frequentemente via os pais tendo relações sexuais e aos nove anos ele e a irmã já sabiam se portar numa situação assim. *Eu tentei, mas não consegui colocar o pênis dentro dela. Ela queria também. Não era nada forçado. Aos treze já impunha seus desejos a outros de maneira abusiva. Eu abusei de um menino de oito anos de idade. Mas eu não penetrei ele. Eu só pedi que ele me fizesse sexo oral. Essa é minha prática preferida, sabe?*

Afirma gostar de ter o controle e de impor medo sobre as pessoas.

Eu gosto de um sexo, assim, agressivo, sabe? Eu gosto de ver a pessoa sofrendo. Tenho muito prazer em controlar os outros, as situações e a parceira na hora do sexo. Um dia fiquei com uma amiga minha. Ela era casada. Enganei o marido dela, meu amigo. Fiz ele acreditar em toda uma história. Saí com ela e ainda trouxe ela de volta de madrugada para a casa deles. Aquilo foi demais, adrenalina, coisa proibida.

Mas nem tudo é desatino. Tem limites e diz não ultrapassá-los. *Eu gosto de sexo, nunca neguei, se tivesse todo dia, era muito bom. Mas assim, nunca senti tesão por uma filha minha, uma sobrinha, nem criança nenhuma. Pra mim é demais um homem sentir desejo por uma criança de dois anos, por exemplo.*

Luís se retrata como sendo um líder e relata que desenvolveu essa capacidade a partir dos 13 anos, após a morte do pai. *Depois que meu pai morreu, minha mãe precisou trabalhar muito para sustentar os filhos. Eu era o mais velho e ajudava ela cuidar dos meus irmãos. Porém, o pai era o único que tinha controle sobre Luís. Meu pai me obrigava a ir para igreja todo domingo. Eu cresci na igreja. Via todo mundo ir se divertir e eu tinha que ir pra lá. Eu não queria seguir as regras do meu pai. Sem ele por perto toda crueldade pôde vir à tona e se estendeu para o grupo social. Todo moleque pegava minhas pipas e me batia na rua. Um dia falei: ‘vou tomar esse bairro pra mim!’ E tomei.*

A partir de então, sua adolescência passou a ser marcada por uma lista interminável de atos infracionais.

Aí depois que eu fiz isso foi só desgraceira. Eu entrava num ônibus, sacava a espingarda e saía atirando. Acabava com os moleques do bairro vizinho. Tenho saudade daquele tempo de gangs. Decepei o braço de um rapaz e dei muito tiro. Nem sei se matei muitos porque atirava e saía correndo.

As punições não vinham, pois o padrinho era influente e o protegia. Sempre buscando-o na delegacia. *Eu ia pra delegacia. Ele mandava me soltar. Sempre foi assim. Os policiais até que me pegavam, mas eu falava: 'pode levar, sou menor!'* e pouco depois eu tava solto de novo.

A mãe também não se opunha a seus atos. Pelo contrário, Luís sente que era colocado numa posição de destaque entre os filhos.

Somos em cinco irmãos. Eu sou o mais velho e o preferido da minha mãe. Ela não me negava nada, eu tinha tênis de marca, camisetas, tudo que eu pedisse ela dava. Não que ela negasse para meus irmãos, mas para eles dava produtos com qualidade inferior. Todo mundo percebia isso. Eu era o preferido.

E foi, a partir dessa relação com a mãe que cometeu um dos atos delitivos. *Tinha um homem trabalhando lá em casa numa reforma. Ele voltou à noite, bêbado tentando violentar minha mãe. Ela gritou, eu peguei uma faca e o ameacei. Não matei não. Ele fugiu.* Depois desse episódio Luís afirma que via crescer uma agressividade cada vez maior dentro de si. *Eu sentia muita raiva. Tanto que depois de um tempo eu fui lá e dei dois tiros nele.*

Além da mãe, sentia a obrigação de proteger todos os irmãos, mas fazia isso sempre de maneira muito agressiva. *Um dia minha irmã queria transar com o namorado dela. Tirei ela nua da cama dele e levei pra casa. Dei uns tapas nela.*

Em suas relações, Luís parece sempre impor o controle pela força e agressividade. Nos atendimentos para esta pesquisa trouxe isso em atuação. Não agiu comigo com agressividade ou violência, mas fez questão de explicitá-la enquanto possibilidade.

Esses dias eu estava pensando que você é uma pessoa corajosa. Vem aqui e nos atende sem ninguém perto. Você sabe onde está e mesmo assim nos atende. Não entenda como ameaça, mas os agentes estão longe, até eles chegarem aqui pode acontecer muita coisa.

Luís, que se compara ao “maníaco do parque”⁵, dizendo-se tão frio quanto ele ao não ter dificuldade nenhuma em relatar seus crimes. *Eu não sinto remorso nenhum. Eu tenho uma frieza incrível.*

Afirma ser merecedor dos mais de 20 anos de pena aos quais foi condenado. *Tenho feito coisas erradas desde meus 13 anos, tá na hora de parar. Quero aproveitar minha prisão para*

⁵ Em agosto de 1998 Francisco de Assis Pereira foi preso e recebeu a condenação de 274 anos de pena pelo estupro e assassinato de oito mulheres. Ficou conhecido como “o maníaco do parque” porque levava suas vítimas para um parque na cidade de São Paulo.

parar com tudo. Eu mereço estar preso, se não for pelo estupro e homicídio de agora, mas por tudo que fiz antes disso.

3.5 Cena Cinco: “Eu sabia que não deveria ir, mas não resisti”

Era cedinho quando cheguei ao apartamento que minha família estava morando. Era umas seis e meia. Minha mulher não quis que eu deitasse na cama com ela porque ainda não tinha decidido se me aceitava de volta ou não. Era tudo muito pequeno, apertado e vi que minha filha estava dormindo num colchão na sala. Ao seu lado meu enteado, João. Quando eu já havia me contentado em dormir no sofá, ele me olhou e disse ‘vem pra cá porque aí não pega vento’. Eu poderia não ter ido. Eu sabia que não deveria ir, mas não resisti e me deitei ao seu lado. Ele começou a se esfregar em mim e eu disse para ele parar.

Mas minha voz saiu baixinha, fraca sabe? Meu desejo por ele, ao reencontrá-lo, voltou mais forte que nunca. Foi mais uma dessas horas em que eu não tomo a decisão certa na vida. Se eu não queria devia ter falado alto ou simplesmente sair dali, mas eu fiquei. Ele abaixou a roupa e mostrou aquele bundão e eu tive uma ereção... O que eu estava prestes a fazer é errado. Eu sei. Muito errado. Mas a culpa não era só minha, ele também queria.

Claro que queria, como todas as outras vezes em que aconteceu. Ele era gay e os gays sempre querem, sempre se oferecem. E se aconteceu a primeira vez foi porque ele se ofereceu pra mim. Veio pra minha cama com cara de carente. Só que dessa vez não seria igual a todas as outras... dessa vez minha esposa estava por perto e, vendo aquela cena, saiu em defesa do filho e me denunciou.

E já faz três anos que estou aqui. Pensando em tudo que fiz e principalmente no que eu sou.

Aldo

Por seus atos, Aldo foi condenado a 12 anos de pena. Crime: estupro de vulnerável com agravante, pois mantinha com a vítima uma relação familiar, tendo-o sob seus cuidados desde bebê. O enteado, que no momento do flagrante contava com 17 anos, relatou em juízo que sofria abusos sexuais desde os sete anos e que isso acontecia com muita agressão.

Aldo nega veementemente. Na sua versão dos fatos, o relacionamento sexual entre os dois iniciou após o enteado fazer 14 anos e teria acontecido sempre de forma consensual. *Ele*

aumentou muito as coisas, disse que eu colocava faca no pescoço dele, disse que eu abusava da minha filha também. Tudo mentira. Fizeram avaliação na minha filha, ela tava sem indício nenhum de agressão.

Ao ser surpreendido pela esposa, Aldo queria que o enteado dividisse a responsabilidade consigo por tudo o que estava acontecendo. *Eu falei 'Seja homem rapaz! Assume aí que você sempre quis'.* Sobre João, Aldo se recorda que desde quando tinha cinco anos percebera que tinha trejeitos homossexuais. *Só queria brincar de coisas de menina. Eu tentava fazer ele gostar de coisas de homem, de futebol, mas não tinha jeito. Fiz de tudo para ele virar homem, mas não consegui.* Afirma que isso o incomodava demais, pois era difícil conviver com uma pessoa gay dentro de casa. *Minha esposa dizia que eu precisava ser o pai dele, mas imagina. Nunca! Jamais eu iria querer um filho como ele. Ele me fazia muita vergonha e, por isso, nunca o considerei meu filho. Eu era um estranho pra ele e ele era um estranho pra mim.*

Seu olhar para os gays é bastante contraditório e essa é uma temática de constante presença na sua vida. *Eu nunca gostei de gays sabe? Para falar a verdade, sempre tive ódio mesmo! São pessoas desprezíveis!* Apesar de afirmações como essas, Aldo se vê indeciso sobre sua própria condição em relação à sexualidade.

Às vezes tenho dúvida se sou ou não sou gay [...] Olho um homem de corpo bonito e isso meio que me encanta, parece que quero ser daquele jeito. O pessoal aqui da prisão vive falando na brincadeira que eu sou gay [...] Eu resisto, eu não tenho nenhum relacionamento aqui. Não quero mais isso pra minha vida. Eu sei que é errado e quero me manter no caminho que escolhi, de ser uma pessoa que faz as coisas certas.

Já havia tido muitas relações homossexuais, mas com o enteado diz tê-las iniciado quando morou por um ano num sítio com ele e com seus filhos. *Eu estava há um tempão sem minha esposa, entende? Tava difícil as coisas.* Esse seu momento de carência teria coincidido com a descoberta da sexualidade por parte do adolescente e os dois decidiram, segundo Aldo, compartilhar e vivenciar seus desejos.

Manter relações sexuais com o enteado fez Aldo reviver antigos conflitos. Sua angústia sempre fora estar indeciso entre a vontade de saciar sua *devassidão* e *promiscuidade* ou seguir no caminho traçado pelos valores familiares de seus pais e irmãos. Então, ao final de um ano vivendo no sítio tomou uma decisão radical. *Eu não aguentava mais ser assim. Decidi ficar longe de tudo. Deixei as crianças com minha esposa e fui morar na rua.* Por um período de dois anos Aldo sobreviveu com o que recebia de esmolas ou de pequenos furtos que realizava. O uso de

substâncias psicoativas, que sempre fizera parte de sua rotina, agora se dava de maneira muito abusiva e deletéria.

Eu estava acabado, não conseguia trabalhar. A droga tinha me destruído, pegava um serviço e não conseguia fazer. Não conseguia raciocinar, entende? Eu nunca fui muito bom mesmo da cabeça, mas com o *crack* ficava impossível, uma coisa simples eu não conseguia fazer, eu não conseguia focar, entende? Não sabia mais separar a hora de usar droga da hora de trabalhar. Ficou bem complicado.

À sua descrição, notou-se que nesse período da vida Aldo foi tomado por uma forte angústia: *Perdi o desejo sexual, perdi tudo e quis desistir da vida. Tentei me matar várias vezes.* As marcas da automutilação ainda estão em seus braços e lembram-no do quanto sofreu tentando fazer desvanecer seus *desejos imorais*. Quando se considerou digno novamente para tentar reconciliar os laços com a esposa, voltou para casa. Mas, os impulsos o fizeram novamente perder as rédeas do juízo e dessa vez sua conduta gerou uma punição.

Ao falar de sua história de vida e da família, Aldo sempre se coloca numa posição inferior. *Sou o pior da minha família. Sou o único dos 12 irmãos que deu errado na vida. Eu sou um imoral mesmo, não tem outra explicação. Sou um bosta, doutora!* Essas expressões são frequentes em suas falas. E na maioria das vezes, assume a responsabilidade pelo direcionamento que deu à sua vida. *Eu tenho base. Fui bem educado e mesmo assim caminhei para outra direção.*

Sua infância foi vivida na zona rural e com poucos recursos financeiros. *Nossa casa era pequena, de madeira. Quando chovia molhava tudo dentro. A gente comia quirela (milho triturado) de tão pobre que era.* Apesar das dificuldades, lembra-se da infância como sendo um período feliz, principalmente devido à presença do pai. *Meu pai era um homem maravilhoso. Nossa! Trabalhador, honrado, um exemplo. Sempre, à noite, ele reunia os filhos em volta do fogão à lenha e contava histórias. Me lembro do João e o Pé de Feijão e de muitas outras que ele contava.*

A mãe, ao contrário, demonstrava o amor pelos filhos somente através dos cuidados que lhes prestava. *Ela era secona. Não tinha negócio de carinho com ela não. Era uma mulher de cumprir obrigações. Cuidava do café, do almoço, não deixava faltar nada. Não deixava a gente se machucar, mas era só isso.*

No fim da sua infância, a família passou a morar na zona urbana e isso lhe permitiu contato com outros estímulos; nem sempre positivos ou saudáveis. Na escola sofreu assédio

moral por longo período por ser um *branquelo fracote e educadinho*. A dignidade do pai demonstrada pelo fato de ser um trabalhador honesto passou a não lhe servir mais como referência.

Meu pai era guarda na minha escola. Os estudantes que gostavam de brigar ameaçavam ele com facas. Na maioria do tempo ele andava de cabeça baixa e não olhava para ninguém. Pra mim, isso era sinal de fraqueza. Sei que ele se orgulhava de tudo o que tinha conseguido, mas eu queria mais, aquilo ali não bastava pra mim.

Por volta dos 12 anos começou andar em turma para se vingar dos meninos que lhe dirigiam ofensas. *Com uns 17 anos comecei usar drogas. Larguei de vez a escola e fui me desligando cada vez mais da minha família*. Esta, por sua vez, fez o possível para tê-lo de volta, sem sucesso. *Meus pais e irmãos queriam meu bem. Hoje vejo isso. Mas na época eu só sentia que eram muito cruéis comigo. Me chamavam de vagabundo e também de gayzinho porque eu tinha a voz muito fina. Aquilo me deixava com muita raiva!*

Aos treze anos havia conhecido a mulher que viria ser sua esposa, mãe de seus dois filhos e sua companheira em atividades ilícitas por longo período. *Ela saiu de casa cedo, gostava de ganhar dinheiro fazendo programa*. Sempre mantinham relações, mas sem firmar compromisso, até que aos 25 anos resolveu se casar com ela. *Meu pai ajudou muito a gente nessa época. Fez uma casa pra nós. Comecei a trabalhar de pedreiro e ela de empregada doméstica*. Porém, depois de quatro anos eles se cansaram de trabalhar tanto e ganhar tão pouco dinheiro. *Ela voltou a ser prostituta e eu passei a ser o motorista da boate. Foi a forma que encontramos de ganhar dinheiro. Era uma vida que eu gostava*.

Aldo fala sobre sua sexualidade abertamente e se considera um *devasso*.

Não sou estuprador, não sou violento, mas tenho algum problema na parte sexual porque gosto de levar uma vida desregrada. Eu frequentei muitos ‘inferninhos’ em busca de sexo com gays. Ali temos sexo fácil, sem precisar muito esforço para a conquista [...] Me lembro que, para me aliviar, já fiz sexo até com um animal, uma cachorra. Isso pra mim é algo meio que normal. O homem precisa se aliviar e às vezes usa animais para isso [...] Vivi toda uma vida na devassidão.

A esposa, que tinha hábitos sexuais semelhantes, foi sua companheira também em outras atividades como furto, tráfico e estelionato. *Nunca conseguimos nada absolutamente na legalidade. Eu nunca consegui produzir nada concreto a partir de trabalho honesto*.

A esposa é um ponto central em sua vida, sendo uma espécie de porto seguro quando ficou longe da família de origem. Foi ela quem lhe cuidou por longos anos e aparentemente não julga ou condenava seu comportamento, a não ser, claro, a violência ao seu filho. *Sou louco por ela. Ela é tudo pra mim. A senhora pode até ver como algo ruim isso que eu vou falar, mas eu prefiro a ela que meus filhos, entende? Sempre que eu voltei foi por ela, não por eles.*

Essa mulher, dona de quase todo seu amor, aparentemente foi também alvo de seu medo. *Eu sou um bosta doutora, sempre fui comandado pela minha mulher. Nunca consegui me impor, falar ou fazer o que eu realmente queria. Porque também se eu fizesse, ela me ameaçava. Ela era brava.*

A relação entre os dois, tão duradoura e tão cara a Aldo, mostra-se na verdade muito fragilizada nas entrelinhas do seu discurso. Apesar de a prisão ter sido decisiva para a separação dos dois, ele deixou transparecer que há muito ela demonstrava não querer mais estar no casamento. Era sempre Aldo que voltava e que pedia pela sua companhia. Ela, talvez, exaurida por tê-lo há tanto tempo sob sua dependência.

Aldo, que não havia encontrado lugar de identificação em sua família de origem, após perder também o apoio da esposa, viu no presídio a referência que sempre procurou.

Eu sou uma pessoa que se fosse solta hoje, iria sair ali na frente, olhar para um lado e para outro e não teria para onde ir. Aqui é meu lar [...] Eu vivi uma vida de mentiras, parece que aqui na prisão é a única situação que estou vivendo a vida de verdade. Aqui coloco o pé no chão e encaro a vida de frente. Recuperei minha vontade de viver e minha capacidade de fazer planos.

Porém, apesar de se sentir cuidado, *gordo e bonito de novo*, Aldo sabe que terá que continuar lutando para manter-se no *caminho que escolheu*. Durante os quatro encontros que tivemos foi possível perceber como ainda permanece escravo de seus impulsos: furta compulsivamente os livros de um projeto de ressocialização em que participa; ainda usa seu charme, ou como ele define, *interfere no ânimo* de pessoas homossexuais para conseguir vantagens com elas e confessadamente ainda tem fantasias relacionadas à zoofilia.

Aldo sabe diferenciar o “certo” do “errado”. Salienta que sempre soube. Mas, como ele mesmo se define, sente prazer em *esticar a linha entre o certo e o errado*. Esse parece ser o combustível que lhe move.

4 SUPORTE TEÓRICO

Esse trabalho toma a Psicanálise Freudiana como instrumental para leitura dos aspectos subjetivos envolvidos na manifestação sexual perversa, focando o posicionamento de sujeitos autores de violência sexual acerca de seus próprios atos. O método psicanalítico, aplicado fora do ambiente da clínica clássica, é a principal ferramenta para se tentar atingir os objetivos desse estudo.

Os relatos dos crimes pelo quais foram condenados foram trabalhados em forma de cenas, descritas na seção anterior. Por meio delas procurei transmitir o ato, a postura e o pensar de cada sujeito da pesquisa naquele momento, bem como os sentimentos em relação ao que acontecia. Essa parte subjetiva e mais dramática das cenas, por assim dizer, contou também com o olhar e um arriscar quase literário da pesquisadora, pois foi preciso mudar alguns relatos para evitar que os protagonistas fossem identificados.

Em seguida, foram apresentadas informações gerais sobre cada um deles, como questões históricas, família, amores e outros atos sujeitos a punições judiciais que trouxeram ao longo dos atendimentos. Há uma tentativa de humanizá-los, no sentido mais amplo possível dessa palavra. ou seja: não restringir o olhar para os crimes que cometeram ou a condição de condenados.

Para leitura das experiências relatadas, foi utilizado o referencial teórico psicanalítico freudiano, no qual me aportei e busquei entrelaçar às questões levantadas nos depoimentos dos sujeitos. Os relatos trouxeram o material sobre o qual procurei recortar a maneira como o sujeito vê a si mesmo, com se define, incluindo sua sexualidade, como vê a relação travada com a pessoa que foi determinada judicialmente como vítima e qual olhar destina ao sistema legal que o julgou e penalizou.

Do marco teórico psicanalítico freudiano foram pinçados conceitos úteis para compreensão de tais expressões, com destaque para pulsão, perversão, Supereu, recusa, narcisismo e pulsão de morte, os quais passo agora a expor, de forma que possam ser acessados no momento da análise.

4.1 Perversão em psicanálise: a construção do conceito

As perversões tiveram papel incontestável para a consolidação teórica freudiana a respeito da sexualidade. Foi observando a presença de tão palpáveis e inequívocos *desvios* sexuais, e atrelando-os aos sintomas neuróticos, que Freud pôde validar sua teoria da existência de uma vida sexual infantil bem como pôde ampliar o conceito de sexualidade para além do genital reprodutivo.

Num *primeiro momento*, que vai dos seus primeiros escritos até 1915, Freud delimitou o que seria o campo científico da investigação psicanalítica. Nisso ficou nítido que perversão seria um de seus principais objetos de estudo, e que seria percebida para além da patologia. Freud inaugurava a visão de que são também expressões da sexualidade, com sua gênese no desenvolvimento psicosexual e sendo parte do ato sexual.

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões (FREUD, 1905/1996, p.152).

Para empreender explicação a respeito das expressões da sexualidade humana, tanto normal quanto patológica, Freud tomou de empréstimo da psiquiatria alemã da época (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.628) a palavra pulsão (*trieb*) e definiu-a como sendo um processo dinâmico interno, no qual há uma pressão – uma exigência de trabalho imposta ao aparelho psíquico – que faz o organismo tender para um objetivo. A pulsão é representante, no nível psíquico, de uma excitação corporal e o seu objetivo ou meta é sempre o de suprimir o estado de tensão criado por essa excitação (FREUD, 1905/1996, p.159).

Para Freud (1915/2010, p.64), conforme o momento vivido pelo sujeito, a pulsão se liga a representantes que modificam continuamente tanto a meta quanto o objeto pelo qual ela atinge seu objetivo. Devido a essas vicissitudes a pulsão pode adotar caminhos diversos – sendo os quatro principais: a reversão em seu contrário; voltar-se contra a própria pessoa; a repressão e a sublimação – e marca com traços altamente individualizados a vida de cada sujeito.

Como bem ressalta Laplanche e Pontalis (1992), a psicanálise freudiana concedeu destaque ao conceito de pulsão, considerando-o uma demarcação entre o anímico e o físico. Diferenciou-o do termo instinto (*instinkt*), utilizado à época e restrito aos aspectos orgânicos.

Para Freud, o que circunscreve a pulsão sexual dentro do limite do normal ou anormal é a capacidade do Eu⁶ lutar, ou não, contra certas resistências, especificamente, a vergonha, o asco e a moral. Essas barreiras anímicas contribuem para manter a expressão da sexualidade dentro de um limite considerado normal num dado contexto social e histórico. As perversões estariam fora desse limite, pois superam essas resistências e algumas delas se afastam tanto do normal em seu conteúdo que não podem deixar de ser consideradas patológicas. Comparando-as com o sintoma histérico, Freud afirmou que este, ao contrário, era sinal de uma intensificação dessas resistências, o que impediria, de certo modo, a satisfação direta da pulsão sexual (FREUD, 1905/1996, p.152-6).

Seguindo com a comparação entre neurose e perversão, Freud vem afirmar que os sintomas neuróticos surgem para colocar em prática, de forma deslocada e condensada, as mais intensas perversões. Ou seja, a neurose eleva para o simbólico o que a perversão traz no campo da realidade:

A psicanálise mostra que de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da chamada pulsão sexual normal, mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de perversas se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e em ações. Portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade anormal; *a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão* (FREUD, 1905/1996, p.157 grifo do autor).

O que permitia a Freud aproximar dessa forma a sexualidade normal e a sintomática do neurótico à perversa era que, a seu ver, todas advinham de uma mesma origem: uma sexualidade infantil basicamente polimorfa – descentralizada – que posteriormente passaria por um processo de centralização no qual se delimitaria quais seriam os objetivos de cada uma (FREUD, 1917a/2014, p.429).

O período da infância, a partir de Freud, passou a ser visto como um tempo de intensa atividade psíquica, quando componentes da sexualidade podem ser notados. A vida sexual infantil é essencialmente autoerótica, advinda da estimulação de partes específicas do corpo – as zonas erógenas – no momento de seu funcionamento fisiológico. O alvo da pulsão sexual infantil

⁶ Utilizo a grafia “Eu” e não “ego” para substituir a expressão alemã *das Ich*. Quanto à discussão sobre essas terminologias, ver contribuições de Paulo César Souza (1999) que atesta como os pronomes latinos *id*, *ego* e *superego* contribuíram para atenuar a carga afetiva dos originais alemães *Es*, *Ich* e *Überich* tendo sido adotadas no Brasil a partir da edição *Standart* brasileira que os latinizou de maneira acrítica, com fins de proporcionar uma erudição desnecessária à escrita. “Eu nos atinge mais do que ego, que parece algo exterior a nós”, diz Souza. A expressão *Id* será mantida para a tradução de *Es*, pois o termo *Isso* que seria o substituto direto, é utilizado de maneira muito corriqueira no Brasil e, diferente do que acontece na Alemanha, poderia trazer confusão ao entendimento. Como atesta Hanns (1996), ao cunhar esses termos, Freud os substantivou: *das Es*, *das Ich* e *das Überich*. Para manter essa diferenciação, passo a utilizá-los sempre com a inicial maiúscula.

consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada dessas zonas erógenas que, a princípio, serviam às funções de preservação, como a alimentação, por exemplo. Desse modo, o sugar, ato de sorver o leite materno para sobrevivência, transforma-se em chuchar, ato que intenta prolongar o prazer obtido e que pode ser feito não mais no seio materno, mas numa parte do próprio corpo da criança, por exemplo, seus dedos (FREUD, 1905/1996, p.171-3).

Em sua vigésima primeira conferência, *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, Freud (1917a/2014, p.436) atesta que a sexualidade genital adulta não surge como algo pronto e acabado; é organizada em fases que se sucedem uma às outras. Na primeira fase, denominada oral ou canibalesca, o objetivo é a incorporação do objeto e na segunda fase, sádico-anal, o que comanda é a pulsão de dominação. Em 1923, no texto *A organização genital infantil*, Freud acrescenta ao desenvolvimento psicosssexual uma terceira fase, a fálica. Nesta fase, já se exibe um objeto sexual mais definido e certo grau de convergência das aspirações sexuais para este objeto; porém ainda se diferencia da organização definitiva da maturidade sexual porque aqui a criança conhece apenas um tipo de genitália, a masculina.

Uma das principais características da sexualidade infantil, principalmente em suas fases iniciais, é a de mostrar uma *disposição* a ser perversa e polimorfa. Ou seja, sua pulsão sexual ainda se faz dispersa, dividida em parcelas que são investidas em objetos igualmente dispersos, sobressaindo dentre eles, seu próprio corpo e o corpo de seus cuidadores imediatos. Essa disposição estaria naturalmente presente na criança porque, conforme a idade, os diques anímicos contra os excessos sexuais – o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção (FREUD, 1905/1996, p.180).

Seguindo um desenvolvimento normal, a criança passará por todas essas fases de maneira exitosa até chegar à maturidade sexual adulta na qual se tem como objetivos principais o abandono do autoerotismo e a unificação dos diversos objetos pulsionais num único objeto. A relação com este objeto estaria agora subordinada ao primado da pulsão sexual genital tendo como principal função, a reprodução (FREUD 1917a/2014, p.437).

A construção freudiana a respeito das fases psicosssexuais é riquíssima e eu não conseguiria expô-la aqui a contento em todo seu detalhamento. Trago como recorte suas observações a respeito da fase sádico-anal, necessárias à compreensão de alguns aspectos delineados nessa pesquisa.

Na fase sádico-anal, mais evoluída que a oral, é possível notar a presença de um objeto alheio à própria criança, bem como constatar a polaridade sexual. Contudo, não se demonstra ainda nos termos masculino e feminino, mas via de posicionamento psíquico “ativo” e “passivo”. Há também nesta fase uma preponderância da crueldade que é descrita por Freud como algo inerente à composição dos seres humanos.

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio (FREUD, 1905/1996, p.182).

Freud admite que nesse momento teórico a psicanálise ainda não tinha total compreensão a respeito da crueldade; que apenas supunha ser ela provinda da pulsão de dominação e surgida na vida sexual numa época pré-genital. Porém, mesmo com posicionamentos teóricos ainda não conclusos, ele atentou para a possibilidade de certo perigo quando a crueldade se ligava às pulsões sexuais:

As crianças que se distinguem por uma crueldade peculiar para com os animais e os companheiros despertam, em geral justificadamente, a suspeita de uma atividade sexual intensa e precoce advinda das zonas erógenas, e mesmo no amadurecimento precoce e simultâneo de todas as pulsões sexuais, a atividade sexual erógena parece ser primária. A ausência da barreira da compaixão traz consigo o risco de que esse vínculo estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas torne-se depois indissolúvel na vida (FREUD, 1905/1996, p.182).

Com isso referia-se nitidamente à questão da perversão sexual sádica. No texto *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, Freud (1917a/2014), discutindo sobre as fontes da sexualidade infantil, volta ao assunto e ressalta que a pulsão para o sadismo poderia advir de uma fonte orgânica, mais especificamente a atividade muscular, da qual a criança retira extraordinário prazer. Em alguns sujeitos, a estreita vinculação infantil entre as lutas corporais e a excitação sexual seria co-determinante da orientação sádica da pulsão sexual.

O par de opostos, sadismo e masoquismo, ocupa, para Freud, um lugar especial entre as perversões, pois o contraste entre atividade e passividade pertence às características fundamentais da vida sexual. Um pequeno texto com essa afirmação foi acrescentado ao primeiro de seus *Três ensaios* em 1915 e nos serve agora de ponte para adentrarmos no *segundo momento* da

construção freudiana a respeito da perversão no qual o entendimento do funcionamento masoquista foi determinante.

O objetivo teórico de Freud agora era dar consistência às suas investigações a respeito da origem das perversões e um passo relevante no sentido de destinar a isso uma explicação metapsicológica foi dado com o texto *Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*, de 1919. A fantasia de ser espancada surge na infância por uma oportunidade casual e pode se manter como um traço primário de perversão. Num desenvolvimento dito normal, processos como repressão, formação reativa e sublimação fazem essa perversão infantil sucumbir. Contudo, se ocorrer um evento fixador fazendo-a ligar-se a um componente sexual prematuro e perdurar até a vida adulta, manifestando via mecanismo de regressão a esse ponto de fixação.

A fantasia de ver um adulto, geralmente o pai, batendo numa outra criança traz para a criança, principalmente para a menina, pode ser um imenso prazer e a certeza de ser a única amada:

É agradável a ideia de o pai bater nessa criança odiada, independentemente de tê-lo visto fazendo isso. Isso significa: meu pai não ama esse outro, *ama apenas a mim* [...] É uma fantasia não puramente sexual e nem puramente sádica, mas o material de que surgirão depois as duas coisas (FREUD, 1919/2010, p.305 grifo do autor).

A cena inicial na qual prevalece uma satisfação sádica é, indubitavelmente incestuosa, pois nela o pai destina seu amor unicamente à filha. Esse desejo proibido leva a uma consciência de culpa por meio do qual a cena se reverte e a criança que fantasia passa a ser a mesma que apanha. O significado subjacente agora é *ele não me ama, pois também me bate*. Para Freud (1919/2010, p.308), nesse momento, estava desvendado a essência do masoquismo: “[...]ser golpeado é uma convergência de consciência de culpa e erotismo; *é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela*” (grifo do autor).

No texto citado no parágrafo anterior, Freud coloca em destaque a ideia de que o masoquismo não seria uma pulsão primária e sim originária do sadismo que num momento posterior se volta contra o próprio Eu. Porém, passados cinco anos e tendo amadurecido suas constatações a respeito do dualismo pulsional (pulsão de morte/pulsão de vida), chega à conclusão de que existe sim uma forma de masoquismo original e ele seria, basicamente, a porção da pulsão de morte que não foi transposta para fora do organismo.

Essas novas conclusões são bem colocadas no texto *O problema econômico do masoquismo* no qual Freud (1924c/2011, p. 199-202) afirma existir como derivação do masoquismo original uma forma secundária, o masoquismo moral. Nesse conceito, o masoquismo é ampliado para além da questão erógena e atinge um sentimento de culpa diante do qual o sujeito se vê ansiando por ser castigado. Chega até mesmo a provocar uma situação para receber uma heteroagressão, fazendo algo passível de punição. Outra possibilidade é se boicotar, como ocorre quando se perde um objeto ou uma oportunidade porque esqueceu ou se atrasou, por exemplo.

Deter-me-ei às questões do dualismo pulsional e do sentimento de culpa na seção seguinte, retomando agora às construções freudianas a respeito da sexualidade infantil no seu sentido mais genérico.

Relembramos então que as fases constituintes da sexualidade na infância e descritas nos *Três ensaios* foram complementadas em 1923 com o artigo *A organização genital infantil: um acréscimo à teoria da sexualidade*. Freud (1923b/2011, p.171) viria afirmar que a maturidade sexual a que chega a criança pouco fica devendo à da fase adulta, podendo-se destacar apenas uma, porém substancial, diferença: enquanto o adulto vive a primazia genital, a criança vive a primazia do *falo*. O menino (Freud dizia que sua teoria é mais aplicável ao sexo masculino) supõe que todos os outros seres vivos, tanto pessoas como animais, possuem um órgão semelhante ao seu. Mesmo em coisas inanimadas ele vai procurar encontrar uma formação análoga.

Movido pela curiosidade o pequeno infante empreende uma investigação sexual na qual procura confirmar sua teoria. Porém, observando pessoas do sexo oposto, constata que nem todos são iguais a ele próprio e tem como primeira reação uma postura de *recusa* dessa realidade.

[...] acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado. A ausência de pênis é vista como resultado de uma castração, e o menino se acha ante a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio (FREUD, 1923b/2011, p.173).

Associada à constatação da realidade de que existem seres não possuidores de pênis, o menino pode também ser ameaçado por seus cuidadores de que perderá seu pênis caso não deixe de manipulá-lo, por exemplo. Essa ameaça de castração faz a sua organização genital fálica sucumbir. Nota-se que a organização da fase fálica acontece por meio do emaranhado de vários

elementos interdependentes entre si, sendo os principais um desejo incestuoso em relação à mãe e uma inclinação homicida em relação ao pai. A esse cenário dramático e fantasioso de triangulação amorosa no qual a criança se insere Freud denominou complexo de Édipo, o qual seria literalmente dissolvido diante da ameaça de castração.

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo (FREUD, 1924a/2011, p.208).

Segue-se a esse desfecho um período de latência no qual os interesses da criança se voltam para outros assuntos, ficando essas questões da ordem da sexualidade num segundo plano. Retornarão no período da puberdade sendo, então, destinados a objetos substitutos do amor originário.

A dissolução do complexo de Édipo advinda da *repressão* de pulsões sexuais incestuosas, descrita nos parágrafos acima é a principal característica da estruturação neurótica. Porém, não é a única alternativa que se mostra para a criança. Esta pode remodelar todo o contexto substituindo-o por uma realidade fantástica levando a um quadro psicótico (FREUD, 1924b/2011, p.215-21) ou ainda pode *escolher* continuar recusando essa realidade apenas no seu conteúdo sexual, ato que passa ser uma constante no sujeito de estruturação perversa.

Chegamos assim ao *terceiro momento* freudiano da teorização sobre nosso tema de pesquisa. Aqui Freud sai completamente da visão um tanto quanto taxonômica *das perversões* observada nos *Três ensaios* e consolida a *perversão* como estrutura de personalidade baseando-se num posicionamento totalmente metapsicológico.

O texto base para esse momento será *O Fetichismo*, de 1927, no qual o termo recusa (*Verleugnung*) é esmiuçadamente trabalhado em contraposição ao termo repressão (*Verdrangung*). Freud foi constatando, ao longo do atendimento de seus casos clínicos, que a perda completa da realidade (psicose) não era um fato inequívoco para todas as pessoas que se viam em situações traumáticas. Algumas delas ‘escotomizava’ apenas uma parte dessa realidade, a que causasse mais dor, como a perda de um ente querido, por exemplo.

Em casos específicos de fetichistas, Freud concluiu que, a exemplo de seus outros pacientes, eles também modificavam apenas uma parte da realidade, porém para além de uma escotomização simples, eles substituíam com um objeto a parte traumática e recusada da

realidade. O pênis materno – que na realidade não existe – continua existindo na psique do menino por meio de um representante ideativo. Este, por sua vez, será substituído por um objeto externo – objeto de fetiche. Assim:

Não é certo dizer que a criança, depois de fazer sua observação da mulher, manteve intacta a crença de que ela tem um falo. Conservou esta crença, mas também a abandonou; no conflito entre o peso da percepção indesejada e a força do desejo contrário chegou a um compromisso, o que é possível apenas sob a direção das leis do pensamento inconsciente – dos processos primários. Sim, na psique a mulher continua a ter um pênis, mas este pênis já não é o mesmo de antes. Outra coisa ocupou seu lugar, foi como que nomeada seu substituto e veio herdar o interesse que antes se dirigia a ele (FREUD, 1927/2014, p.306).

Para além de uma simples veneração o objeto de fetiche é, para o fetichista, um representante da castração, tanto de sua recusa quanto de sua afirmação. Se ele serve para tamponar uma falta é justamente porque esta falta foi, efetivamente, constatada. Então, esse processo no qual um objeto secundário é eleito como substituto do falo materno carrega em si a capacidade de proteger o sujeito contra a ameaça angustiante da castração. Eis a fórmula básica do fetichismo, adotado, desde então, como protótipo de todas as perversões.

A atitude dividida perante tal realidade angustiante só é possível devido ao que Freud denominou como clivagem do Eu (*Ischspaltung*), termo que antes reservava somente para a psicose e que passou a estender também para a estruturação perversa de personalidade. A *spaltung* do perverso é restrita à realidade da castração enquanto no psicótico esse processo o faz cindir-se de toda a realidade externa. Essa ideia iniciada em *Fetichismo*, de 1927, foi concluída nos textos *A divisão do eu no processo de defesa*, escrito em 1938 e publicado postumamente em 1940 e no capítulo VIII do seu *Esboço de psicanálise*, também com a mesma data de escrita e publicação.

O seu comportamento (do fetichista) expressa simultaneamente duas premissas contrárias. Por um lado, negam o fato de sua percepção – o fato de que não viram pênis nos genitais femininos – e, por outro, reconhecem o fato de que as mulheres não possuem pênis e tiram dele as conclusões corretas. As duas atitudes persistem lado a lado durante toda a vida, sem se influenciarem mutuamente. Temos aqui o que pode ser corretamente chamado de divisão do Eu (FREUD, 1940[1938]b, p.216).

Amparados em Roudinesco e Plon (1998 p.585) podemos afirmar que a formatação dos conceitos de recusa e clivagem do Eu permitiram que Freud visse a perversão não mais apenas como o resultado de uma predisposição polimorfa da sexualidade infantil, mas como a

consequência de uma atitude do sujeito humano confrontado com a diferença sexual. Foram esses dois conceitos que permitiram também a muitos autores psicanalistas pós-freudianos, como afirma Ferraz (2000), trazerem contribuições riquíssimas não só à teoria e à clínica da perversão, mas também dos fenômenos não-neuróticos em geral.

Uma das construções pós-freudianas mais relevantes no estudo da perversão é a consolidação de que ela consiste numa defesa contra a psicose. Piera Aulagnier (1967/2003) trouxe o posicionamento de que a *escolha* perversa, ao contrário do que o sujeito perverso acredita, nada mais é que uma ilusão; porém, mesmo assim, isso se torna a única coisa que o prende ao registro do desejo e o ultraje seria a única forma que o sujeito encontrou de reintegrar a ordem da Lei. Em suas palavras:

Se a recusa e a *spaltung* do Eu que ela pressupõe são, justamente, consideradas o traço específico da estrutura perversa, é porque elas representam a solução imposta ao perverso pela configuração edípiana. A recusa coincide com esse rodeio onde o sujeito confronta o complexo de Édipo e onde se joga a recolocação de suportes identificatórios, recolocação que vai assinalar definitivamente seu destino de sujeito desejante (AULAGNIER, 1967/2003 p.58).

Vemos em Ferraz (2011, p. 45) a corroboração desse posicionamento:

Se definirmos a perversão como uma defesa contra a psicose – e não a recíproca –, implícito está que ela representa um nível de maior organização do Eu. A ameaça da perda da identidade está presente na perversão; entretanto, não se chega à fragmentação identitária, por mais que ela revele um sujeito dividido, vivendo numa via estreita e impedido de produzir deslizamentos simbólicos.

Joyce McDougall, por sua vez, e argumentando na mesma linha de raciocínio, defende que a ilusão do perverso é por ele reconfigurada e revivida em *cenários* repetitivos e infinitas. A repetição é, para esta autora, o que mantém a integridade psíquica do sujeito perverso e viria como substituto da simbolização, capacidade inerente ao neurótico.

Aquilo que foi negado ou recusado não é restituído ao sujeito sob forma delirante (como na psicose), mas sim redescoberto, de uma certa maneira, graças à *ilusão* contida no ato (pela qual, aliás, o sujeito não se deixa de todo envolver). Podemos constatar aí uma falha na aptidão para simbolizar a realidade sexual e para criar um universo fantasmático capaz de enfrentar a verdade intolerável. Doravante, a ilusão deve ser encenada *ad infinitum*, para evitar a solução psicótica e o delírio (McDOUGALL, 1983, p.45).

Janine Chasseguet-Smirgel (1984/1991) é outra psicanalista pós-freudiana que trabalhou de forma magistral a concepção de recusa. Para esta autora, a analidade e o narcisismo são preponderantes na estruturação perversa e, a partir desse enfoque, afirmou que a recusa envolve muito mais que a negação da ausência do pênis; ela envolve a negação de toda a cena primitiva e, portanto, da evidência do intercâmbio genital entre os pais. A recusa se dá então em relação aos poderes do pênis genital do pai que, num ato narcísico, o menino substitui pelo seu próprio, o qual, por sua vez detém características advindas basicamente da fase anal de desenvolvimento.

O processo de substituição de uma satisfação auto-erótica imediata ligada ao objeto sexual, graças à *fantasia* que é o meio neurótico, também normal, de evitar o adiamento, nos parece ser substituído, no perverso, pela *regressão* que consegue conduzir o desejo, a fonte, o alvo, as representações que a ele estão ligados, ao domínio sádico-anal, processo que não apenas permite evitar o adiamento da satisfação, mas também abolir a própria noção de adiamento, enquanto a dimensão genital da psicosexualidade desaparece (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1984/1991, p.185, grifos da autora).

Para Chasseguet-Smirgel (1984/1991), a primazia da fase anal sobre a fálica leva o perverso a uma *fecalização* do objeto, incidindo num desmerecimento deste e, principalmente, na permanência deste sujeito num universo onde ele nega a diferenciação genital (das figuras materna e paterna). Negaria também a diferenciação entre seu pênis e um pênis adulto e isso lhe permitiria continuar desejando e “obtendo” a mãe enquanto figura de amor.

A abolição da diferença entre os sexos e as idades por meio da permanência na fase anal pré-edípica permite ao sujeito evitar o adiamento da satisfação. As fezes são uma posse comum da criança e do adulto, do homem e da mulher e, por isso, a ilusão de satisfação é mantida e permite a criança (e o futuro perverso) estar num mundo onde não precisa lidar com a realidade sexual genital nem tampouco crescer.

Portanto, a negação da diferença e complementaridade sexual, associada à negação da diferença entre as gerações é a argumentação de base sobre a qual Chasseguet-Smirgel (1984/1991) irá construir todo seu posicionamento sobre a perversão.

No Brasil, um dos expoentes autores sobre o tema da perversão é Flávio Carvalho Ferraz. Ele vem trabalhando o conceito de recusa na vertente da temporalidade e afirma que a fixação do perverso em um estágio pré-genital não seria apenas fixação a uma forma de obtenção de prazer, mas, sobretudo a um *momento* do desenvolvimento psicosexual, o que afirmaria a qualidade eminentemente *temporal* da perversão.

Para Ferraz (2005), a recusa do tempo pode ser localizada em outros quadros psicopatológicos além da perversão e até mesmo na dita normalidade. Pacientes *borderline*, determinados quadros de ansiedade, a psicose e o autismo trariam intrincados em suas configurações a recusa do fator tempo, ou como o autor prefere, da *processualidade*. Este autor busca na psicanálise freudiana a noção de que a tolerância à processualidade, envolvendo espera e adiamento, está na base do processo secundário e a noção de temporalidade necessária à sua aquisição provém da experiência de descontinuidade contida na série frustração-satisfação.

Então, para Ferraz (2005), mesmo que o inconsciente seja atemporal, a temporalidade é primordial para os processos secundários e, conseqüentemente, para a instalação do senso de realidade. A impossibilidade que o sujeito perverso apresenta nessa área o leva a estar no extremo oposto ao da vida, preso “a um instante eternizado e estéril”.

Explicando de forma bastante didática ao que se refere esse momento eternizado e para sempre repetido na estruturação perversa, McDougall (1983) retomou a concepção freudiana do desenvolvimento das noções sexuais da criança. Tal concepção é formada por quatro fases bem distintas: primeiro, a criança acredita que existe um único órgão, o pênis; depois ela percebe que as mulheres são seres não dotados de tal atributo e *recusa* a insuportável percepção; após isso ocorreria uma adaptação psíquica à realidade sexual indesejada e a elaboração de fantasias explicativas; seguido pela fase final concernente a uma anulação neurótica do órgão sexual inaceitável por intermédio de uma formação reativa, ponto sobre o qual poderá se consolidar a construção de inibições e fobias.

É um caminho tortuoso para o menino, mas chegando ao final, ele será capaz de reconhecer o “sexo hiante da mãe e contra-investir sobre ele, tirando-o de um lugar de fascinação para tomá-lo simplesmente como algo que bloqueia temporariamente a passagem ao desejo” (McDOUGALL, 1983, p.45).

O perverso estaria, segundo a autora que agora nos orienta, fixado entre o estágio dois e o três de desenvolvimento. A incapacidade de elaborar fantasias explicativas que preencham o vazio deixado pela recusa é típica da solução desviante e, ao invés de *reconhecer* a falta (do falo materno), o sujeito perverso literalmente *cria*, através do objeto de fetiche, uma realidade alternativa na qual a falta não existe.

Tendo sido subtraído da capacidade de fantasiar, a prática sexual do perverso e, por extensão, todos os outros campos de sua vida, ficam restritos a uma perspectiva bastante limitada.

Ele se vê, segundo McDougall (1983), compelido ao ato e a pôr em prática tudo o que imagina, numa repetição compulsiva que será seu martírio auto afirmativo e eterno.

Com o breve *passeio* que agora fizemos com esses psicanalistas contemporâneos, podemos observar o quanto os conceitos de recusa, clivagem do Eu e até mesmo o de perversão ainda estão vivos e férteis dentro da psicanálise. Isso contrapõe posicionamentos mais radicais que afirmam ser necessário o abandono da teoria e principalmente da clínica psicanalítica em relação aos sujeitos com essa estruturação de personalidade. E mesmo que se tratasse de uma verdade irrefutável esta última afirmação, ninguém poderia negar a imensa contribuição de Freud para o estudo desse objeto.

A principal diferença entre Freud e outros estudiosos, seus contemporâneos e antecessores, a respeito da perversão, é que ele procurou inscrevê-la num campo à parte da valoração moral. Lanteri-Laura (1994) na obra *Leitura das perversões* faz um resgate da história da perversão na Medicina. Nesse resgate vemos que o trabalho da psiquiatria no último terço do século XIX e principalmente o de Magnan, em 1885, contribuiu para que a perversão fosse inscrita numa delimitação específica da sexualidade e proporcionaram com isso uma delimitação semântica para esse campo de pesquisa. Porém, apesar do inegável avanço, não conseguiram transpor a barreira da taxonomia e destinavam às perversões apenas uma simples e longuíssima catalogação.

Lanteri-Laura (1994) nos lembra também que a medicina daquela época muito contribuiu aos interesses da então classe dominante. Intercalando-se aos âmbitos religioso e legal, abrasou regras sexuais moralizantes e colaborou para que o campo da sexualidade fosse visto sob duas óticas: de um lado o “lícito”, ligado à procriação, casamento e à ausência de prazer e, de outro, o “ilícito”, desenhado num eixo que ia desde condutas sexuais ditas ridículas até os crimes. O autor descreveu a maneira que a sociedade da época tratava o assunto:

[...] o desprezo condescendente permitia falar disso e rir, mas quando necessário, as pessoas sabiam que aquilo tudo era perigoso e que, uma vez cessado o riso, impunha-se a condenação. Os perversos, apesar de tudo, eram monstros: que se risse dos pequenos, mas que se tomasse cuidado com os grandes (LANTERI-LAURA, 1994, p.23).

Freud (1905/1996, p.152), por sua vez, procurou ressaltar em seus estudos que a perversão pouco tinha a ver com moralidade ou com monstruosidade. Ela era um dos constituintes da sexualidade, inclusive daquela considerada normal. Os perversos não seriam

criaturas sobrenaturais, indignas de serem consideradas humanas. Mesmo nos casos extremos, ressaltou ele, não se podia desconsiderar o fato de que pessoas cuja conduta é normal em outros aspectos colocam-se como doentes apenas no campo da vida sexual, sob o domínio da mais irrefreável de todas as pulsões. O contrário, porém, seria muito fácil de ser encontrado, ou seja, pessoas manifestamente anormais em outras áreas costumam mostrar invariavelmente um fundo de conduta sexual também anormal.

Certamente Freud não resolveu o problema de aceitação social dos perversos, por assim dizer, e talvez nem fosse isso que almejasse já que considerou a perversão uma estrutura de desenvolvimento inferior à neurose. Porém, se tomarmos de empréstimo a analogia feita por Lanteri-Laura (1994, p.77), temos que concordar com ela e dizer que as constatações freudianas fizeram com que o perverso fosse finalmente aceito no banquete, mesmo não tomando assento à mesa.

A existência de perversões, mesmo aquelas voltadas à crueldade e violência, não surpreendia o jovem Freud. Muito ao contrário, como destaca Lanteri-Laura (1994), ao estudar a sexualidade, seu espanto se dirigia sobre a predominância moral do comportamento heterossexual e exclusivamente genital do adulto. A sexualidade não sendo resultado exclusivo da maturação biológica e o prazer estando localizado em várias zonas erógenas é de ficar surpreso que a sexualidade seja restrita ao encontro genital entre sujeitos pertencentes a gêneros diferentes.

Foi tratando com naturalidade a questão da perversão que Freud conseguiu enxergar, além de uma simples estrutura psíquica, também o quanto ela se fazia presente e necessária na constituição do sujeito (neurótico-normal) a partir da representação que ele faz de sua própria história ou da história de suas origens. Histórias marcadas por atos perversos incluindo incestos, fazem parte de seu imaginário e de sua subjetividade. O resgate, ou melhor, a *construção* dessas histórias-fantasias em análise, permite ao sujeito, agora adulto, ver-se em posição desejante e, portanto, protagonista de sua vida.

Por outro lado ainda, se tomarmos a fantasia em seu sentido lato, também será possível constatar a importância, ou pelo menos, o vasto lugar ocupado pela perversão em nossas vidas. Nesse sentido, Roudinesco (2008) nos lembra de que as expressões perversas da sexualidade sempre foram usadas pelo mundo das artes e não são poucos os escritores, poetas e filósofos que as consideram superiores às práticas sexuais ditas normais. Destarte, parafraseando a citada autora: sendo proibida, a perversão estará sempre presente na ordem do desejo. O que nos resta

tentar alcançar é que ela nos chegue sublime pela arte, e não por violência direta, como nos assassinatos.

4.2 Pulsão de morte

O amadurecimento teórico alcançado por Freud em relação à perversão só foi possível porque ele conseguiu transpor as barreiras do que seria um posicionamento simplesmente descritivo da psique humana para outro que ele próprio denominou como sendo metapsicológico. A metapsicologia freudiana é a plataforma epistemológica sobre a qual a Psicanálise construiu o seu saber (ASSOUN, 1996). Os escritos de Freud a partir dos anos 1920 consolidaram essa nova maneira de olhar os processos psíquicos como estando sempre perpassados por três aspectos: o tópico, o dinâmico e o econômico.

Pelo ponto de vista tópico supõe-se existir lugares metafóricos nos quais se encontram sistemas psíquicos que funcionam em inter-relação. A princípio, em 1900, Freud pensou esses lugares como sendo o sistema inconsciente de um lado e o pré-consciente e consciente de outro. A partir de 1923, na sua segunda tópica, denominou-os como sendo Id, Eu e Supereu. O inter-relacionamento dessas instâncias psíquicas não se dá sem conflito, sem uma oposição de forças na qual cada um dos sistemas vai querer impor seu modo de funcionamento. O resultado desse embate confere ao psiquismo o seu aspecto dinâmico. O ponto de vista econômico, por sua vez, foi bem delimitado por Freud (1920) como sendo o acúmulo e diminuição de tensão no funcionamento psíquico. Ele consistiria de uma estimativa aproximada da quantidade de excitação presente em cada processo psíquico.

A racionalidade peculiar inaugurada pela Psicanálise permitiu, conforme defende Assoun (1996), a apreensão do inconsciente, ou melhor, de suas expressões, enquanto objeto de investigação. Para esse autor, a única maneira de se chegar ao psiquismo é pelo inconsciente – já que a consciência é fugacidade – e este só tem sentido, em sua concepção psicanalítica, se for pensado enquanto objeto metapsicológico.

O arcabouço metapsicológico freudiano é amplo e de dentro dele pinçarei agora os conceitos de pulsão, pulsão de morte, sadismo, narcisismo e angústia de consciência, necessários à compreensão da temática escolhida nessa pesquisa.

O conceito de pulsão (*Trieb*) não se alterou no decorrer da obra freudiana desde seu uso inicial, em 1905 quando foi publicado pela primeira vez os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Porém, no contexto teórico metapsicológico a teoria geral sobre as pulsões sofre algumas importantes reformulações e chega a seu terceiro e conclusivo momento, aquele que trata do dualismo pulsão de vida e de morte. Vejamos sucintamente os caminhos traçados por Freud.

Como explicitado na seção anterior, Freud inaugura, em 1905, uma nova concepção de sexualidade. Em geral, o autor afirma, num primeiro momento, que as pulsões parciais da criança são de ordem libidinal e funcionam em contraposição às pulsões de autoconservação. A *fome* e o *amor* são então os dois grandes grupos nos quais se podem incluir todas as pulsões orgânicas (FREUD, 1910/1996). Logo após, em 1911, ele elencaria duas modalidades de funcionamento para esses grupos de pulsões: o princípio do prazer e o princípio de realidade:

[...] os processos anímicos inconscientes, cujas peculiaridades nos são conhecidas através da análise, são os mais antigos e, portanto, primários, vestígios de uma fase de desenvolvimento em que constituíam a única espécie de processos anímicos. A tendência a que eles obedecem é designada como princípio do prazer [...] O aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. Com isso foi introduzido um novo princípio, o de realidade. Já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável (FREUD, 1911/2010, p.111-2).

Vê-se então nesse primeiro posicionamento freudiano, uma oposição entre pulsões sexuais, voltados para o objeto, e regidas pelo princípio do prazer e as pulsões do Eu ou de autoconservação que permanecem sob o princípio da realidade. Muito disso seria posto em reformulação, mas o resultado marcante deste momento foi que se destinou à pulsão libidinal uma atuação para além da função de reprodução, ampliando-a para sensações prazerosas que, a princípio, pouco tinha de sexual.

A partir de 1914, com *Introdução ao narcisismo*, Freud expõe sobre os caminhos tomados pela pulsão sexual, ou libido. Ele afirma que os primeiros objetos externos alvos dessa libido são as pessoas que realizam as tarefas ligadas aos cuidados da criança, geralmente os pais. A criança se identifica com esses cuidadores e os transforma em objetos para os quais destina seu amor. Porém, observando quadros de psicose, Freud constatou que os pacientes acometidos por essas afecções retiravam a libido anteriormente aplicada aos objetos externos e as convertia para o Eu, num movimento inverso.

Observou-se que essa reversão da libido acontecia com regularidade e não apenas na psicose. Na verdade, como o Eu é o reservatório original da pulsão, Freud concluiu que permanecia ali um quantum dela e chamou-a de narcísica ou pulsão de autoconservação. Com isso tornou-se insatisfatória a oposição entre as pulsões do Eu de um lado e as sexuais de outro. O que antes se pensava em termos qualitativos passou a ser caracterizado como topológico e o *locus* do investimento definiu a libido como sendo *do* Eu ou *do* objeto, como bem ressalta Birman (1997).

As pulsões do Eu e as sexuais foram, então, colocadas num mesmo grupo já que o Eu poderia também ser um objeto libidinal. Isso levou Freud questionar se existiria um segundo grupo pulsional para contrapor ao sexual. Em além *Além do princípio do prazer* (1920) expôs suas conclusões nas quais chegou a um novo dualismo pulsional e o denominou como pulsões de vida e de morte.

O primeiro passo dado por Freud em direção a essa construção teórica veio de sua observação do fenômeno psíquico da repetição presente nas brincadeiras infantis. Na criança a repetição ocorre para que ela reencontre uma experiência satisfatória, como por exemplo, ouvir várias vezes a mesma história. Esse modo de funcionamento impulsivo e compulsivo presente na repetição, segundo Freud, seria análogo ao funcionamento das pulsões. Essas são resultados de impulsos orgânicos que rumam em direção ao psíquico e não obedecem ao processo nervoso ‘ligado’, mas àquele livremente móvel, que pressiona por descarga, ou seja, é um processo psíquico primário que tende à satisfação prazerosa (FREUD, 1920/2010, p.198).

Freud percebeu que seus pacientes se comportavam de maneira igualmente infantil e repetitiva, equivalendo dizer que os traços de lembrança reprimidos de suas experiências primevas não se achavam neles presentes em estado ligado (a uma representação) e não eram capazes, em certa medida, de obedecer ao processo secundário. Freud observou que a compulsão à repetição levava o paciente a *resistir* ao processo de tratamento psicanalítico. Porém, conseguiu enxergar na repetição algo que ia além do princípio do prazer. A criança poderia obter algum controle sobre uma experiência dolorosa, como a ausência da mãe, como ocorre no famoso exemplo do *fort/da* (FREUD 1920/2010, p.201).

A compulsão à repetição pode também levar ao retorno de experiências anteriores que não comportam prazer algum. Há pessoas, segundo Freud, condenadas a conhecer o fracasso reiterado como se obedecessem a uma ordem demoníaca e, portanto,

[...] não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos [...] Existe no psiquismo uma forte *tendência* para o princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer (FREUD, 1920/2010, p.165, grifo do autor).

Relacionando as pulsões ao caráter compulsivo de repetição, notou-se que o organismo vivo tende à restauração de um estado anterior e que as pulsões orgânicas seriam então orientadas para a regressão. Como o estado anterior à vida é a não existência de vida, concluiu-se que esse seria, então, o destino para o qual as pulsões se dirigem:

Se todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente* (FREUD, 1920/2010, p.204, grifos do autor).

O organismo, contudo, aceita morrer apenas a seu modo, ou seja, de causas *naturais*, seguindo o caminho das pulsões e, por isso lutará contra os perigos externos que poderiam encurtar tal caminho. Essas conclusões estavam relacionadas aos impulsos do Eu, aqueles extremamente conservadores. São eles que, mesmo isso parecendo contraditório, têm a função final de conduzir o organismo à morte. Em oposição a eles estão as pulsões sexuais:

Elas (as sexuais) são propriamente as pulsões de vida; pelo fato de agirem contra a intenção das outras pulsões – que, devido à sua função, conduz à morte [...] É como um ritmo hesitante na vida dos organismos; um grupo de pulsões precipita-se para a frente, a fim de alcançar a meta final da vida o mais rapidamente possível; atingida uma determinada altura desse caminho, o outro corre para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada (FREUD, 1920/2010, p.208).

Este resultado teórico ao qual chegou não parecia satisfatório a Freud, pois seus estudos sobre o narcisismo já lhe davam a certeza irrefutável do caráter também libidinal das pulsões de Eu. O investimento libidinal era fato inequívoco e servia também às funções de autoconservação. Deste modo, ele colocou tanto as pulsões do Eu quanto as sexuais num mesmo grupo e o denominou Eros, ou pulsão de vida, no sentido de que elas tudo preservam, fazendo ligar e renovar a vida (FREUD, 1920/2010, p.223).

Contudo Freud tinha uma visão assumidamente dualista e a ideia de que tudo poderia advir de uma única força, a libidinal, lhe incomodava. Fora isso, o próprio amor objetual lhe

pareceria antagônico, sendo possível amar e odiar uma mesma pessoa. Como poderia a pulsão sádica ser derivada de Eros?

Tentando dar respostas a esses questionamentos, Freud (1920/2010, p.224-5) concluiu que deveria existir outra classe de pulsões, antagônica a Eros. Não conseguiu provar sua existência, mas até seus últimos escritos, manteve-se firme no sentido de afirmar que essa força opositora seria a pulsão de morte.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud reconhecia presença de um componente sádico na pulsão sexual. Se esse componente dominar toda a tendência sexual, a pessoa adulta recai na perversão. Mas em relação ao desenvolvimento psicosexual, o sadismo exibe função fundamental. Se no estágio oral da organização da libido, a posse amorosa coincide com a destruição do objeto, no estágio seguinte mesmo que sendo atingido por agressão, o objeto passa a permanecer externo à criança. E este é um passo importante para que o objeto seja enfim subjugado na fase posterior, no estágio da primazia genital (FREUD, 1920/2010, p.226).

Em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) Freud já afirmara que a partir do momento em que o investimento da libido no Eu supera determinado limite, surge necessidade de investi-la também em objetos externos. Esse investimento, vemos agora, é feito, a princípio, com a externalização de parte da pulsão de morte, com a agressão e sadismo, os quais vão se atenuar ao se ligarem a Eros.

Podemos dizer, de fato, que o sadismo expulso do Eu mostrou caminho aos componentes libidinais da pulsão sexual; depois estas acorrem para o objeto. Quando o sadismo original não experimenta atenuação ou fusão, produz-se a conhecida ambivalência de amor e ódio na vida amorosa (FREUD, 1920/2010, p.226).

A conclusão posta de que o sadismo está a serviço da pulsão sexual não foi abandonada por Freud, mas retomando o problema do masoquismo em 1924, ele conseguiu lhe dirigir um novo olhar, consubstanciado pela então recente teorização sobre as duas classes pulsionais.

Interessava agora a Freud investigar sobre a relação que poderia haver entre o princípio do prazer e as duas espécies de pulsões. O pensamento básico de que o princípio do prazer seguia uma tendência à estabilidade deveria ser complementado já que há casos em que o aumento de tensão é prazeroso e a distensão não o é, como na excitação sexual, por exemplo.

Prazer e desprazer, portanto, não podem ser referidos ao aumento ou diminuição de uma quantidade que chamamos de tensão devida a estímulos, embora

claramente tenham muito a ver com isso. Parece que não dependem desse fator quantitativo, mas de uma característica dele que só podemos designar como qualitativa (FREUD, 1924c/2011, p.186).

Dentro do grande leque que é a dimensão qualitativa, pode-se encontrar expressões de prazer nas mais variadas atividades. Ser infligido pela dor ou provocá-la em outrem certamente está no rol de possibilidades. Quanto ao masoquismo, Freud (1924c/2011) salientou que ele pode se manifestar de três formas. Como expressão de uma natureza feminina na qual o sujeito se coloca numa posição de castrado e deseja ser subjugado pelo detentor do falo; como condição para a excitação sexual, obtendo prazer na dor e, por fim, como uma norma de conduta na vida. As duas últimas formas, conceitualmente denominadas de masoquismo originário e moral, respectivamente, serão aqui salientadas.

A explicação do masoquismo enquanto uma pulsão sexual advinda de uma função orgânica – a dor – que foi exposta nos *Três ensaios* não comportava explicação para o seu oposto, o sadismo. Este só seria compreendido de maneira satisfatória a partir da ideia de pulsão de morte e de sua fusão ou desfusão com a pulsão de vida.

A libido encontra nos seres vivos a pulsão de morte ou de destruição que neles vigora, que busca desintegrar este ser e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de inorgânica estabilidade. Ela tem a tarefa de fazer inócuo esse instinto destruidor, e a cumpre desviando-o em boa parte – e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura – para fora, para os objetos do mundo exterior. Então ela se chamaria pulsão de destruição, pulsão de apoderamento, vontade de poder. Uma parte dessa pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual, na qual tem um importante papel. É o sadismo propriamente dito (FREUD, 1924c/2011, p.191).

Freud introduz aqui a ideia de *amansamento* da pulsão de morte pela libido. A atenuação da pulsão de agressão e sadismo só seria possível através da força unificante de Eros que busca transformar sua energia livre e móvel em investimento predominantemente parado, finalmente regido pelo princípio da realidade. Certamente o domínio não é total e, apesar de não ser possível saber com exatidão, pode-se afirmar que extensões da pulsão de morte, ao passar pela ligação a acréscimos libidinais, acabam por escapar a este amansamento. Em termos de conclusão, nosso autor afirma ainda que a pulsão de vida e a pulsão de morte nunca se expressam de forma pura, há sempre uma mistura delas em graus diversos (FREUD, 1924c/2011, p.192).

Ao lado da pulsão de morte, ou sadismo primordial, Freud (1924c/2011) afirmou que existe também um masoquismo primário, composto pela porção de sadismo não externalizada e

posteriormente erogeneizada pela pulsão libidinal. O masoquismo primário, ou erógeno, toma o próprio ser como objeto e volta para si toda agressividade e sadismo. Aqui nota-se a evolução na teorização sobre o masoquismo que nos primeiros textos era considerado como secundário ao sadismo externalizado. Em 1920 no texto *Além do princípio do prazer* Freud já considerava a possibilidade de existência do masoquismo numa forma primária e agora, em 1924, isso foi tomado como certo.

Na terceira forma de expressão do masoquismo, a moral, a relação com a sexualidade se faz atenuada. O que importa ao sujeito é o sofrimento e não o sofrimento causado, necessariamente, pela pessoa amada. Esse tipo de masoquismo é pensado a partir da interação dinâmica entre as instâncias psíquicas Eu e Supereu. Para entendê-la é preciso lançar mão das exposições teóricas presentes no texto *O Eu e o Id*, publicado em 1923.

Neste texto Freud apresentou sua segunda tópica. Nela o aparelho psíquico é pensado como sendo composto por três instâncias – Id, Eu e Supereu – e não mais apenas por duas – consciente e inconsciente – como anteriormente se imaginava. O Id é o reservatório da energia psíquica, é o pólo pulsional da personalidade. É dele que partem as pulsões, a princípio livres e desligadas, e vão ganhando atributos qualitativos quando adicionadas a impulsos eróticos ou destrutivos no caminho percorrido até a descarga motora (FREUD 1923c/2010, p.55).

O Eu, por sua vez, constitui-se como responsável por dar aos processos mentais uma ordem temporal e também por submetê-los ao teste de realidade. Única das instâncias que é ligada à consciência, o Eu recebe percepções de fora (sensórias) e de dentro do corpo (sensações e sentimentos) e organiza de forma coerente os processos mentais. Dentre todas as funções do Eu, porém, a mais importante é o controle sobre a forma como se dará a descarga da energia libidinal. O Eu não tem forças para impedir essa descarga, mas tentará fazê-lo de maneira que atenda as expectativas tanto do Id quanto do Supereu e da realidade externa. Ele é, portanto, um mediador e ao mesmo tempo um servo desses três senhores (FREUD 1923c/2010, p.69).

O Eu é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo Id. Sabemos que os primeiros objetos externos alvo da libido infantil são os primeiros cuidadores, geralmente os pais. Esses objetos passam a ter alto valor psíquico, ou seja, são idealizados e posteriormente internalizados através da identificação e vão se tornando uma parte especial e diferenciada do Eu, uma parte que se torna uma linha pela qual o Eu se mede e quer atingir, um ideal do eu. Em *Introdução ao narcisismo* Freud (1914/2010)

atestou que essa parte independente passa a se constituir também como um agente autobservador, destinando ao Eu uma vigília constante, responsável pela autocrítica moral.

A partir do texto de 1923, essa instância psíquica foi denominada de Supereu. Ela se faz responsável pela autocrítica e é derivada direta do complexo paterno. O pai, figura detentora de um poder absoluto sobre a criança, é introjetado por esta em uma de suas principais características: a capacidade de confrontar o Eu e dominá-lo. O Supereu, então, traz em si características contrastantes. Ao mesmo tempo é um ideal a ser atingido e o detentor do poder de punição do Eu. E, como destaca Freud (1923c/2010, p. 60), “assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Supereu” e, por vezes, se sentirá culpado e inferiorizado perante expectativa tão alta.

Freud afirma que um motivo importante para essa submissão é o estado de desamparo no qual se encontra o indivíduo no início da vida.

No começo da infância, o indivíduo realmente não se acha equipado para lidar psiquicamente com grandes quantidades de excitação, que lhe chegam de fora ou de dentro. Em determinado período da vida, o que realmente mais importa é que as pessoas de que dependemos não nos retirem seu terno cuidado (FREUD 1926/2014, p.91).

Nos capítulos VII e VIII de *O mal-estar na civilização* Freud (1930/2010) complementa suas ideias a respeito do sentimento de culpa, da necessidade de punição e remorso, todos advindos do funcionamento do Supereu. Segundo o autor não existe no ser humano uma capacidade original para distinguir entre o bem e o mal. A referida noção seria construída a partir do estado de desamparo ao qual todos estão submetidos no início da vida. O bebê precisa do outro, pois dessa ajuda dependerá sua sobrevivência. No Eu inicia então um estado de angústia diante da possibilidade de perda do amor desse outro cuidador e, para que isso não aconteça, o Eu se submete à sua influência. Perder o amor do outro, do qual se é dependente, significa também deixar de ser protegido contra perigos e, sobretudo, expor-se ao perigo de que esse alguém tão poderoso lhe demonstre a superioridade em forma de castigo.

Para Freud (1930/2010 p.97) existem, então, duas origens para o sentimento de culpa:

[...] o medo a autoridade e, depois, o medo ante o Supereu. O primeiro nos leva a renunciar a satisfações pulsionais, o segundo nos leva também ao castigo, dado que não se pode ocultar ao Supereu a continuação dos desejos proibidos.

E com essa formulação era possível esclarecer a relação entre a renúncia às pulsões e o sentimento de culpa: renuncia-se às satisfações para não perder o amor da autoridade externa introjetada mediante identificação. A consciência seria criada a partir dessa renúncia pulsional e, a partir de então, exigiria novas renúncias pulsionais.

Freud adverte, porém, que a severidade do Supereu não é senão nossa própria severidade em relação a ele. O sadismo primordial, ou pulsão de agressão parte, a princípio, do próprio sujeito em direção ao externo, e só depois retorna, desta vez, incorporada no Supereu.

A severidade original do Supereu não é – ou não é tanto – a que experimentamos de sua parte ou atribuímos a ele, mas representa nossa própria agressividade para com ele. Se isso estiver correto, pode-se mesmo afirmar que a consciência surgiu inicialmente pela supressão de uma agressão, e que depois se fortalece por novas supressões desse tipo (FREUD, 1930/2010 p.100).

Pode-se identificar, então, cinco etapas na formação do Supereu e de sua agressividade. Primeiro, a autoridade externa impõe a renúncia pulsional; o sujeito, ainda em formação, dirige agressividade contra essa autoridade, desejando vingança; após, introjeta essa autoridade por meio de identificação; ela se transforma em Supereu que, por sua vez impõe ao Eu o medo e a angústia de abandono, tornando-se assim, seu algoz.

Voltando ao texto de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, Freud vem atestar a diferença existente entre a expressão inconsciente da moral e o masoquismo moral. Na primeira, diz ele, a ênfase recai sobre o intensificado sadismo do Supereu, ao qual o Eu se submete; no segundo, sobre o próprio masoquismo do Eu, que anseia por castigo, quer do Supereu, quer dos poderes parentais externos. Elas exercem entre si uma relação de complementaridade:

O sadismo do Supereu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e se juntam para produzir as mesmas consequências. Apenas assim, creio, pode-se compreender que da repressão pulsional resulte um sentimento de culpa, e que a consciência venha a ser mais severa e mais sensível quando o indivíduo mais se abstém da agressão a outros (FREUD, 1924c/2011, p. 201).

O sentimento de culpa é, para Freud (1930/2010 p.108), nada mais que uma variedade topográfica da angústia – a angústia de consciência – que em suas fases posteriores coincide com o *medo do Supereu*. A angústia de consciência é, então, o medo de punição caso não cumprido as severas exigências ideais.

Esse construto é tão importante na obra freudiana que o autor o transpôs para sua análise do campo social afirmando que o sentimento de culpa é o problema mais importante da evolução

cultural. O preço do progresso cultural é a perda da felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa, algo que permaneceria inconsciente e viria à luz somente como um mal-estar, uma insatisfação pela a qual se busca outras motivações. A questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a evolução cultural pode controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos de agressão e autodestruição (FREUD 1930/2010 p.108).

A lei social externa, traduzida no conjunto de códigos proibitórios e moralizantes seria necessária, então, apenas para os sujeitos que apresentaram durante seu desenvolvimento, alguma dificuldade de internalização da angústia de consciência. Estes,

[...] habitualmente se permitem realizar o mal que lhes for agradável, se tiverem certeza de que a autoridade não saberá ou nada poderá fazer contra eles; seu medo é apenas o de serem descobertos [...] para a pessoa normal, nesse ponto, desaparece o medo de ser descoberto, e também se desfaz por completo a diferença entre fazer o mal e desejar o mal, pois ante o Supereu nada se pode esconder, nem os pensamentos (FREUD, 1930/2010 p.94-5).

À guisa de conclusão, há que se ressaltar o papel preponderante exercido pelo processo da identificação na construção do sujeito social. Como bem ressalta Laplanche e Pontalis (1992, p.226-30), com a elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico Freud passou a entender a formação das instâncias psíquicas – principalmente o Eu e o Supereu – a partir das relações de objeto. Ou seja, o sujeito, ao se relacionar com os primeiros objetos, assimila suas características e se transforma segundo esse modelo. É por meio dessas identificações que a personalidade vai se constituindo.

Caso ocorram percalços nesse processo identificatório, ficará comprometida a formação das estruturas psíquicas Eu e Supereu e, conseqüentemente, o sujeito adulto dificilmente tenderá ao controle pulsional em detrimento do bem-estar de outrem. É nesse ponto que surgem expressões da perversão e também da perversidade.

5 ANÁLISE

A análise que se traça neste capítulo ocorrerá a partir dos atos perversos descritos pelos sujeitos. Não se fará estudo de caso, nem se traçará psicodiagnósticos ou algum tipo de perfil. Objetiva-se tratar do comportamento perverso enquanto ato-sintoma no sentido proposto por Joyce McDougall (1983). Para esta autora, os pacientes atendidos hoje, principalmente os que apresentam problemas caracteriais, expressam-se através de comportamentos sintomáticos, os atos-sintomas. Estes funcionam como representantes dos conteúdos recalcados e ocupam o lugar da elaboração psíquica, da forma como pode ser observada por trás dos sintomas neuróticos.

Em *transgressão e crueldade* proponho discussão a partir do ponto onde a perversão se encontra com a perversidade. A crueldade e o sadismo dão um tom funesto ao comportamento sexual perverso e demarcam um território no qual o desrespeito pela alteridade e o desejo pela destruição do outro estão presentes. Tais comportamentos são entendidos como tendo origem numa fase pré-genital, a anal sádica, onde os diques de contenção moral ainda não se instalaram.

No segundo tópico de análise, *a pulsão é indomável, avessa à educação e às normas*, procuro trazer contribuições, principalmente de Joyce McDougall, no intuito de entender a perversão enquanto ato compulsivo. Já em *o sujeito e a lei* trago o posicionamento dos próprios sujeitos da pesquisa sobre como podemos entender seus comportamentos desviantes dentro do contexto penal. Eles trouxeram em suas falas possíveis causas que se fizeram presentes ao longo de suas histórias de vidas. O referencial da Psicanálise entra aqui neste tópico principalmente com seu conceito de Supereu, entendendo-se que é somente a partir da construção desta instância psíquica que se dá também o surgimento do sujeito social, disposto a se guiar pelas regras coletivas de convivência.

5.1 Transgressão e crueldade

Valendo-nos da semântica, constatamos que o termo perversão tem sua origem no latim *pervertere* com sentido original de revirar, inverter, perverter. Seu uso popular no ocidente data do início do século XV e desde então traz uma carga pejorativa, significando uma reviravolta ruim, inverter para o mal, para aquilo que, mormente, denomina-se “perversidade”, ou seja, algo relacionado à maldade (LANTERI-LAURA, 1994).

O mérito da Psicanálise em relação à perversão foi ter conseguido subtrair grande parte do peso moral e de culpabilidade que até então o termo carregava. Porém, nem mesmo Freud prescindiu de considerá-la um desvio em relação ao considerado normal dentro de um determinado contexto social e/ou jurídico. Atos de perversão são, basicamente, transgressões realizadas frente a normativas legais ou morais. Foi tomando essa lógica como ponto de partida que a Psicanálise, assim como as outras áreas da Ciência, estudou o assunto. Nas palavras de Birman (2008, p.85):

A problemática da transgressão em psicanálise estaria na base de todas as reflexões teóricas e clínicas que se realizaram sobre a perversão e a perversidade. Isso porque seria pela mediação dessas figuras limites que a problemática do mal se materializou e tomou forma no campo do discurso psicanalítico.

Nesse mesmo sentido, Roudinesco (2008) posiciona-se defendendo que a divisão asséptica entre os termos perversão e perversidade é algo impossível e não necessariamente salutar. Tal como aconteceria com a prática criminosa, o incesto e os excessos, a perversão faria parte de um grupo de condutas ontologicamente desejáveis e, assim como eles, constitui uma parte obscura da natureza humana na qual circula a maldição do gozo ilimitado. Em suas palavras:

Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina, o corpo o da alma, e o desvio o do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente, mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo (ROUDINESCO 2008, p.11).

Observei, com a aproximação dos sujeitos desta pesquisa – mais especificamente de Gilberto, Júlio e Luís – que a transgressão, a violência e – não raro – a perversidade podem constituir a base sobre a qual se firma um comportamento sexual perverso. A transgressão sexual não é exclusiva no comportamento desses sujeitos. É apenas um entre tantos atos violentos numa extensa lista de condutas que descrevem quando relatam as histórias de suas vidas.

Eu sou o mais novo lá de casa e sempre fui o mais terrível. Eu matava os gatos, os cachorros, as galinhas. Meus irmãos tinham raiva porque minha mãe achava que eles tinham feito. Eu aprontava e todo mundo apanhava comigo (Gilberto).

Eu tô pagando por crime sexual, mas tenho uma vida inteira na bandidagem, considero que tenho alguma doença na parte sexual, mas sou mesmo é violento

[...] Com 18 anos decepei o braço de um rapaz [...] Eu ia pra delegacia direto [...] Um dia minha irmã queria transar com o namorado dela eu tirei ela nua da cama dele e levei pra casa, dei uns tapas nela (Luís).

O período da adolescência para esses sujeitos se deu permeado pela delinquência. Luís, por exemplo, *tomou o bairro para si* aos 13 anos. Gilberto, desde os 11 já *fazia suas próprias leis*. Charles Melman (1992) vê a delinquência como sendo um dos sintomas sociais na contemporaneidade. Não descartando causas e desdobramentos de amplitude social, o autor destaca que no nível individual e subjetivo o acesso do delinquente ao objeto é organizado não pelo símbolo, como acontece com o neurótico, mas pela apreensão, pelo rapto e pela violação e suas condutas são simbólicas de uma falta.

[...] é a falta de acesso ao objeto que conta. Não este ou aquele objeto, nem mesmo de objetos dos quais ele faz coleção em sua diversidade heteróclita. Trata-se de uma falta de acesso a este objeto que comanda o gozo, isto é, ao falo [...] Mesmo porque não há para ele outra maneira de entrar em relação com o falo, de detê-lo, de possuir dele uma parte, se deseja manter-se na virilidade (MELMAN, 1992, p.44).

Continuando seu raciocínio, Melman (1992, p.45) afirma que a posse e a contemplação do objeto é o que dá sentido ao ato do delinquente; porém essa posse nunca é satisfatória, pois o ato não foi o feito de um sujeito e sim foi efetivado em um estado crepuscular. Então, o ato sempre fracassa, é sempre parcial, o que leva a um recomeço, a uma repetição; porém, apostando como jogador, o delinquente apostará em um lance sempre crescente e com isso, aumentará também o risco que se expõe.

Me vi tentado a fazer o que ele pedia porque eu nunca dizia não para um desafio, confidenciou Gilberto a respeito de oferecer a enteada em sacrifício num ritual, deixando transparecer que esteve sempre no limite do perigo e que se guiava por uma premente necessidade de se colocar sempre em teste.

O que sobressai, então, ao longo da vida desses sujeitos, é a questão da violência expressa numa forma mais geral, disseminada para todos os campos relacionais dos quais fazem parte. Os atos sexuais desviantes não adquirem lugar de exclusividade em suas vidas, como aconteceria, por exemplo, num quadro clássico de perversão. Por sua vez, nota-se que quando eles se revelam nesses sujeitos, vêm com características bem específicas e deixam à vista não apenas um desejo sexual perverso, mas a perversidade contida no ato:

Eu gosto de um sexo assim, agressivo [...] eu gosto de ver a pessoa sofrendo... o que me dá muito prazer é o fato de controlar os outros, as situações e a parceira na hora do sexo (Luís).

Olhei para fora e me veio à mente um desejo antigo: matar uma mulher e depois fazer sexo com ela. Por que não? Pensei. Já estava tudo ali, a mulher morta e tudo mais (Júlio).

Uma característica marcante observada em suas falas é o fato de que o gozo muitas vezes se faz ampliado para pormenores da situação que vão além do ato sexual em si:

Fui lá e fiz pra ver como é que era (relação sexual com um cadáver). Não foi muito bom. Não senti tesão pelo corpo, mas me esforcei e consegui me excitar (Júlio).

Um dia fiquei com uma amiga minha, ela era casada. Enganei o marido dela, meu amigo. Fiz ele acreditar em toda uma história falsa, saí com ela e ainda trouxe ela de volta pra casa de madrugada. Aquilo foi demais! Adrenalina! Coisa proibida! (Luís)

Aparentemente o gozo, para esses sujeitos, advém não apenas da descarga de energia sexual, mas sim da superação de um grande desafio. Para Luís, por exemplo, ter conseguido ludibriar o amigo parece ter a mesma importância que fazer sexo com a esposa dele. Ou talvez, ao contrário, fazer sexo com ela, só tivesse importância pelo fato dela ser casada, *proibida* e representar um gozo, ao seu ver, mais completo. Assim como para Júlio que traçou como meta naquele momento fazer sexo com aquela mulher e fez, mesmo que ela já estivesse morta.

Para compreender comportamentos como esses, podemos lançar mão do posicionamento do filósofo Patrick Vignoles em seu livro *A perversidade* no qual ressalta o poder soberano perante as coisas e pessoas que o perverso acredita ter.

[...] a perversidade é um jogo com as coisas e os seres não tem valor moral, mas somente um interesse libidinal, um preço cuja estimação é função do prazer que ele oferece ao sujeito perverso. O perverso, quer se engane ou não na estimação do desfrute que quer retirar do mal, move-se ou quer mover-se em uma região onde tudo é permitido, conquanto que os seres e as coisas se tornem brinquedos em suas mãos. Se o mal não é desejado como tal, é desejado porque é o signo de um prazer (VIGNOLES, 1991, p.69).

A intencionalidade para a transgressão que recai em perversidade constitui um tipo específico de maldade que Vignoles (1991) define como sendo um estado, uma disposição que pode ser qualificada de indeterminada ou como determinada para qualquer coisa, isto é, pronta para tudo. Para o autor isso seria diferente da maldade em si mesma, pois esta sempre está ligada

a atos determinados – contra a lei, o bem, o justo, o honesto. Ao contrário do maldoso, não se sabe o que esperar da parte do perverso, pois se pode esperar tudo, portanto o pior.

Roudinesco (2008) defende que o amor ao ódio e a vontade de aniquilamento do outro é, sem dúvida, a maior das perversões. Ela estende a análise da perversão para uma ótica sócio-histórica, mas a disponibilidade para o mal pode ser também observada no nível individual e ficou nítida no discurso dos sujeitos atendidos nessa pesquisa quando falavam sobre seus atos com aparente orgulho.

Eu assumo mesmo o que fiz, tenho raiva de preso aqui dentro que se diz inocente, aqui não tem inocente! Mesmo se as coisas não tenham acontecido da forma exata como foi descrito, mas aconteceu (Luís).

Eu não sinto remorso nenhum. Eu tenho uma frieza incrível. Quando eu falo das coisas que fiz eu pareço com o maníaco do parque (Francisco de Assis Pereira), ele também relata as coisas assim, já vi depoimentos dele (Luís).

A senhora deve se considerar uma pessoa privilegiada por também ter acesso a esta versão real dos fatos, pois eu conto ela pra poucas pessoas (Júlio).

Eu fazia minha própria lei. Por exemplo, eu te roubava e pensava ‘se ela quiser que venha aqui tomar de volta’ (Gilberto).

Os feitos são igualados aos de um herói. Quando se comparam a outras pessoas sempre se engrandecem, envaidecendo-se de seus comportamentos. A perversidade aqui se define pelo prazer experimentado de fazer o mal gratuitamente. Amparados por Vignoles (1991) podemos afirmar que não é o caso mais de imoralidade, dos fins que justificam os meios; mas sim o da amoralidade ou, dito de outra forma, da ausência de fim e da justificativa do injustificável, isto é, dos meios por si mesmos.

O discurso vem validar a perversidade. Por meio dele o sujeito se deixa definir enquanto portador de uma norma peculiar, não compartilhada pelo *corpus* social. Isso ficou nítido nessa fala de Júlio: *No meu júri eu fiquei olhando as pessoas e pensei que na verdade elas vivem uma vida normalzinha demais, por isso achavam tão absurdo o que eu fiz.*

Como descreve Vignoles (1991, p. 87) a perversidade está contida no discurso da razão pervertida que legitima a transgressão e inscreve a perversão na natureza. Seria um jogo dialético que tenta negar a perversidade da perversidade e converte, subversivamente, o mal em bem. E, como atesta nosso autor, “nada é mais perverso que demonstrar que o que é perverso não o é realmente”.

O discurso argumentativo do perverso também foi analisado por Aulagnier (1967/2003, p.47) e ela chega a conclusões semelhantes:

O perverso é aquele que fala racionalmente, algumas vezes de forma genial, da falta de razão do desejo. Ele justifica a sua perversão em nome de algo mais do que prazer que ele pretende autenticar por um mais-saber sobre a verdade do gozo. Este saber é o engodo onde se camufla a sua razão; ele é a sua própria loucura, mas ele é também o que arrisca de sempre nos prender na armadilha da sua fascinação.

Os sujeitos atendidos nesta pesquisa reconhecem, portanto, a presença da perversidade e da maldade em suas vidas e por vezes as definem como sendo fruto de uma escolha. Algo inerente a um modo particular de funcionamento e que lhes proporciona nítida satisfação:

Naquela época eu era muito maluco. Eu gostava de fazer mal para as pessoas, o dia que eu não fazia, me sentia mal [...] Meu pai cometeu dois homicídios, mas por motivos justificáveis. Ele não matava para ganhar dinheiro ou por motivo fútil igual eu [...] Eu conheci a Umbanda através de meu pai, mas ele era do lado bom da Umbanda, nunca foi de magia negra, eu é que sempre gostei desse lado e participava dos rituais (de sacrifício humano) (Gilberto).

A perversidade acaba por tomar uma dimensão por demais ampla em suas vidas, tornando-se o *modus operandi* adotado em todos os seus relacionamentos. Isso os faz chocarem-se com a realidade de que, em suas ações acabam por fazer mal também às pessoas que lhe são caras. As tensões e conflitos que acabam surgiam em suas interações íntimas vão além daqueles naturalmente presente nas relações interpessoais:

Acho que ela era a mulher certa pra mim, tinha meu ritmo (sexual), era linda e eu gostava muito dela, mas mesmo assim bati nela com cabo de vassoura [...] Como entender a cabeça de um homem assim? Por que eu fazia isso? (Luís).

Sou casado há 15 anos com a mãe desse meu filho e respondo por dezesseis Maria da Penha. Eu sou ruim demais. Olha só, um dia cheguei em casa, dei na doida de querer dormir sozinho. Sabe o que eu fiz? Coloquei todo mundo pra fora, mulher e filho. Arrastei até uma geladeira, botei na rua e dormi sozinho, do jeito que queria.

Geladeira? Por quê? Pergunto.

Sei lá, não tô falando que eu era doido. Acho q eu queria mostrar que era forte, que era bravo, sei lá. [...] dezesseis Maria da Penha em 15 anos, é quase um por ano. Absurdo! O meu filho é lindo e é tudo pra mim, mas eu sempre fui muito agressivo com eles (Luís).

Direto colocava o revólver na frente dela (sua mãe) e ameaçava (Gilberto).

Podemos, neste ponto, fazer um adendo e trazer à tona a análise que Clavreul (1990) faz sobre as relações amorosas. Ele pergunta se a estrutura perversa seria compatível com o amor e, se pela lógica objetiva dos fatos somos tentados a responder que não, ele volta a perguntar: Se não existe amor, qual seria então esse vínculo que garante a extraordinária solidez relacional de alguns casos de perversos? O autor responde que no lugar do amor existe na verdade um ‘vínculo passional’. Quando aborda seus sentimentos, o perverso conseguiria chegar apenas a um *discurso sobre o amor* e nada mais. Suas alegações amorosas serviriam apenas para justificar sua prática perversa perante o interlocutor.

Na mesma linha de argumentação, Roudinesco (2008, p.48) defende que o ato perverso consiste em tratar o outro como objeto, no sentido literal do termo. Isso levaria a uma equivalência entre todos os objetos e, por conseguinte, o mundo vivo em seu conjunto passa a ser tratado não apenas à maneira de uma coleção de coisas, mas segundo o princípio de uma norma invertida. Nas palavras dos sujeitos:

Eu não amava ninguém. Eu não amava as mulheres que eu tinha, pra mim eram objetos. Não amava nem minha mãe (Gilberto).

Sempre tive dinheiro, por isso, mesmo com toda minha feiura sempre tive toda mulher que quis. Se me agradava eu dava um jeito de ter (Luís).

Eu estava acostumado a terminar minhas noites sempre bem, sempre com sexo. Sou bom de papo e sempre conquistei quem eu quis (Júlio).

Olhando os comportamentos descritos pelas falas dos sujeitos por uma ótica mais abrangente que a sexual, podemos perceber uma lógica de atuação voltada ao sadismo, na qual o prazer se mostra anterior à execução do ato, ou seja, o prazer está em sua intencionalidade. É perceptível também uma ausência de escala de valores. Aparentemente é como se não houvesse mais a necessidade ou a possibilidade de uma diferenciação entre o humano e o não humano, por exemplo. O sublime desaparece numa igualdade concreta e massificada.

Pra mim não tinha diferença entre ser criança, adulto, estar de frente pra mim ou de costas, eu matava e pronto.

Você está querendo dizer que lhe faltava algum valor moral? Pergunto.

É, falando em palavras bonitas é isso mesmo, eu não me importava com nada (Gilberto).

Dei muitos tiros, nem sei se matei muitos porque atirava e saía correndo (Luís).

Eu falo com ele, dou conselhos, porque se ele continuar assim pode ficar igual eu era, tratar o ser humano como um porco, como um bicho qualquer. Eu matava e pronto (Gilberto).

Viginoles (1991, p.83) ressalta que a indiferença aos valores é o que marca a presença da perversidade:

O pior não é agir com mal, mas agir indiferentemente ao bem e ao mal, ‘divertir-se’, mostrar, por comportamento, palavras ou atos, que os valores são objetos de escárnio e de jogo. O absoluto do mal é não o próprio mal, o mal da má ação, por exemplo, mas a atitude negadora em relação ao bem e ao mal, o cinismo da indiferenciação dos valores e da indiferença aos valores.

Os comportamentos aqui descritos, ao refletirem certa incapacidade por parte dos sujeitos de imprimirem valoração às coisas e pessoas, fazem transparecer o que Janine Chasseguet-Smirgel (1984/1991) denominou como fecalização do universo. Advindo do período sádico anal no qual repousa a estruturação perversa, esse processo faz tornar tudo igual. Em sua necessidade de aniquilar as diferenças (genitais), o perverso faz surgir o universo anal no qual as partículas são indiferenciáveis, intercambiáveis. E se o objeto é indiferenciável, passa a não ter valor em si mesmo, importando apenas que venha satisfazer o desejo que se faz premente.

Podemos ver isso na situação relatada por meio da Cena Dois⁷. Qual é a diferença entre desfrutar sexualmente de um corpo vivo ou de um morto? Aquele corpo feminino era o objeto de prazer para o sujeito naquele momento e assim o seria, mesmo que negasse o aceite até a morte. “*Sempre tive todas que quis e terei esta também, mesmo que tenha que matá-la para isso*”, parece nos dizer o sujeito em seus desejos inconscientes.

Joyce McDougall é uma psicanalista que trata o tema da perversão com muita cautela. Intento a mesma ponderação ao dar crédito aqui à sua afirmação de que o termo perversão não deveria ser utilizado em sentido ampliado devido aos fatores que envolvem esse conceito. Para ela, apenas situações de estupro, voyeurismo, exibicionismo e sedução de crianças, por exemplo, mereceriam tal denominação, pois nelas se faz implícito que o sujeito impôs desejos a alguém não disposto a estar no mesmo roteiro sexual que ele.

O indivíduo perverso, afirma McDougall (2001, p.192), é aquele que se faz totalmente indiferente às necessidades e desejos do outro e a perversão ocorreria tão somente num contexto no qual o objeto é aniquilado enquanto ser desejante, tal como acontece nos comportamentos ora

⁷ Página 31.

analisados.

Esta autora ressalta que essa forma cruel de agir com o objeto pode advir de uma angústia originária na qual a criança sente o perigo de desaparecer no outro, sente a iminência da morte psíquica. As criações da sexualidade perversa, como a perversidade cruel, seriam, para McDougall (1983, p.43), um meio não erótico de dominar o perigo representado pelo outro. O perverso sente, então, a necessidade de reinventar e legitimar a cena primitiva:

Outrora espectador impotente, submetido à excitação, excluído das relações parentais ou vítima de uma estimulação inusitada, a qual não podia enfrentar, ele (o perverso sádico) torna-se no presente aquele que controla e produz a excitação, tanto a dele como a do parceiro. Destarte, o interesse dominante de inúmeros perversos é o de manipular, a modo deles, o prazer sexual do *outro*. Infligir ao objeto aquilo a que outrora o sujeito teve de se submeter passivamente (grifo da autora).

Esse processo comportamental ao qual Freud denominou *formação reativa* pôde ser observado no comportamento dos três sujeitos aqui em destaque, mas principalmente no de Júlio, que no decorrer dos atendimentos, deixou transparecer mais abertamente suas fragilidades. Este sujeito deixou nítido pra mim através de seu relato e de sua atuação durante os atendimentos que as características de pedantismo e autossuficiência poderiam advir da necessidade de encobrir dores angustiantes. Eles se encaixam no que McDougall (1983) chamou de equilíbrio narcísico frágil, no qual se precisa do 'ato sexual mágico' para suportar as contrariedades e decepções provocadas pela vida cotidiana.

É importante salientar que muito do posicionamento de McDougall vem de Robert Stoller, psicanalista a quem ela abertamente admira e de quem corrobora as afirmações a esse respeito. Stoller (1975) afirma que a hostilidade na perversão assume a forma de uma fantasia de *vingança* que tem a função precípua de converter um *trauma infantil* em um *triunfo adulto*. Para ele a perversão seria a *forma erótica do ódio* e o ato perverso, por sua vez, consiste numa fantasia atuada em relação ao desejo de ferir ou danificar o outro. Como conclui Ferraz (2000) a respeito desta ideia central de Stoller, é como se a história fosse lembrada em ato, mas contada com um desfecho oposto ao que teve na cena traumática real, agora de modo favorável à vítima.

Podemos, nesse ponto, voltar às ideias originais freudianas para ressaltar que provavelmente ocorreu uma falha na formação da estrutura psíquica Supereu dos sujeitos os quais usamos seus discursos para refletir sobre a questão da perversão. Como ressalta Birman (1997,

p.31), o Supereu é uma modalidade de subjetividade descentrada, orientada pela alteridade já que é formada a partir das identificações com os objetos. É ela que permitirá a evolução do sujeito social; o reconhecimento da alteridade; a saída do narcisismo e, conseqüentemente, o respeito ao outro.

A falha na formação do Supereu prende o sujeito a uma fase anterior de desenvolvimento na qual ainda não estão erigidos os diques de contenção da pulsão – sendo os principais, nesses casos, os sentimentos de vergonha e morais. Sem sentir culpa e sem reconhecer/respeitar o outro em sua totalidade, o sujeito vê-se incapacitado de compadecer-se frente à dor do outro e dá vazão à sua pulsão de agressão, à crueldade.

Seguindo esses passos iniciados por Freud em 1905 nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, a Psicanálise contemporânea, adota uma tendência no sentido em definir a estrutura perversa como algo que engloba muito mais que as entidades nosológicas sexuais (AULAGNIER, 1967/2003; McDOUGALL, 1983; CHASSEGUET-SMIRGEL, 1984/1991, MELMAN, 1992; FERRAZ, 2000, 2011).

O “caráter perverso”, a exemplo dos comportamentos analisados nesta seção, bem como a toxicomania e a delinquência dependeriam de uma economia psíquica análoga àquela presente nas anomalias sexuais, e, como atesta McDougall (1983), seriam tentativas diferentes para resolver os mesmos conflitos inconscientes fundamentais. Os comportamentos socialmente perversos, ou “perversões sociais”, como os denomina esta mesma autora, são comportamentos que se distinguem das perversões sexuais somente pelo fato de não exigirem uma erotização consciente das defesas e de procurarem um objetivo distinto de gozo sexual.

De acordo com sua capacidade de interiorizar e de simbolizar a *ausência* (da mãe), a criança poderá evoluir, quer em direção de uma organização neurótico-normal, ou para uma organização psicótica (implicando a recusa, não apenas do significado da diferença dos sexos, mas também da realidade da separação em geral; da diferença entre ela e o outro), ou ainda, para uma organização intermediária entre a neurose e a psicose – a solução desviante. Esta última não se manifesta necessariamente através de uma perversão sexual, ainda que isso ocorra frequentemente. Inúmeros casos de toxicomania, delinquência e de graves *actings* de sintomas caracteriais revelam mecanismos psíquicos similares (McDOUGALL, 1983, p. 48).

Em pensamento semelhante Chasseguet-Smirgel (1984/1991, p. 164) defende que acontece uma falha importante nas identificações em duas vertentes do Édipo: projeção do ideal do Eu nas imagens arcaicas pré-genitais, com uma ausência do ideal do Eu amadurecido. Isso

impulsionaria o sujeito preferir conservar a ilusão a preencher as lacunas tal como fazem o neurótico e o dito normal. Para esta autora, a obra realizada por sujeitos que apresentam o núcleo estrutural em questão será *essencialmente uma imitação*, uma cópia do pênis genital. Em suas palavras, sendo ele um *filho de ninguém*, não conseguirá ser *pai* de uma obra autêntica.

5.2 A pulsão é indomável, avessa à educação e às normas

Freud (1920/2010) atesta que as pulsões sem controle funcionam de maneira impulsiva e compulsiva e tendem à satisfação prazerosa. Ao se confrontar com os limites impostos pelas normas culturais, as pulsões vão se moldando a uma forma de expressão condizente com o aceito pelo grupo no qual convive o sujeito. Na criança pequena, vemos que esses contornos, ou diques, como denominava Freud (1905/1996), ainda não estão totalmente delimitados e suas pulsões sexuais se dão em uma disposição caracteristicamente polimorfa e perversa, ou seja, não condizentes com o objeto e meta da sexualidade adulta dita normal. Esse cenário, esperado para a criança dado ela estar em processo de desenvolvimento, é tomado como o de escolha do sujeito perverso. Seus atos sexuais se encontram na contramão do que é tido como norma.

Vale salientar que Freud conseguiu, a partir de suas investigações, entender que o sujeito não deve ser responsabilizado individualmente pela estruturação de sua personalidade, seja ela qual for, dado que esse processo será sempre uma construção a partir de laços sociais. Desde o nascimento, o bebê está imerso em relações parentais que reproduzem e transmitem toda uma carga de valores morais e sociais. O sujeito em formação recebe as influências externas e, a partir disso, estrutura-se para atuar nesse mesmo meio. É nessa intersecção, marcada pela retroalimentação constante, que a Psicanálise entende a formação da psique humana e, por contrapartida, a formação social.

Nesses termos, quando falamos em *escolha* perversa ou *escolha* pela recusa não se trata de algo que possa ser confundido com a escolha consciente, no sentido psicológico do termo. A escolha em Psicanálise é usada talvez num sentido até mesmo oposto a isso já que o desvio, no caso do perverso, foi a única opção percebida pelo sujeito para que conseguisse manter sua integridade psíquica. E, pelo fato mesmo de ser a única opção, o desvio passa a delimitar seu campo de atuação levando-o a um quadro de repetição compulsiva. Joyce McDougall (1983, p.33) assim colocou essa questão:

As atividades que habitualmente consideramos perversas – voyeurismo, fetichismo, exibicionismo, interesse por uma série variada de zonas erógenas – podem, todas, fazer parte da experiência amorosa normal. *Partindo desse ponto de vista, um dos fatores que poderiam caracterizar o perverso é o fato de que ele não tem escolha, a sexualidade perversa é fundamentalmente compulsiva.* Assim como o obsessivo não escolhe suas obsessões ou o histérico suas cefaléias e fobias, o sujeito não *escolhe* ser perverso, como tampouco opta pela forma de sua perversão (grifos da autora).

Dois sujeitos desta pesquisa, Aldo e Paulo, trouxeram em suas falas a descrição de comportamentos sexuais compulsivos de repetição. O primeiro amplia a compulsão para outras áreas além da sexual, assumindo ter sido usuário abusivo de substâncias psicoativas e também um *dependente* da ex-esposa. Paulo, por sua vez, vê-se preso a um padrão no qual lança mão da violência para apressar o ato sexual com mulheres adolescentes às quais *encanta*.

Ao contrário do ato perverso sádico discutido na seção anterior, aqui as falas dos sujeitos se destacam em três pontos principais. Eles demonstram vergonha do próprio comportamento; aparentam travar uma luta interna contra a vontade de transgredir e transferem parte da responsabilidade para a vítima. Falas emocionadas, choro e referência a um sentimento de culpa foram frequentes nesses atendimentos.

O constrangimento ao se referir ao comportamento que o levou à prisão é nítido nas falas de Aldo quando ele o relata. Após ter levado uma vida inteira no que considera *devassidão* e *imoralidade* e também de ter mantido relações sexuais com o enteado por um ano, ele chegou à conclusão de que tinha ultrapassado todos os limites. *Eu não aguentava mais ser assim*, desabafa ao falar que deixou tudo para trás e decidiu por morar na rua como forma de autopunição. *Perdi tudo e quis desistir da vida. Tentei me matar várias vezes.*

Para além do comportamento sexual, Aldo se deprecia também em várias outras áreas de sua vida. Ao comparar-se a sua família ele se considera inferior e incapaz de seguir os preceitos morais que ela lhe mostrou.

Eu sou bem diferente da minha família. Todos os meus irmãos são trabalhadores, são empregados de confiança. Meus pais também. Eu não sou como eles. Eu nunca consegui manter um emprego, ficava um mês e já saía. Nunca consegui nada. Sou o pior da minha família, o único dos 12 irmãos que deu errado na vida (Aldo).

Aldo se mostra como incapaz de conduzir a própria vida e se diminui em sua capacidade de tomar decisões acertadas: *Eu sou meio infantil, sabe? Pareço criança, tomo decisões erradas.*

Diminui-se também quando se refere ao relacionamento que manteve com a companheira: *Eu sou um bosta doutora, sempre fui comandado pela minha mulher, nunca consegui me impor, falar ou fazer o que eu realmente queria. Se eu fizesse, ela me ameaçava, era brava. Eu sou um fracassado.*

Sua necessidade de que o outro lhe mostre o caminho a ser seguido transpareceu durante os atendimentos, principalmente nos momentos finais do primeiro quando lhe perguntei se gostaria de marcar novo horário ao que me respondeu: *Sim, quero, mas no próximo quero que você comande.* A impressão de si mesmo como incapaz se faz conclusiva e bem traduzida na sua afirmativa: *Nem bandido eu consegui ser direito.*

Paulo, por sua vez, mostrou seu arrependimento por meio de um choro excessivo e do olhar desviante. Afirma ser hoje consciente da dor que impunha às suas vítimas e imensamente arrependido pelo que causou. Dono de uma história de vida permeada pelo abandono afetivo por parte das figuras parentais, Paulo descreve que não ocupava lugar de importância aos olhos da mãe e do pai. Essa mãe que não lhe proporcionou um canal de comunicação afetiva nem ocupou um lugar de referência positiva durante a infância, não conseguiu se fazer ouvir quando ele passou a realizar atos considerados crimes. *Ela sempre me deu conselhos e eu não seguia.*

Aliada à vergonha e constrangimento se fez transparente nos relatos desses sujeitos a luta interna que travam contra a vontade de transgredir, contra suas pulsões. Aldo assim a resume: *Não saio de casa pensando em furtar, mas quando eu vejo já estou fazendo a coisa errada. Desculpe a expressão, mas sempre que estou no caminho certo eu faço uma cagada e estrago tudo.* Em relação ao dia em que foi preso disse:

Eu tinha consciência de que não era pra eu ir pra lá nem fazer o que eu estava prestes a fazer. Porque assim, eu ia ter relação sexual com o João de novo, confesso pra senhora. Eu fiz tudo errado, o que eu queria era reconquistar minha esposa, minha família, eu arruíno tudo mesmo.

Aldo parece nos dizer que ele sabia, tinha consciência de um limite que não poderia transpor. Conhecia as regras; porém em sua estruturação psíquica faltava algo que o possibilitava segui-las. Sua pulsão sexual, naquele momento, se fez indomada e fluíu de novo para o ato perverso; porém, diferentes dos parceiros adultos, relacionar-se sexualmente com o enteado era também um ato criminoso.

As regras familiares e sociais não foram suficientes para convencer Aldo a ter práticas sexuais consideradas normais em seu meio. Ele cita como exemplo de sua *devassidão* o fato de

frequentar *inferninhos* e ter feito sexo com muitos homens, com garotas de programa, gostar de estar casado com uma delas e também ter feito sexo com animais. O fato de agora ter transposto a barreira legal, além da moral, leva-o a tentar um controle maior. *Aqui dentro eu resisto. Não tenho nenhum relacionamento (sexual). Não quero mais isso pra minha vida. Sei que é errado e quero me manter no caminho que escolhi: ser uma pessoa que faz as coisas certas.*

Paulo, após a prisão, diz ver no sofrimento das vítimas um forte motivo para tentar chegar ao controle pulsional. *Ouvi dizer que a pessoa que sofre violência sexual fica com trauma. Vi aquela mulher falando na televisão que isso acabou com a vida dela. Não quero isso para mais ninguém. Quero controlar minha lascívia.*

A violência que hoje tenta controlar em seu comportamento era o principal motivador de seu gozo. A mulher adulta, bem como as jovens menores de 18 anos que foram suas vítimas, segundo relato, mostravam-se dispostas a manter relacionamento amoroso sexual com ele. Aceitavam e correspondiam seus flertes. Mas, ele *não aguentava esperar* e apressava o ato sexual. A violência era o desfecho para o ritual que ele repetia com todas.

Assim como com Aldo, para Paulo o controle também parece ter que vir, sobretudo, do meio externo. *Saindo daqui quero viver com minha mulher. Se eu estiver com ela não vou querer mais fazer isso né?* Ele, sozinho, talvez não consiga ganhar a luta contra si mesmo e não consiga atingir o seu objetivo de *não fazer mais maldade*.

O terceiro ponto que se sobressaiu no discurso desses sujeitos foi colocar na vítima uma parcela da culpa pela violência ocorrida, enquanto no comportamento sádico discutido na seção anterior, o sujeito se engrandece perante a vítima, reconhece e se deleita com a incapacidade desta de se defender.

Numa noite, chegou o João e me pediu para dormir na minha cama. Meu filho estava lá comigo, mas eu fiquei com pena do João e deixei, parecia tão carente, sei lá. Nessa noite acabou acontecendo uma relação sexual entre ele e eu. E assim, acabou acontecendo outras vezes também, mas nunca foi forçado, sempre foi consentido. Ele também queria. Ele me procurava (Aldo).

Aldo vê o enteado como corresponsável pelo que veio acontecer. Como justificativa para isso afirma nunca tê-lo considerado um filho, mas sim um *estranho*.

Tomaram o João como meu filho porque eu criei ele desde novinho. Mas assim, eu não tinha ligação nenhuma com ele. Eu era um estranho pra ele e ele era um estranho pra mim. Eu nunca me senti pai dele porque ele era *gay* e eu não gostava disso.

A necessidade de distanciamento pode ser entendida como um termômetro das pulsões sexuais de Aldo. Ele tinha que se manter longe daquilo que lhe provocava o desejo. E quando não foi mais possível fazer isso, dividir a responsabilidade pareceu-lhe uma saída possível.

E eu falei ‘João, seja homem rapaz! Assume aí que você sempre quis. Vamos assumir juntos, eu errei, mas você errou também’. Mas nada, ele deve ter ficado com medo, não sei, tipo assim, ele era homossexual, mas não assumia isso abertamente, um rapaz novo ainda, sem emprego, não tinha estrutura né?

Considerar-se um fracassado, um imoral e ser o único responsável por isso talvez seja um fardo pesado demais para Aldo. Dividir com o enteado a culpa pelo ato sexual criminoso e dividir com a esposa a culpa por crimes diversos e por comportamentos *promíscuos* parece deixar sua história mais leve e mais fácil de ser vista.

Paulo, por sua vez, tomou duas de suas vítimas como garotas de programa. Isso era suficiente para que não se sentisse impetrando-lhes violência, mesmo que não fosse, de fato, um cliente. Ofereceu-lhes um dinheiro que na verdade não tinha. *Eu achava que ela era garota de programa, eu via vários homens entrando no apartamento com ela. Na hora da transa vi que ela não era mais nada, não era virgem*, referiu sobre uma das vítimas que tinha 15 anos. *Eu e ela tava bebendo junto e depois fomos pra minha casa. Lá a gente transou. Daí ela queria dinheiro, mas eu não tinha, então ela me denunciou*, disse sobre a mulher adulta que foi considerada sua vítima.

Paulo fala reiteradamente que as mulheres, tanto essas duas quanto as outras duas adolescentes, estavam com ele porque queriam estar. Elas haviam aceitado suas promessas - de dinheiro ou de carinho - e decidido corresponder suas investidas sexuais. Contudo, não põe em discussão o fato de que as ludibriava, enganava deliberadamente. Sabia que não lhes destinaria o prometido. Além disso, há o fato de que sempre poderia usar de sua força física em caso de negativa. Por só lançar mão deste recurso quando *necessário*, Paulo não se considera tão violento quanto os outros condenados que pagam pena pelo mesmo crime.

É indubitável a presença da violência nos comportamentos que levaram Aldo e Paulo à prisão. Se, por vezes, ela não se mostrou em sua vertente física, esteve sempre ali na posição de superioridade que eles mantinham com as vítimas. Porém, se fizermos o exercício de colocar essa constatação em segundo plano e nos propormos a olhar mais detidamente para os sujeitos,

percebemos os atos perversos tal qual ações compulsivas de adicção nos termos descritos por McDougall (2001). Para esta autora, as *neonecessidades* sexuais e a adicção apresentam forma semelhante de funcionamento e aquelas seriam uma *solução sexual adictiva*. Explicando o funcionamento psíquico na adicção ela diz:

A economia psíquica subjacente ao comportamento adictivo tem a intenção de dissipar sentimentos de angústia, raiva, culpa, depressão ou qualquer outro estado afetivo que dê origem a uma tensão psíquica insuportável. Esta tensão também pode incluir afetos que são prazerosos, mas que dão origem a sentimentos de excitação, de vivacidade, percebidos como proibidos ou mesmo perigosos (McDOUGALL, 2001, p.198).

O adicto lança mão de sua “droga” (álcool, fumo, cocaína, alimentos e/ou atos sexuais, dentre outros) quando quer ou precisa se livrar de sentimentos, ruins ou bons, que o colocam numa situação insuportável de tensão. A repetição compulsiva, então, viria à tona sempre que o sujeito se vê em confronto com uma realidade angustiante.

Aldo se mostra com comportamento dependente em relação às substâncias psicoativas, ao sexo (dito desviante) e também em relação a sua esposa. *Eu até gostaria de voltar para o meu estado quando sair daqui, mas preciso ter coragem de viver longe da minha esposa né?* Deixa explícito que, mesmo após três anos sem uma única visita, ele ainda considera a possibilidade de voltar ao seu convívio.

Quanto a Paulo, podemos perceber que a violência entra em sua vida como um dos fatores de sua satisfação e talvez também como um objeto de adicção. Fazer do seu jeito, seguindo um ritual particular. Essa parece ser sua urgência. As moças demonstrarem interesse sexual recíproco aparentemente não lhe era suficiente, pois ele não *consequia* esperar. O ato sexual que lhe serve de tamponamento para as angústias é o não consensual. Atualmente Paulo se mostra disposto a controlar seus impulsos agressivos e vê na esposa – e também na figura de Deus – um aporte para isso.

Lançando mão dos conceitos winnicotianos, McDougall (2001) defende que esse modo de funcionamento psíquico (comparando ao adicto) advém de um prolongamento fusional mãe-bebê que não permitiu a este o desenvolvimento de seus próprios recursos psíquicos para lidar com a tensão e a capacidade de “estar sozinho” (mesmo com a presença física da mãe). O infante se tornaria então, adicto da presença da mãe. Da mãe externa, aquela não internalizada. A não internalização das figuras parentais leva a criança a não ter capacidade de tranquilizar-se a si mesma e de cuidar de si mesma em situações de tensão.

Levando isso para a fase adulta, o sujeito usa outra pessoa da maneira como usava a mãe quando bebê e suas relações sexuais passam a ficar atadas em objetos externos que, por sua vez, estão desligados dos objetos introjetados essenciais. A adicção – e a solução sexual adictiva – vem tamponar o vácuo deixado por essa não introjeção de figuras parentais e teria a finalidade principal de dispersar o conflito psíquico e a dor mental (McDOUGALL, 2001, p.198).

Para McDougall (2001, p. 199), os objetos de adicção são soluções transitórias (somáticas) e não transicionais (psicológicas). Portanto, são temporárias e falhas, levando o sujeito a um comportamento compulsivo de repetição. O recurso à substância ou ao ato adictivo é mantido sempre à mão, sobretudo para atenuar as vivências emocionais quando for necessário, mesmo que seja por um curto período de tempo.

McDougall (2001, p. 217) defende ainda que a presença da angústia é substancial nessas estruturas psíquicas e deve ser levada em consideração. Segundo ela:

As invenções neo-sexuais tem dupla polaridade: por um lado constituem uma tentativa de contornar as interdições e angústias de castração da fase fálico-edipiana; por outro são uma tentativa desesperada de dominar as angústias encontradas numa fase muito anterior, na qual a separação da mãe desperta o terror da desintegração corporal, do aniquilamento e um sentimento de morte interior.

Por baixo da natureza compulsiva e adictiva dos atos sexuais desviantes existe uma angústia transbordante e as criações neo-sexuais são, na verdade, uma tentativa desesperada de se chegar a um acordo com as dificuldades de viver, de não ser aniquilado. A identidade sexual confusa, a fúria infantil e o sentimento de morte interior são, então, transformados em um jogo erótico que conserta as rachaduras na estrutura do sujeito.

5.3 O sujeito e a lei

A estruturação social sempre se deu em torno de leis coletivas. Seguidas pelos componentes do grupo, elas mantêm a organização necessária a uma convivência pacífica. Como bem descrito por Freud (1913/1996), o totemismo foi o sistema de base para organização social de todas as culturas. Os grupos humanos mais primitivos elegiam um totem – geralmente a figura de um animal – como representante paterno e o cultuavam como detentor de autoridade máxima. Interdições, ou tabus, eram estipuladas para os participantes do grupo. Os preceitos presentes nos tabus protegiam o bom funcionamento do grupo e, por isso, deviam ser severamente seguidos.

Freud (1913/1996) defende nesse texto que os tabus – principalmente os dois mais importantes: não cometer incesto e parricídio – não são naturais. Essas interdições teriam sido impostas nas sociedades primitivas de forma externa e violenta a um grupo pela geração anterior e teria persistido nas gerações seguintes como resultado da tradição transmitida através da autoridade parental e social. Com isso o autor atesta o caráter ambivalente dos tabus: a necessidade de proibição estaria intimamente ligada ao desejo de cometer tal ato.

Desde as sociedades totêmicas até as atuais, que se utilizam de códigos jurídicos, nunca se prescindiu desse preceito básico: ter leis coletivas cujo objetivo central é o ordenamento social das condutas. A diferença encontrada nessa evolução é que, ao contrário do que acontecia com os tabus, os sujeitos sob égide dos códigos jurídicos sabem quem os legislou, quem irá penalizar o transgressor, bem como as consequências desta transgressão. Para Cohen (1993) são esses pontos que conferem ao sistema jurídico o seu caráter de objetividade.

Tomando uma definição mais ampla podemos afirmar que lei é:

Uma ou mais normas que tem por finalidade ordenar um conjunto (sujeitos ou objetos), tornadas obrigatórias por uma autoridade (Deus, juiz, superego, axioma). Esta imposição pode ser de ordem natural, ética, moral, jurídica ou científica ou então qualquer arranjo entre elas. O fundamento da lei é encontrado na vontade de Deus, na vontade do legislador, no consenso de uma sociedade ou nas exigências da razão (COHEN, 1993, p. 111).

Essas questões são fundamentais para entendermos a dinâmica perversa, pois aqui tratamos de sujeitos que recusam a lei desde sua versão primeira, a lei estruturante. Amparados em Aulagnier (1967/2003, p.67) pode-se destacar que para entender o comportamento perverso é imprescindível usar como parâmetro de seu oposto não a normalidade, mas a lei.

Se o neurótico é aquele que alcançou as margens da travessia edipiana, o perverso é aquele que sabe que é do lado do pai que deve se enunciar a lei, mas que superpõe a ele, a partir desse momento, um eterno mal-entendido, instaurando assim o jogo de esconde-esconde que é o seu com a castração; é aquele que não pode senão recusar a lei do pai a fim de preservar a sua recusa a respeito da castração e da diferença.

A lei estaria posta para o perverso em duas perspectivas: a da recusa e a do desafio. Para Aulagnier (1967/2003), este consiste na motivação inconsciente da conduta perversa que, a partir de sua instalação, passa a desafiar todas as versões da lei fundante, dentre elas, a normativa legal jurídica. Podemos ver isso exposto nas palavras de Aldo: *Eu gosto de esticar a linha entre o certo*

e o errado, eu sei que o limite é ali, mas eu não resisto e avanço um pouquinho e também nas de Gilberto: A lei não dava conta de me acompanhar; eu era acelerado, eu vivia acelerado.

Ao tratar da questão de convivência social, Freud (1930/2010) destacou que, neste campo, as expressões de violência são muito mais prováveis de acontecer que expressões de amor. Elas seriam nada mais que uma manifestação do que é inerente a cada um. A convivência pacífica vai de encontro à constituição humana e só é alcançada por intermédio de muito esforço e renúncia pulsional.

O quê de realidade por trás disso, que as pessoas gostam de negar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lúpus*. Quem, depois de tudo o que aprendeu com a vida e a história, tem coragem de discutir essa frase? (FREUD, 1930/2010, p.76-77 grifo do autor).

O pressuposto psicológico da igualdade social é para Freud (1930/2010) uma ilusão insustentável. Nada mais contrário à natureza humana que o mandamento do amor ao próximo, afirma ele. Só seria possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, a partir do momento que restassem outras pessoas para as quais se dirigisse a agressividade, fenômeno denominado por ele como narcisismo das pequenas diferenças. Em outras palavras, precisa-se odiar alguém para ter a quem amar. Ou, o ódio compartilhado é como uma liga para a união de grupos.

Apenas essa colocação já nos ajudaria a entender, de um modo geral, o porquê de muitos sujeitos não terem uma inserção social assertiva. Mas, se quisermos entender as motivações individuais, precisamos considerar aspectos da singularidade de forma mais aprofundada e perguntar o quê, na constituição de cada sujeito ouvido, quais fatores podem ter colaborado para sua condução à prática criminosa.

Desde os primeiros escritos freudianos, pode-se observar o incentivo que Freud (1905[1901], p.29) destinava aos psicanalistas para que se voltassem para as circunstâncias familiares do paciente. Isso não apenas pela hereditariedade, mas principalmente para investigar os vínculos ali firmados. Neste intuito, perguntei aos sujeitos sobre suas histórias de vida e se havia alguma circunstância que poderia ter desencadeado seus comportamentos antissociais.

Vi destacado nas suas falas o fato de terem crescido num ambiente doméstico permeado pela violência, no qual os pais agrediam os filhos, agrediam-se mutuamente e/ou faziam uso de substâncias psicoativas.

Meu pai bebia muito e batia na minha mãe. Ela quis separar, mas ele não aceitou. Eles brigavam muito. Ele ficava incomodando direto (Paulo).

Meu pai era alcoólatra, bebia muito mesmo, ele não batia nos filhos, mas eu cresci vendo ele brigar com minha mãe, acho até que batia nela. Ele morreu de cirrose quando eu tinha uns 13 anos (Luís).

Minha mãe foi expulsa de casa dos pais dela porque usava maconha [...] Quando eu tinha 14 anos ela era viciada em *crack* (Júlio).

Eu era espancado direto. Eu e meus dois irmãos mais moreninhos (Gilberto).

O pai do Luís é apresentado de forma muito parecida como Gilberto apresenta o seu: rudeza e extremo controle sobre os filhos. Esses dois sujeitos relataram durante os atendimentos que viam nisso mensagens contraditórias, pois apesar de serem rígidos, seus pais não conseguiam lhes colocar o devido limite. Gilberto diz: *Meu pai me batia dizendo que era pra colocar limite, mas quando precisou mesmo ele não colocou, me ajudou várias vezes a me livrar da cadeia.*

Luís, que vivia subornando as ordens paternas até o falecimento de seu pai, conseguiu, a partir daí, fazer suas próprias regras, pois a mãe e o padrinho não conseguiram mais controlá-lo, levando-o a uma adolescência permeada por atos infracionais:

Nunca fui punido. Meu padrinho era promotor de justiça na época. Eu ia pra delegacia, ele mandava me soltar, sempre foi assim. Os policiais até que me pegavam, mas eu falava ‘pode levar, sou menor’ e pouco depois eu tava solto de novo.

O desamparo afetivo foi um sentimento fortemente lembrado pelos sujeitos em relação às figuras parentais.

Uma vez eu e minhas irmãs ficamos num lugar que parecia um colégio interno (pelos detalhes aparentava ser um abrigo). Ali eu sofria muito. Eu fazia xixi na cama e todo mundo que fazia xixi na cama, elas colocavam pra dormir no banheiro ou na calçada mesmo. Minha irmã ia lá e levava um lençol pra mim [...] Alguma vez você se sentiu abandonado pela sua mãe? Pergunto a Paulo e ele responde em meio a muito choro: Eu culpava ela por tudo o que tinha acontecido, agora eu sei que não era culpa dela (Paulo).

Cresci sem amor, não sei o que é receber um beijo do meu pai. Dizem que ele me tratava com carinho quando eu era pequeno, mas não lembro (Luís).

Minha mãe era *secona*, não tinha negócio de carinho com ela não [...] ela cuidava do café, do almoço, não deixava faltar nada, não deixava a gente se machucar, mas era só isso (Aldo).

Outra coisa que me arrependo também é de não ter conseguido perdoar meu pai antes dele morrer. Ele me pediu perdão e eu não perdoei (emoção/lágrimas). Eu sei que sou assim principalmente pela maneira que fui tratado por ele. Eu era espancado direto, eu e meus dois irmãos mais moreninhos. Os outros filhos que tinham olho azul igual o dele não apanhavam (Gilberto).

Júlio, por sua vez, não conviveu com seu pai biológico. Afirma sentir falta do amor que não teve: *O amor de um pai verdadeiro deve ser mais forte que de um pai que cria, né?*

Os cenários descritos anteriormente nos dão pistas sobre possíveis motivações para entrada em atividades criminosas por parte dos sujeitos atendidos nessa pesquisa. Porém, muito mais que ter uma família dita estruturada e dentro dos padrões socialmente aceitos, o sujeito precisa se *identificar* com essa família e com seus valores. Caso contrário, acontece como na história de Aldo para quem ter sido bem educado por uma família tradicional, de ascendência europeia e de valores cristãos não era sinal de superioridade, mas sim de fraqueza: *Eu tenho base sabe? Fui bem educado e mesmo assim caminhei para outra direção.*

Quanto à sexualidade propriamente dita, os sujeitos trouxeram relatos de um ambiente muito estimulante durante suas infâncias.

Quando eu tinha uns sete ou oito anos, uma moça, que tinha aproximadamente 18 anos, mexeu no meu pênis e até ficou ferido. Eu falei pros meus pais que tinha caído na escada e ferido (Gilberto).

Acho que meu pai tinha medo de eu virar gay, sei lá. Ele incentivava muito pra eu ficar com mulher logo. Quando eu tinha 10 anos ele já falava disso, que eu precisava ser macho. Mas ele não ensinava nada direito, não explicava, só falava que eu tinha que pegar um monte de mulher logo (Luís).

Quando era criança eu sofri violência sexual muitas vezes pelos meus primos. Hoje eu sei que foi violência deles, mas na época estava tranquilo pra mim. Não lembro de sofrer muito não. É porque eu era o menorzinho, daí eles aproveitavam (Júlio).

Aldo retrata uma infância sem maiores intercorrências. Mesmo assim relatou uma situação atípica na sexualidade: *A senhora sabe que quando a gente tá no grupo se um faz os outros vão atrás e fazem também, né? Tinha um menininho bobinho. Um dos caras pegou ele e nós fomos lá e fizemos também.*

O contato precoce com conteúdos de natureza sexual pode ter contribuído para práticas igualmente precoces nessa área.

Fui ter relação de verdade mesmo só com 11 anos. Foi com uma menina de 13 anos, ela era muito experiente sexualmente e me ensinou um monte de coisa. Com ela eu tive várias relações (Gilberto).

Quando eu tinha nove anos, eu e minha irmã tentamos ter relação sexual, usamos a mesma toalha depois do banho e aí começamos se esfregar. Não sei dizer se a gente sabia o que estava fazendo, mas eu sei que tentei, tentei e não consegui colocar o pênis dentro dela. Ela queria também, não era nada forçado (Luís).

Quando eu tinha uns 13 anos, eu abusei de um menino de oito anos de idade, minha mãe viu. Mas eu não penetrei ele não, eu apenas pedi que me fizesse sexo oral (Luís).

Eu fui estimulado muito cedo para essas coisas de sexo. É tudo muito normal pra mim, desde cedo convivi com tudo (Júlio).

Eu era muito promíscuo. Fazia sexo com tudo o que aparecesse. Até com uma cadela que tinha por lá. Pra mim era uma coisa meio normal esse negócio de ter relação com animais (Aldo).

Pensando sobre o adoecimento psíquico dentro do que Freud (1917b/2014) conceituou como séries complementares, pode-se afirmar que os sujeitos atendidos nessa pesquisa tiveram seus comportamentos desencadeados por uma sobredeterminação de fatores. As primeiras relações objetais, da forma como se efetuaram, podem ter auxiliado para uma fixação libidinal em fases pré-genitais e, somando-se a isso a ocorrência de vivências traumáticas ou até mesmo *facilitadoras* ao longo de suas vidas e à hereditariedade, temos uma possível equação etiológica de seus atos sintomas no campo da sexualidade.

Certamente não tenho com essa pesquisa a pretensão de formatar estudo de casos baseado em psicodiagnósticos. Os parágrafos acima foram traçados com objetivo de salientar que nenhum comportamento pode ser entendido como tendo um fator causal isolado e será sempre a singularidade de cada sujeito que nos dirá para onde caminhar no que tange a discussão de possíveis causas.

Ressalto também o quanto essa é uma tarefa árdua, dado que muitos fatores considerados como causa podem, na verdade, ser entendidos como os caminhos tomados pelas pulsões no

intuito de chegarem à sua meta e objeto. Como descrito numa fala sempre repetida de Aldo: *O universo conspira*. E certamente conspira a favor da pulsão.

É nesse sentido que pode ser entendido o fator mais citado pelos sujeitos como desencadeante de seus comportamentos violentos e/ou que se desviavam do padrão socialmente aceito para a sexualidade: o uso de substâncias psicoativas. Júlio, Gilberto e Luís relataram estar sob o efeito de substâncias psicoativas quando cometeram os crimes que os levaram à prisão e que o uso de álcool, maconha e cocaína era uma constante em suas vidas. Para Aldo também era assim, mas no momento do flagrante ele descreveu estar apenas de *ressaca*. Paulo, por sua vez, diz ter sido usuário somente de bebidas alcoólicas e afirma que isso nunca influenciou em suas práticas criminosas.

Comecei usar maconha com 12 anos e por dois anos fui viciado em *crack*. Eu vivia em festas usando drogas. Rolava de tudo, muita cocaína, e eu sempre arrumava namorada. Nunca ia para casa sozinho (Júlio).

Era mais fácil matar drogado. Eu me drogava para matar, para roubar... Eu usava muito drogas. Álcool, cocaína, tudo, menos essa pedra porque na época não tinha. Muitas vezes minha esposa ia me buscar na rua e trazia para casa. Eu ficava ligado por dias seguidos. No dia que aconteceu tudo eu estava usando drogas há três dias (Gilberto).

Principalmente quando bebo eu não tenho controle sobre minha sexualidade. Fico doido e tenho que ter relação sexual com alguma mulher. Se tenho dinheiro, eu contrato uma profissional, se não tenho, procuro alguém com quem eu já fiquei. Se a mulher fala não eu não aceito, eu tenho que ter relação, eu não aguento (Luís).

Quando adolescente eu era maconheiro, tinha o cabelo jogado no rosto, não gostava de trabalhar não [...] Quando morei na rua aumentei meu vício, bebia muito e usava muito cocaína (Aldo).

Como descrito em suas falas, pode-se perceber que o efeito das substâncias psicoativas dificultava o controle de suas pulsões. Quando as usavam, os sujeitos davam vazão ao que estava contido durante a sobriedade.

Trazer à discussão as dificuldades do sujeito no exercício da sociabilidade e na aceitação das normativas legais requer resgatar a noção de Supereu. É por meio deste conceito que a Psicanálise avança para uma teoria da cultura e definitivamente retira qualquer oposição existente entre o individual e o coletivo.

O Supereu, que é fruto da identificação com as figuras transmissoras dos valores, porta explicitamente ideais marcados por sua pertença a certa nação, classe social, religião, profissão, etc. e é sensível às condições históricas, tanto aquelas que afetam a sociedade como um todo, como aos acontecimentos de uma história pessoal (RUDGE, 2011, p. 157).

Quando a estruturação do Supereu demonstra ter se dado com falhas, a lei externa, em sua vertente penal, vem tentar cumprir esse papel, mesmo que tardiamente. Os sujeitos pesquisados aqui destinam às leis de regulação social um olhar peculiar. Não se sentem confortáveis estando com a liberdade restrita, logicamente, porém reconhecem a necessidade desse controle externo:

Acho justa (a condenação), tem que fazer isso mesmo. Se eu estivesse lá fora, acho que ainda estava fazendo as mesmas coisas (Paulo).

Nossa! tenho muita coisa pra lhe contar. Eu mereço estar preso, se não for por este crime, mas por tudo que fiz antes dele [...] Sabe doutora, eu tenho feito coisas erradas desde meus 13 anos, tá na hora de parar. (Luís).

Minha pena de 61 anos é justa e na verdade é até baixa frente a tudo que fiz e nunca tinha sido condenado [...] Desde os nove anos estou no crime (Gilberto).

Eu mereço estar aqui, assumo o que fiz e sei que foi errado (Júlio).

O Direito Penal surge, então, como uma tentativa de barrar o excesso de gozo desses sujeitos: barrar o que inviolabiliza o convívio social. E quando a contenção involuntária imposta pela prisão chega, eles veem nisso a oportunidade para repensarem a maneira como conduziam suas vidas; tentam resgatar laços afetivos e familiares e tentam encontrar novos caminhos:

Quero aproveitar minha prisão para parar com tudo. Tenho medo do meu filho ter herdado isso de mim, ele é minha cara, se parece demais comigo (Luís).

A cadeia está me ajudando a virar homem (Júlio).

Depois que fui preso comecei a pensar nas pessoas. Aqui estou conseguindo pensar em tudo, eu tinha que ser preso para parar e pensar. Estou encontrando força em Deus [...] Eu completei 38 anos ontem. Minha mãe e minha irmã vieram e trouxeram um bolo de chocolate pra mim, estou feliz (Paulo).

Hoje eu sei que tenho que respeitar os outros e o que é dos outros. A vida, por exemplo, a vida de uma pessoa é algo que ninguém pode tirar (Gilberto).

Para Aldo a prisão passou a ter significado muito maior que uma simples contenção. Ela tem sido, na verdade, sua única referência:

Não sei se terei alguma progressão de regime nessa revisão de processo, mas também nem sei se quero. Eu sou uma pessoa que se fosse solta hoje, iria sair ali, olhar para um lado e para outro e não teria para onde ir. O meu lar é aqui.

Na prisão Aldo aparenta ter encontrado a paz de espírito que tanto procurou em seus momentos de angústia:

Acho que algumas coisas acontecem para ajudar a gente, aqui na prisão eu estou bem, estou gordo e um pouco bonito [...] Eu vivi uma vida de mentiras, parece que aqui na prisão é a única situação que estou vivendo a vida de verdade. Aqui eu recuperei minha alegria de viver, minha capacidade de fazer planos. Eu vou conseguir ser diferente.

Outro ponto bastante citado pelos sujeitos pesquisados como forma de controle de seus atos e desejos é a relação que vem mantendo com a religião. Aldo, Gilberto e Luís relataram que no passado foram adeptos à magia negra e usavam isso de forma a lhes auxiliar no crime. Hoje eles, e também Paulo, afirmam conhecer o *verdadeiro Deus* e tentam encaminhar suas vidas pelos valores cristãos.

Foi nesse momento que eu ouvi a voz de Deus dizendo: você vai querer o quê?! Eu acordei e cai de joelhos agradecendo a Deus o monitoramento dele e renovei meus votos. Tenhoorado muito. Ainda bem que Deus tá me vigiando (Paulo, ao relatar um sonho no qual havia sido tentado ao pecado).

Quando era adolescente eu e meus amigos matamos um gato, com o sangue dele fizemos um pacto (mostrou seus dois pulsos que tem cicatrizes de pequenos cortes). Eu usava uma trouxinha pendurada no pescoço para me proteger e acho que deu certo porque eu peguei muito tiro, mas nenhum me matou, pegava de raspão, ardia um pouco, mas passava (Luís).

Já mexi com magia negra. Hoje eu parei de pedir, mas quase tudo eu pedia para ele (diabo). Se eu quisesse uma garrafa de água, por exemplo, eu pedia. Claro que a garrafa não ia aparecer assim, como mágica, não era assim. Mas a senhora sabe que o universo conspira, né? Quando pedimos alguma coisa ela acontece e eu pedia muito para satanás me ajudar [...] Hoje procuro o autoconhecimento oferecido pelo Espiritismo (Aldo).

Nos rituais eu já estava na fase de beber sangue humano [...] Acredito que tudo isso (prisão) aconteceu para que eu conhecesse a Deus. Hoje conheço Deus e estou bem melhor. O que eu fazia antes não era religião. Aquilo era coisa ruim, do demônio. Hoje leio a bíblia e oro todo dia [...] Não precisa ser crente, mas tem que acreditar na existência de Deus e seguir o mínimo de regras (Gilberto).

Gilberto trouxe durante os atendimentos uma reflexão muito interessante sobre sua ligação com a Justiça. Ele refere que não foi *desacelerado* pela lei externa, mas sim por

mudanças internas que ocorreram no momento do ato assassino que destinou à enteada. E seria isso que hoje colabora para seu controle:

O que eu fiz com a minha enteada foi o estalo da minha vida. A gente falava sobre isso esses dias, tem um momento na vida do crime que dá um estalo e você percebe tudo que fez. Quando olhei pra ela e vi que eu tinha feito tudo sem arma, usando minhas mãos, eu senti que estava virando bicho. Ali foi meu limite, na hora tomei consciência do que tinha feito com ela e com todos os outros [...] Ter matado a menina é algo que uso hoje para meu controle. Sempre que fico com raiva, lembro do que fiz com ela e de que não posso repetir. Quando eu penso nisso é algo que me corrói. Porque assim, com os outros parece que eu sempre tinha um motivo, ou era por dinheiro, ou era troca de favores, negócio; mas com ela eu penso, penso e não consigo encontrar nada que justifique. Eu não podia ter feito isso e percebi na hora que vi todo o sangue.

Continuando sua reflexão, Gilberto chega a destinar à Justiça parcela de responsabilidade por seus crimes:

Se eu tivesse sido punido desde o princípio, talvez eu não tivesse me tornado isso e talvez ela ainda estivesse viva [...] Fui preso quatro vezes, só na quinta é que fui condenado. A lei não dava conta de me acompanhar, eu era acelerado, eu vivia acelerado.

Perguntei a Gilberto como é para ele viver, hoje, no ritmo lento da lei. Respondeu: *Já estou adaptado. E também não uso mais drogas, isso me ajuda a estar consciente.*

Adaptar-se à lei no período em que está submetido às normas do Estado parece estar sendo relativamente fácil para Gilberto. Porém, nem mesmo ele garante a manutenção disso a partir de sua saída do sistema prisional.

A vontade de matar ainda existe dentro de mim e eu não sei o que vou fazer para controlar quando eu estiver com raiva. Por exemplo, eu fiquei imaginando ontem se eu conseguiria me segurar se eu ver alguém agredindo meu filho. Chega um amigo e me oferece uma arma ‘você já matou tantos, não vai matar quem agrediu seu filho?’ não sei se me seguro.

Isso nos leva concluir que a inter-relação entre sujeito e a lei jurídica é perpassada por questões que vão além da simples fórmula crime *versus* castigo. Para o sujeito, adaptar-se definitivamente aos códigos jurídicos significa fazer reverberar em si esses códigos, internalizá-los. Trazer algo que foi criado para manutenção da ordem social para a sua significação subjetiva e fazer disso também uma lei individual. Fazê-los conhecer o pecado por intermédio da lei, como

consta numa passagem bíblica⁸. Tarefa indubitavelmente árdua para sujeitos que se aproximam de uma estruturação perversa, pois terão sempre a recusa e o desafio como fios condutores de suas ações.

⁸ Romanos, 7, 7-8: Eu não teria conhecido o pecado se não existisse a lei, nem teria conhecido a cobiça se a lei não tivesse dito: “não cobiça”. Mas o pecado aproveitou a ocasião desse mandamento e despertou em mim todo tipo de cobiça, porque, sem a lei, o pecado está morto.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho não tem a intenção de dar respostas conclusivas sobre os motivos de quem cometeu atos sexuais agressivos. O principal objetivo é estabelecer uma aproximação que permita uma leitura preliminar de homens condenados por violência sexual, uma vez que tendem a ser rejeitados pela sociedade, o que é perfeitamente compreensível. No sentido descrito por Herrmann (1993), a ideia era tomar em consideração suas falas, deixando que se expressassem conforme a dinâmica psíquica, incluindo obviamente as forças inconscientes, de cada um deles.

Minha expectativa era de que por meio dos encontros com esses sujeitos conseguisse captar os sentidos subjetivos do que é, para eles, viver experiências de autoria de violência sexual. Interessava-me também ouvi-los sobre seu lugar na relação mantida com a(s) vítima(s) e também sobre a significação que estabeleceram com sistema de castigos imposto pela Justiça constituída pelo Poder Público.

Sendo uma pesquisa que tomou a Psicanálise como aporte teórico e metodológico, as construções consolidadas sobre a perversão foi o aparato conceitual e o ponto de partida para a análise dos relatos colhidos, partindo-se do pressuposto que é a estruturação perversa que ancora comportamentos sexuais ditos desviantes.

Ressalto que não tenho dados suficientes para considerar os sujeitos desta pesquisa como sendo estruturalmente perversos, pois a análise recaiu apenas sobre alguns de seus comportamentos – seus atos-sintomas, no sentido trazido por McDougall (1983) – e não sobre suas personalidades. Seguindo o sábio conselho dessa mesma autora na obra em questão, é muito mais fácil definir o que entendemos por perversão, do que explicar o nomeado como *perverso*. Em outras palavras: categorias estanques e imutáveis nunca definem satisfatoriamente um ser humano e suas infinitas possibilidades de expressão.

O produto final deste estudo não é a análise e/ou construção de casos, mas relatos sobre eles. Desses relatos, espera-se que contribua para a análise do fenômeno da violência sexual, tendo a ótica de seus autores como ponto de partida. Para tanto, tomou-se uma perspectiva mais ampla, contextualizada histórica e juridicamente. Nisso, as colocações de Fábio Herrmann a respeito de clínica extensa foram de valioso auxílio.

Feito necessário norteamento, passo então às considerações às quais foi possível chegar ao final do presente estudo.

Quanto às leis de regulação jurídica para atos sexuais, os sujeitos dessa pesquisa consideram-nas necessárias. Não defendem o que fizeram como algo que deveria ser aceito pela sociedade. Afirmam que seus comportamentos são normais dentro dos seus próprios padrões, construídos a partir de suas histórias de vida, mas não os defendem como sendo passíveis de aceitação de qualquer comunidade. Reconhecem que seus atos trouxeram prejuízos às pessoas com as quais conviviam e para a sociedade em geral.

Em ato contínuo, reconhecem as punições recebidas como justas e que por decorrência delas estão tendo oportunidade de repensarem os caminhos de suas vidas. Estar preso proporciona, como bem definem Aldo e Gilberto, um momento de lucidez em suas vidas. Um momento em que podem refletir sobre seus atos sem estarem entorpecidos pelas substâncias psicoativas e no qual contam com o controle externo, proporcionado pelo aprisionamento, para supressão dos atos impulsivos.

Antes do aprisionamento as leis significavam em suas vidas apenas um obstáculo a ser vencido. Movidos pelo desafio, viam nas regras legais um estímulo a se embrenharem, cada vez mais, em atos criminosos que aparentemente lhes eram prazerosos. Ficavam à mercê de suas pulsões e isso os levava a realizar as mais diversas transgressões. Admitem que a lei penal proporcionou um controle que não conseguiriam atingir sozinhos, apesar de saberem que não há garantia até onde ou quando podem manter esse controle. Em outras palavras: nada garante que possam, ou não, repetir seus comportamentos, da mesma forma que ninguém tem total controle sobre os próprios atos.

Em relação às pessoas vitimadas, constatei que os sujeitos dessa pesquisa não as consideravam em sua alteridade e necessidades. Dois dos sujeitos, Aldo e Paulo, não se veem como agressores e procuram dividir com suas vítimas a responsabilidade pelos atos criminosos. Aparentemente não conseguem perceber que a violência estava contida na relação de poder que mantinham com elas. Por sua vez, Gilberto, Júlio e Luís, reconhecem que se posicionavam de maneira impositiva, agressiva, fazendo valer apenas o que eles queriam.

Pelo que foi produzido pelas suas falas, foi possível perceber que a transgressão no campo da sexualidade não ocupa lugar de exclusividade na vida dos sujeitos ouvidos, da maneira que se esperaria em um quadro clássico de perversão. Pôde-se perceber que o comportamento sexual desviante, principalmente quando ligado à violência, era acomodado numa miríade de outros delitos. Delinquência juvenil, crueldade com animais, participação em *gangs*, furtos, roubos, uso e tráfico de entorpecentes, constam em seus relatos.

Outro ponto percebido no discurso apresentado - principalmente com Gilberto e Luís - foi a presença da perversidade em seus atos. Esses sujeitos admitiram sentir muito prazer em destinar crueldade aos outros, fossem suas vítimas sexuais ou não. Predeterminavam suas ações e sentiam satisfação nesse planejamento.

Nesse ponto ressalto a importância de estender a análise sobre a perversão para além do campo sexual. Amparada teoricamente na psicanálise freudiana, analisei tais comportamentos à luz do conceito de Supereu e sua importância para a formação do sujeito social, regido pela lei paterna e demais leis de ordenação coletiva. Quando a formação dessa instância psíquica ocorre com falhas, provavelmente comportamentos, como os descritos pelos sujeitos ouvidos, vêm à tona.

Por fim, refletindo sobre a relação estabelecida com os sujeitos da pesquisa, verifiquei que o tempo de escuta proporcionado por essa pesquisa foi utilizado de maneira muito produtiva. Isso aconteceu também com os outros presos que não entraram na pesquisa por não preencherem os critérios. Fizera-me perceber como esses momentos em que se estabelece um campo de escuta pelos quais são postos na condição de sujeito, são bem-vindos para eles e acabam demandando mais encontros e deles fazem exato para refletir sobre várias questões de suas vidas. Discorriam sobre situações e possibilidades de interações a partir de novos caminhos que podem vir a ter, bem como pensavam e reconheciam prejuízos individuais e coletivos dos seus atos.

Falavam de diversos assuntos, desde fatos corriqueiros de suas rotinas familiares até posicionamentos políticos como, por exemplo, que os crimes de “colarinho branco”, que dificilmente são punidos no Brasil. Percebi, então, que usavam o tempo não apenas para falar das dores do cárcere, mas principalmente para esquecê-las. Demonstraram precisar de um espaço no qual pudessem ser sujeitos comuns, que falam de coisas comuns, como demonstrou Gilberto ao

me ressaltar que estava cansado de conversar somente sobre os assuntos de “droga e bandidagem” que ocorrem nas celas.

Nesse sentido, pude perceber que psicoterapias individuais e/ou intervenções grupais de cunho terapêutico e educativo fazem muita diferença na maneira como conduzem o cumprimento de pena e no crescimento pessoal que cada um pode alcançar durante o tempo de encarceramento. Dos cinco sujeitos que aceitaram colaborar com minha pesquisa, três já haviam acessado projetos dessa natureza e, talvez por isso, demonstraram maior capacidade de reflexão sobre seus comportamentos delituosos.

Precisamos saber como a Psicanálise (e a Psicologia) está disposta a ocupar esse lugar de escuta no ambiente prisional. Um lugar que, há de se reconhecer, traz muito desconforto. Não somente pelas características da realidade que circunscrevem um presídio, mas também pela natureza do vínculo que pode ser estabelecido, sobretudo quando se trata de sujeitos que trazem a perversão como condicionante de seus atos. Como ressaltava Clavreul (1990), uma relação analítica, nesses casos, depende se o analista será capaz de sustentar o discurso de um paciente para quem o campo da ilusão permanece o registro privilegiado. O desafio, portanto, passa a ser escapar da armadilha de um contrato que se firma nas impossibilidades e limites de cada um.

Quais são os recursos que o analista pode lançar mão com um paciente que não tem a angústia como fio condutor de seus conflitos? Nos termos descritos por Serge André (1995, p.312), como lidar com a perversão para além de uma simples entidade nosológica, como “certo modo de pensar”? Como lidar com a ética perversa, cuja essência decorre das relações do sujeito com a fantasia e com a Lei?

Qualquer programa de intervenção com essa população, acredito, deverá levar esses questionamentos em consideração.

Sabe-se que o perverso se define basicamente por seus atos, não por seus sintomas. Mas, isso não exclui a hipótese do inconsciente e a possibilidade de construção de um determinado saber na relação analítica.

Como afirma Ferraz (2000) - ao fazer um compilado das principais contribuições de psicanalistas contemporâneos sobre o assunto - seria possível uma clínica da perversão desde que o analista seja hábil em reconhecer os rudimentos de potencialidade criativa e simbólica que vão surgindo e que seja capaz de aproveitá-los com fins de uma maior integração egóica do paciente.

Há um consenso na psicanálise contemporânea de que os atos do perverso podem vir como base de suas defesas. Por isso, há que se concordar novamente com Ferraz (2000) quando ele afirma que apenas “doses toleráveis” de interpretação devem ser aplicadas, dado que suas defesas são, a princípio, erigidas contra a psicose e retirando-as, coloca-se o sujeito numa situação de fragilidade. Nesse mesmo sentido, temos também McDougall (1983) alertando que intervenções invasivas e desmedidas, que imponham ao paciente livrar-se de sua forma de sexualidade abruptamente, colocaria em perigo a sua coesão egóica e o seu sentimento de identidade.

Especificamente sobre a sexualidade perversa cruel, McDougall (1983) nos chama atenção para o fato de que ela pode constituir uma tentativa de dominar o perigo representado pelo outro. O sujeito ficaria encurralado entre o desejo de viver e a impossibilidade de realizá-lo sem violência. Para essa autora o papel do terapeuta seria o de auxiliar o paciente a encontrar uma maneira não violenta, mesmo que ainda desviante, de expressão da sexualidade. Isso permitiria manter a existência de uma vida sexual (ainda que muito limitada) e também o contato com o outro (ainda que demasiado parcial) e com isso se evitaria o perigo de não ter direito a todo e qualquer desejo e o medo do paciente de perder-se na relação com o outro, restituindo uma imagem de si e uma identidade própria sem que ninguém precisasse ser destruído.

Essas poucas aproximações sobre a clínica da perversão foram traçadas no intuito de verificar a possibilidade de intervenções junto a essa clientela, mesmo que eles não sejam os pacientes para os quais a técnica psicanalítica foi originalmente pensada. Como afirma Cassandra França (2005,p.9), não basta mais reconhecer a enorme dificuldade que é manter os pacientes perversos em análise. Resta-nos criar condições mínimas para um possível atendimento clínico que “permita a captura das nergas de angústia quando eles percebem o atravessamento da pulsão de morte em suas vidas; ou quando se defrontam com o desejo tanto de permanecer na fragmentação quanto de provocar a fragmentação da subjetividade do outro”.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, Karla Cristhina; SOUSA, Silas Prado. A perversão sob a ótica da medicina legal. *Reverso*. Belo Horizonte, ano 26, n. 51, p. 85-90, ago/2004.

ANDRÉ, Serge. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Ano 8, 2014. Disponível em:
<http://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPCEAP/8o_anuario_brasileiro_de_seguranca_publica.pdf> Acesso em: 16 jun. 2015.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

AULAGNIER-SPAIRANI, Piera. (1967) A perversão como estrutura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Ano VI, n.3, 43-69, set/2003.

BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. Genealogia da transgressão. *Cadernos de psicanálise - SPCRJ*. V.24, n.27, p. 79-98, 2008.

_____. Governabilidade, força e sublimação. Freud e a filosofia política. *Psicologia USP*. São Paulo, julho/setembro, 2010, 21(3), 531-556.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. *Dados consolidados em 2012*. Disponível em <<http://portal.mj.gov.br/>> Acesso em: 14 mai. 2015.

_____. *Lei 12.015 de 7 de agosto de 2009*. Presidência da República.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm Acesso em: 28/03/2014.

CAON, José Luiz. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 7 (2) (1994).

_____. Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v.10, n.1, 1997.

CASTRO, Joelíria Vey; BULAWSKI, Cláudio Maldaner. O perfil do pedófilo: uma abordagem da realidade brasileira. *Revista Liberdades*, nº 6, jan-abr. de 2011.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução 466/2012 CONEP*. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 15 jan 2015.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Ética e estética da perversão* (1984). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

CLAVREUL, Jean. O casal perverso. In.: CLAVREUL, J. et al. *O desejo e a perversão*. Campinas, SP: Papirus, 1990, pp.113-56.

COHEN, Cláudio. *O incesto um desejo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

CORTELLETE, Camila; PINTO, Daniela D. Martins; MILANI, Rute Grossi . Pedofilia, quem a comete? um estudo bibliográfico do perfil do agressor. *VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar*. 2013. Anais Eletrônico. Disponível em: <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2013/oit_mostra/Camila_Cortellete_Pereira_da_Silva.pdf> Acesso em: 17 mai. 2015.

COSTA, Ana; POLI, Maria Cristina. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 19(188), 2006, p. 14-21.

COSTA, Christian Silva, MELLO, Marcelo Feijó. Indicadores comportamentais de propensão ao homicídio em agressores sexuais. *Jornal Brasileiro Psiquiatria*. 2012; 61 (1), 33-38.

FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. (Coleção clínica psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000.

_____. A recusa do tempo. In.: FRANÇA, Cassandra P. (org.). *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005, p.13-30.

_____. As montagens perversas como defesa contra a psicose. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, v.29 (1) 41-48, 2011.

_____. Resenha de Robert J. Stoller. *Perversion: the erotic form of hatred*. London, Karnak Books, 1986. Edição original de 1975. In: <http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p26_leitura06.pdf> Acesso em: 15 mai. 2015.

FRANÇA, Cassandra P. (org.). *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. (Apresentação). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005, p.09-12.

FREUD, Sigmund. (1905[1901]) Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Vol VII pp.15-116. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Vol VII pp.117-229. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1910) Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 9, pp. 313-23) São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp.108-21) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1913) Totem e tabu. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Vol. XIII pp. 13-162. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914) Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S., *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 13-50) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915) Os instintos e seus destinos. In: FREUD, S., *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 51-81) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1917a) O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 13, pp.424-49) São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1917b) Os caminhos da formação de sintomas. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 13, pp.475-500) São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1919) “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 14, pp.293-327) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 14, pp.161-239) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1923a) Psicanálise e teoria da libido. Dois verbetes para um dicionário de sexologia. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp.273-308) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1923b) A organização genital infantil: um acréscimo à teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp.168-75) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1923c) O eu e o id. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp.13-74) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924a) A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp.203-13) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924b) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp.214-21) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1924c) O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp.184-202) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1926) Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 17, pp. 13-123) São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1927) O fetichismo. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 17, pp. 302-10) São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. (1930) O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras Completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 18, pp.91-122) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1940[1938]a) A divisão do ego no processo de defesa. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Vol XXIII pp.289-96. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1940[1938]b) Esboço de psicanálise. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Vol XXIII pp.151-221. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HABIGZANG, Luísa F. et al. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.21, n.3, pp.341-8, set-dez 2005.

HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

HERRMANN Fábio. Uma aventura: a tese psicanalítica. In: SILVA, Maria Emília Lino. *Investigação e Psicanálise*. São Paulo: Papirus, 1993. P. 133-58. Entrevista concedida a Maria Emília Lino da Silva.

_____. *Andaimes do real*. O método da Psicanálise. 3ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. Da clínica extensa à alta teoria: a história da psicanálise como resistência à psicanálise. *Revista Percurso*, nº29, 2/2002, pp.15-20.

_____. Pesquisando com o método psicanalítico. In: HERRMANN, Fábio; LOWENKRON, Theodor (org.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, pp.43-83.

HISGAIL, Fani. *Pedofilia: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, v. 6, n. 1, p.115-38, Rio de Janeiro: 2003.

JESUS, Núbia A. O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 26, n. 4, 2006, pp.672-83.

LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2.ed. 1992.

MARQUES, Heloisa Maria Vivo. *A voz do abusador: aspectos psicológicos e psicodinâmicos dos protagonistas de incesto*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Católica de Brasília. 2005.

McDOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2.ed. 2001.

_____. *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1983.

MELMAN, Charles. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992.

MEZAN, Renato. O que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, Maria Emília Lino. *Investigação e Psicanálise*. São Paulo: Papirus, 1993, pp. 49-89.

MORAIS, Normanda Araújo et al. Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: um estudo com caminhoneiros brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol.23, n.3, pp.263-72, jul-set 2007.

PECHORRO, Pedro S.; POIARES, Carlos; VIEIRA, Rui Xavier. Caracterização psicológica de uma amostra forense de abusadores sexuais. *Análise Psicológica*. Ano 4, n.XXVI, 2008, pp.615-23.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, vol. 22, n.1, pp.180-88, 2010.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, vol. 4, n. 2, pp.329-48, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos*. Uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____.; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. Violência e supereu. In.: SOUZA, Mériti; MARTINS, F.; ARAÚJO, J.N.G. (orgs.). *Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p.151-62.

SANFELICE, Mirela Massia; DE ANTONI, Clarissa. A percepção do abusador sexual sobre (sua) sexualidade. *Revista interamericana de psicologia*, vol.44, n.1, 2010, pp.131-9.

SERAFIM Antonio Pádua et al. Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Revista Psiquiatria Clínica*. Ano 36, n.3, 2009, pp.105-11.

SOUZA, Paulo César. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

SUDÁRIO, Sandra; ALMEIDA, Paulo Cesar; JORGE, Maria Salete Bessa. Mulheres vítimas de estupro: contexto e enfrentamento dessa realidade. *Psicologia & Saúde*, Ano 17, n.3, set-dez 2005, pp.73-9.

TANIS, Bernardo. Solidão: clínica e cultura. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (org.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004 pp.85-94.

VARGAS, Joana Domingues. Padrões do estupro no fluxo do sistema de justiça criminal em Campinas, São Paulo. *Revista Katál*. Florianópolis vol.11, n.2 pp.177-86, jul-dez, 2008.

VIGNOLES, Patrick. *A perversidade*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

8 APÊNDICE - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMPORTAMENTO SEXUAL TRANSGRESSIVO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE ABUSADORES SEXUAIS

Pesquisador: LUCILENE ZANOL

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 32095314.1.0000.5300

Instituição Proponente: Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 729.726

Data da Relatoria: 06/06/2014

Apresentação do Projeto:

COMPORTAMENTO SEXUAL TRANSGRESSIVO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE ABUSADORES SEXUAIS.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender o comportamento sexual transgressivo a partir da perspectiva do próprio sujeito condenado judicialmente por crimes sexuais e em cumprimento de pena no regime fechado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos aos sujeitos são mínimos, pois eles terão liberdade para não responderem as perguntas que lhe trouxerem algum incômodo. O enquadre qualitativista e psicanalítico dos atendimentos permitirá efetivar apoio psicológico aos sujeitos sempre que houver necessidade.

Benefícios:

Intenciona-se que os sujeitos não apenas responda a perguntas de maneira mecânica, mas sim que reflitam sobre sua sexualidade e sobre sua vida em geral, o que permitirá as construções analíticas a respeito da temática. Este ato, por si só, é passível de trazer aos sujeitos benefícios de cunho terapêutico, apesar desse não constituir o objetivo principal das abordagens.

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.

Bairro: Centro

CEP: 78.000-000

UF: RO

Município: PORTO VELHO

Telefone: (69)1182-2111

E-mail: cep.unir@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 729.726

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Justifica-se o presente estudo ao considerar a violência sexual um fenômeno complexo composto por inúmeras variáveis, sendo uma delas, entender a motivação do sujeito para agredir. A relevância social de um estudo desta natureza advém do fato de que um melhor entendimento do ponto de vista teórico poderia colaborar para práticas mais efetivas no sentido de diminuir a possibilidade de novos eventos violentos. Do ponto de vista acadêmico, acredita-se que a presente pesquisa trará positivas contribuições, pois são escassos os trabalhos a partir desta perspectiva, conforme verificado no portal de periódicos da Capes, Scielo e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou todos os documentos obrigatórios exigidos pela resolução 466 12 dez 2012.

Recomendações:

não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise com base na resolução 466/2012/CNS o reator se manifesta a favor da aprovação do protocolo de pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO VELHO, 28 de Julho de 2014

Assinado por:
Edson dos Santos Farias
(Coordenador)

Endereço: Avenida Presidente Dutra, 2965 campus José R.
Bairro: Centro CEP: 78.000-000
UF: RO Município: PORTO VELHO
Telefone: (69)1182-2111 E-mail: cep.unir@yahoo.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

Z33s

Zanol, Lucilene.

À sombra da maldade: relatos de homens autores de violência sexual /
Lucilene Zanol. - Porto Velho, Rondônia, 2015.
113f.

Orientador: Prof. Dr. José Juliano Cedaro
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Fundação Universidade Federal
de Rondônia - UNIR

1.Psicanálise. 2.Violência sexual - direito. 3.Agressor. I.Cedaro, José
Juliano. II.Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.III. Título.

CDU:159.964.2

Bibliotecária Responsável: Carolina Cavalcante CRB11/1579